

FICÇÕES

REVISTA DE CONTOS

George Sand | Katherine Mansfield | Elizabeth Bishop | M. John Harrison | Ursula Le Guin | A. S. Byatt | Enrique Vila-Matas
Direcção: Luísa Costa Gomes | Edição: Editorial Caminho

FICÇÕES

REVISTA DE CONTOS N.º 13
1.º SEMESTRE DE 2006

Direitos de autor:

George Sand: direitos morais, Christiane Sand; «The farmer's children» de *The Collected Prose*, por Elizabeth Bishop. Copyright © 1984 Alice Helen Methfessel. Reimpresso com autorização de Farrar, Straus and Giroux, LLC.; Copyright © M. John Harrison, agente Mic Cheetham, Mic Cheetham Literary Agency; Ursula Le Guin, Copyright © Ursula Le Guin, agente Christine Cohen, Virginia Kidd Agency, Inc.; A. S. Byatt, Copyright © A. S. Byatt, agente Sam Edenborough, Intercontinental Literary Agency; Copyright © Enrique Vila-Matas

Ficções

ficcoes@editorial-caminho.pt

www.ficcoes.net

Direcção

Luísa Costa Gomes

Impressão

Tipografia Lousanense, L.^{da}

Distribuição

Editorial Caminho, SA

Tiragem

1800 exemplares

Depósito Legal

233 171/05

Edição

Editorial Caminho, SA

Av. Almirante Gago Coutinho, 121

1700-029 Lisboa

www.editorial-caminho.pt

© Ficções 2006 e Editorial Caminho 2006

Índice

- 5 George Sand *O Marinbo*
- 25 Katherine Mansfield *As Filbas do Defunto*
Coronel
- 59 Elizabeth Bishop *Os Filhos do Lavrador*
- 77 M. John Harrison *Egnaro*
- 115 Ursula Le Guin *A Menina Grande do Papá*
- 133 A. S. Byatt *Cristo em Casa de Marta e de Maria*
- 145 Enrique Vila-Matas *Viagem a Uma Rua*
de Paris e à Origem
dos Telefones Portáteis

George Sand

O Marinbo

Versão de Amadeu Lopes Sabino

George Sand (1804-1876). Nasce Amandine Aurore Lucile Dupin em Nohant, no ano em que Napoleão é sagrado imperador dos Franceses. Órfã de pai aos quatro anos, é entregue pela mãe à avó paterna e é criada no campo ao ar livre, com um preceptor assaz excêntrico que lhe incentiva as originalidades. Aos catorze anos é internada num convento para ser educada e sofre uma crise mística. Quando a avó morre, Aurore herda a casa de Nohant e parte para Paris com a mãe. Encontra o barão Casimir Dudevant, com quem casa e de quem tem um filho, Maurice. A filha, Solange, será talvez de um velho amigo, Stéphane de Grandsagne. Cedo se tornam óbvias as divergências insanáveis no casamento e Aurore passa bastante tempo longe de casa. Desde 1830 que vive metade do ano em Paris, onde estabelece relações com o meio cultural da época. Veste-se de homem para seguir os amigos para todo o lado sem impedimento. Adopta o nome de George Sand, parecido com o nome do amante, Jules Sandeau. Escreve para *Le Figaro* e para a *Revue de Paris*. Liga-se brevemente a Merimée, apaixona-se por Musset e parte com ele para Itália. Através de Musset conhece Liszt e Heine. Conhece Balzac, é amiga de Delacroix, que faz um primeiro retrato de Sand e com quem o filho Maurice estudará pintura. Torna-se cada vez mais activa politicamente, de convicções republicanas. Aurore escreve relatos de viagens, novelas, romances, teatro, crónicas e artigos, sendo grande parte da obra de pendor marcadamente autobiográfico. Na sua autobiografia *Histoire de ma vie* faz um retrato generoso e vibrante da época em que viveu e das personagens que conheceu, entre eles Chopin, de quem foi amiga íntima durante oito anos. George Sand escreverá até à morte, aos setenta e dois anos, em Nohant.

O conto que se inclui na *Ficções* tem o título de *Garnier* e foi publicado pela primeira vez em *Le Livre rose*, de 1834, sendo reimpresso na edição da obra de Sand feita por Calman-Lévy, Paris, 1876.

Na história dos povos e nas revoluções dos impérios poucos elementos há tão aptos a fornecer matéria suficiente para observações filosóficas e psicológicas como o método seguido pelo meu amigo Marinho para se tornar amante da mulher por quem se apaixonara.

O meu amigo Marinho é um homem probo e amável, de hábitos simples, moderado em política, cheio de ideias novas e de respeito pelas conveniências. É um rapaz de porte tão irrepreensível que ninguém lhe pede o reembolso das dívidas; não é fanfarrão nem conflituoso, é incapaz de bater no criado (se o tivesse) e ostenta um orgulho justificável, sobretudo nos dias em que escanhoa os queixos. O seu extremo apuro e a delicadeza dos seus modos têm sido suficientes para, no meio onde vive, lhe perdoarem uma certa tendência para a escola satânica. Não penso que ele se tenha jamais considerado em absoluto um Lorde Byron; e trata-se de algo tão mínimo que nem vale a pena falar

nisso: a tendência para o satanismo é tão pouco significativa nele próprio, e tão comum hoje em dia, que não vejo por que razão ele deveria contrariá-la.

Hoje é muito fácil ser Lorde Byron, mas é ainda mais difícil não o ser. Não falo dos literatos, para quem a abstenção é nesse capítulo muito difícil. A razão é simples de determinar, pois ninguém gostaria de escrever um livro que os jornais ignorassem, e os jornais não falam de livros sem mencionar o grande Lorde Byron. O nome de Byron figura em todos os artigos literários impressos desde 1826. E, para só falar da vida privada, esta espécie de personagem indispensável nas tertúlias propaga-se todos os dias e em todos os sectores da sociedade. O dandismo começou, é certo, em Inglaterra, por exigir que o papel de Byron fosse atribuído a alguém que coxeasse de maneira notória; temos hoje, todavia, ideias mais tolerantes a esse respeito, e considerava-se suficiente a vocação. Se a vocação é fraca, um criado de quarto competente deve, ao entregar as luvas ao patrão, observar respeitosamente: «E Vossa Excelência não se esqueça de ter presente que imita o grande Byron.»

De acordo com as características pessoais, o Marinho introduzira pequenas modificações no argumento. A tranquilidade das suas ocupações e a excentricidade do lugar onde vivia não lhe permitiam desprezar a Humanidade. Eu já disse mais acima que o nosso homem tinha poucas dívidas; não escrevia versos e detestava brutamontes e pombinhas. Por outro lado (aspecto importante!), não tinha amante nem gastrite, e possuía um só fato. Numa palavra, em comum com o nobilíssimo lorde, só tinha braços e pernas – e não uma perna

única, pois que o Marinho foi sempre de constituição robusta, assente em dois pés avantajados.

Acontece que o destino reservou um golpe terrível a esta criatura boa e calma. Dois acontecimentos de pouca importância determinaram o episódio mais crítico da vida do pobre rapaz. Os leitores desta história verão que ele nasceu para justificar dois provérbios opostos entre si – e não se espantem, pois cada provérbio tem o seu contrário, e a sabedoria das nações faz os possíveis, quando consultada, por responder em simultâneo sim e não, como por exemplo: «*Quem não arrisca não petisca*» e «*Devagar se vai ao longe*». Bem melhor, é claro, que os oráculos antigos, que nunca respondiam nem sim nem não.

Em certo dia de um Inverno rigoroso, o Marinho, tristemente apoiado ao fogão de sala tristemente apagado, reflectia nas coisas do mundo. Passava em revista a provisão de lenha, os livros, a mesa-de-cabeceira, o candeeiro e o fato verde, e dizia, abanando a cabeça, que não é nos bens materiais que reside a verdadeira felicidade.

Os bens em causa eram, convenhamos, de pouca monta: os livros estavam sujos de pó e fumo, o candeeiro em estado deplorável, o fato verde metia dó. Oh, se o leitor o visse, o fato dos dias de festa, emblema dos domingos, estendido na cadeira manca, enxovalhado e simplório! Os adereços e o colarinho fariam chegar as lágrimas aos olhos de quem os visse. Afinal de contas, o Marinho tinha uma alma como deve ser: não se deixava deslumbrar por dá cá aquela palha e não respeitava um alfaiate mais do que é devido. Mas se é verdade que qualquer homem passa por maus bocados, não é também certo que a pobreza não ajuda a minorá-los?

A melancolia que escorre pelas goelas sob a forma de um melão mal digerido ou de um romance recém-publicado é, diz-se, tão real como a que habita o tecto de um pelintra sob a forma de uma vaga memória de lavandaria ou de um botão em falta no fato único. Nada disto é nem justo nem caritativo. Para os ricos, a tristeza é apenas a irmã do aborrecimento. Entra, às vezes, através das sacadas abertas e, como um fio do novelo da Santa Virgem, percorre os salões. Cola-se, então, por instantes, aos frisos esculpidos e aos ângulos dos enquadramentos góticos; depois, o ladrar de um cão e o perfume de uma chávena de chá afastam-na e dissolvem-na na atmosfera. Ora, nas trapeiras dos pobres, a melancolia estende, da porta até à janela, uma grande teia de aranha; poucos e fracos raios de Sol ousam infiltrar-se e anunciar o dia através dessas malhas espessas; um insecto dança aqui e acolá no meio de uma nuvem de pó, enquanto o monstro de patas aveludadas se agarra e suspende em todos os sentidos.

O Marinho abriu a janela. Olá! Que frio magnífico! Como se houvesse frios magníficos quando se contam os madeiros para o fogão! Não havia nuvens, o mundo despertava seco e nítido como um prato de estanho. As carruagens iam e vinham. Também ele amava a vida! Tornara-se assinante de um gabinete de leitura e sentia-se repleto de desejos, de seiva e de fermentação, à maneira do protagonista de um drama moderno!

Como qualquer outro cidadão, via em sonhos legiões de rapariguinhas frágeis, exércitos de seres angélicos e de andaluzas de cabeça fresca! Também ele compreendia profundamente a Idade Média e era um

homem do seu tempo, a expressão do seu século, como um prefácio novo! E estivera na véspera no Passeio Público, onde dera de caras com um anjo de luz vestido de cor de laranja.

Eis o que decepcionava o nosso Marinho. Sim, se nessa hora de angústia ele dispusesse de uma tipóia com cocheiro, teria ido até à Baixa, ao Terreiro do Paço, ao Aterro, procurar no meio da multidão colorida e brilhante, por entre mil cabeças, o vestido laranja da bela. Ah, se ele tivesse um puro-sangue espanhol, de crina fulva, grande e filiforme como a seda, de pé sonoro e olho vivo! Se fosse dono de um trenó russo com guizos de prata e mulas velozes ornadas de penas cor de púrpura! Ou de uma gôndola veneziana, de lanterna na cabeça de cisne e dois remos azuis quais asas palpitantes! Ou se fosse senhor de um dromedário egípcio, de uma rena da Lapónia, de um elefante siamês! Ah, se nesse momento tivesse no bolso cem patacos!

Que diabo! Todos os dias o mesmo jantar e o mesmo fato verde! Pode chamar-se vida a isto!? Não será o suicídio uma das necessidades do século, uma das consequências da literatura? O Marinho olhava de soslaio para uma pistola que pendia da parede, uma pobre pistola sem detonador, incapaz de fazer mal a uma mosca.

– Triste e fiel amiga – disse o jovem – que encerras tu nessas entranhas de ferro? Que segredo misterioso de dúvida e terror dirás ao ouvido do homem suficientemente ousado para te assestar contra uma das suas têmperas esquálidas? Que verdade terrível irá emergir do disparo da tua velha bateria enegrecida pelo fumo?

– Que pena! – parecia responder modestamente a pobre pistola sem fel. – Eu já não disparo e tu não tens

pólvora. Uma detonação funesta, se me virasses contra ti, anunciaria a minha própria morte e não a tua; os fragmentos que receberias no nariz e nos olhos seriam as únicas marcas que eu poderia deixar-te dos meus longos e cruéis serviços.

Não é horrível cair assim sob o império de outrem? Quando penso que há menos de um mês o Marinho errava ainda pelos prados floridos, leve como uma alvéola campestre! Tinha os laços dos sapatos húmidos de orvalho, lágrimas de candura flutuavam-lhe nos olhos.

– E então, quem lhe dava o braço?

– Que importa? Pois bem, era uma lavadeira de Caneças!

Oh solidão saloia! Oh gozo do pobre! Quem não te conhece, nunca riu nem chorou.

O Marinho puxou da viola e esfregou as mãos. Ensaiou *Di tanti palpate*. Um realejo que passava na rua tocou imediatamente o coro dos montanheseiros de *A Dama Branca*. Uma costureirinha apareceu à janela. O som de uma trompa de caça subiu da cave de um comerciante de vinhos, um cãozinho lançou um uivo medonho, o Marinho sentiu-se inundado por um sentimento de harmonia. Um dilúvio de lágrimas ia aliviá-lo quando alguém tocou à campainha.

Um criado de libré apareceu à porta. O Marinho reconheceu-o, era o do jovem Três-Estrelas, um amigo de infância e camarada de colégio. Várias vezes a equipagem ruidosa desse homem dado aos prazeres parara à porta do estudante modesto. Várias vezes acontecera que o Marinho, caminhando nos bicos dos pés como uma andorinha em tempo de chuva, entrara na residência esplêndida do pai do Três-Estrelas, depois de,

com a ponta das luvas cor de manteiga fresca, ter levantado ligeiramente o martelo recém-envernizado da porta principal; e as suas meias de seda manchadas de sujidade enterravam-se então com respeitinho na lã fofa dos tapetes. Bem bebido, o Marinho passara horas agradáveis, embalado pelo tilintar de vidros e pratos; por vezes, ao café, de cotovelos na mesa, ousava a anedota concisa cujo teor, um tanto ou quanto satânico, fazia sorrir o nobre lar. Mas nunca a figura ossuda e espantada do laçao que acabara de tocar à porta lhe aparecera em momento mais oportuno.

Abriu uma carta. Eis o que a carta dizia: «Meu caro amigo, prestes a partir para, etc., onde ficarei três semanas, venho dizer-te que, etc. Assinado: Três-Estrelas. *Post-scriptum*: Dá-me o gosto de me enviar duas dezenas de lápis e de montar os meus cavalos o mais frequentemente que possas. Sabes que são teus e que te devo essa atenção. Adeus, até breve, meu querido Marinho.»

Que pensa o leitor que fez o dito Marinho? Que ficou contente, que correu a buscar o fato verde? Não ficou nada contente. Correu, é verdade, a buscar o fato verde – admito –, embora tenha franzido o sobrolho. Meteu decididamente as mãos nas algibeiras, como se quisesse desafiar os fundos. Enfiou o queixo na gravata e a chave na bolsa. No momento em que batia com a porta de casa, dizendo ao Chico que o seguisse, assobiou a mais insensata das árias.

Peço ao leitor que acredite que não estou a brincar. Que tenha em conta que esta história não é uma fábula. O Marinho vive no Beco das Almas Penadas. E é de uma família da Porcalhota.

Mal chegou a casa do Três-Estrelas, montou a cavallo. Mal montou a cavallo já estava a caminho da Baixa. Mal chegado à Baixa, galopou até ao Aterro. Chegado ao Aterro, procurou à esquerda e à direita a bela que encontrara no Passeio Público. A dama passou perto dele, lentamente e numa caleche descoberta. Olhou para ela várias vezes mas não a reconheceu, dado que ela se esquecera de pôr o vestido laranja e envergava uma capa azul. Quanto à bela, também não o reconheceu, apesar de ele usar o mesmo fato verde, dado que na véspera não reparara nele.

O Marinho, das três às cinco, deu voltas ao miolo para descobrir um vestido laranja. Uma chuva miúda começou a cair, as equipagens apressavam-se, uma após outras, na direcção do Terreiro do Paço. Baixavam-se as cortinas, levantavam-se as capotas, os cavaleiros ingleses abriam os guarda-chuvas, os lusitanos estalavam os chicotes contra o vento pesado e húmido que lhes debotava os bigodes retorcidos. No momento em que o Marinho, seguindo a manada, corria para o Beco das Almas Penadas, um vestido da mais aprazível cor de laranja passou-lhe em frente do nariz com a rapidez de um raio. O Marinho estacou de imediato. Isto é, quis estacar de imediato, mas o cavalo foi de outro parecer e estabeleceu-se entre eles um diferendo. O cavalo, habituado a uma mão firme, avançou tão boas razões para seguir caminho que o Marinho esteve a ponto de as conhecer, caindo de costas. Não insistiu e, dando rédea solta, partiu a galope atrás do vestido laranja. Em breve se viu ao lado da caleche da bela, e do Cais do Sodré até ao Rossio houve olhares fatais e suspiros a granel.

O Marinho era bem apessoado, pequeno e bochechudo. Uma floresta de cabelos negros, cuja desordem anunciava um homem superior, valera-lhe, apesar das pretensões byronianas, a alcunha de Werther das Guedelhas. O cavalo do Três-Estrelas ia meditando na morte da bezerra, e o Marinho deixava-se levar com perfeito à-vontade. O seu fato único, pelo hábito reiterado do convívio, acabara por se acomodar às medidas do proprietário. Aliás, a chuva aumentava o mérito dos propósitos do nosso herói.

A dama laranja, essa, era seca e determinada. Tinha boca de orelha a orelha e testa até ao alto do crânio. Bem feita, de bom tamanho. Uma dessas belezas lisboetas que brilham nos salões de baile e de quem o Tolentino disse que metem o colchão dentro do toucado. Recordou-se do Marinho quando, ao chegar a casa, a criada de quarto lhe trouxe as pantufas. Pensou nele até às seis e um quarto, hora a que saiu para jantar.

De modo que os oito dias seguintes se passaram assim: às quatro da tarde, o Marinho montava a cavalo, ia até ao Aterro, encontrava a dama laranja e, a trote, escoltava a caleche. A dama olhava para o Marinho desde o Cais do Sodré até ao Rossio e pensava nele enquanto calçava as pantufas, até às seis e um quarto, hora a que jantava, fora ou em casa.

Ao nono dia choveu a potes. E eis de novo o Marinho que eu conheço: nem cavalo nem dama laranja; percorre-o um arrepio mortal – a Lua cheia, feiticeira e sinistra, sobe no firmamento. O fogão de sala, meio apagado, suportou de novo a cabeça sonhadora do Marinho. O fato verde regressou à pose lastimável em cima da cadeira quebrada, e a pistola inofensiva foi, uma

vez mais, observada de soslaio de manhã e à noite. Era urgente tomar medidas. O Marinho agarrou numa pena e escreveu: «Senhora, sigo-a desde há muito, talvez ainda não me tenha dado a honra, etc., etc.»

É sabido o que ele escreveu: escreveu o que toda a gente escreve, o que Adão escreveu a Eva, o que o leitor escreveu ontem e escreverá amanhã. A dama laranja comoveu-se. Pediu a direcção de Marinho e, na resposta, proibiu-o de continuar a sonhar com ela. Ele, presa do mais penoso dos desesperos, passou o resto do dia debaixo das janelas da bem amada. À noitinha, sem um vintém no bolso, derreteu-se em amabilidades com o porteiro durante meia hora. A criada de quarto entreabriu-lhe a porta e, caminhando em bicos dos pés, o desgraçado correu a ajoelhar-se aos pés da bela Amélia.

Como já ficou dito, o Marinho entendia a paixão descabelada, o amor dramático e muitas outras belíssimas coisas que fazem parte dos nossos costumes. A dama mandou conduzi-lo à porta da rua depois de lhe ter dado a mão a beijar. No dia seguinte, contra todas as expectativas, o Sol brilhou. O Marinho, enlanguescido, enviou um recado à dama laranja. Pedia-lhe uma entrevista, que foi concedida. Às duas montou a cavalo. O encontro seria às quatro. A dama laranja apareceu no Aterro. Os olhos semicerrados revelavam a fadiga de uma noite de remorsos. Abaixara-se mais do que era hábito dentro da caleche, e o *rouge* que pusera no rosto denunciava medo e esperança. Juntou-se um grupo de jovens que, na noite anterior, com a dama laranja à frente, tinha dançado a polca janota durante duas horas e meia. A bela dançara como um anjo.

Enfeitara-se com os atavios mais deliciosos do mundo. O Marinho, soprando nos dedos, compreendeu que lhe competia pagar a factura.

Já adiantei acima que dois acontecimentos, aparentemente frívolos e totalmente devidos ao acaso, decidiram do destino do Marinho. Nesse momento preciso, ele atingira o mais alto grau de felicidade, a sua boa estrela encontrava-se no zénite. A da dama laranja aproximava-se, cintilando como um planeta trémulo. O ideal do nosso Marinho descia à terra. E, como o Teodoro de Lope de Vega, ele sentia-se prestes a estender os braços aos céus, gritando: «Fortuna, crava um prego de ouro no eixo da tua roda! Pois debes deter-te aqui!» Correu para a dama laranja, querendo integrar-se no grupo que a saudava. Infelizmente, ao avançar, cravou sim, imprudentemente, as esporas na barriga do cavalo do Três-Estrelas, que continuava a meditar na morte da bezerra. Houve de novo um desaguisado entre ambos. Desta vez as razões do cavalo foram tão boas e tão convincentes que o Marinho, rendido, caiu de cabeça no chão sem sofrer uma beliscadura.

Já jurei que esta história é verdadeira. Já declarei onde mora o Marinho. A verdade obriga-me a acrescentar que a caleche seguiu caminho e que, à noite, quando ele, num último assomo de alegria, se apresentou na residência da dama laranja bateu com o nariz na porta.

A dama troçava do pobre rapaz ou aborrecera-se dele por causa da queda desastrada? Nada, na verdade, motivara o acidente. Porém, se ela conhecesse o Marinho, saberia que raramente havia motivo para os acidentes de que era vítima. O acaso, deus dos au-

daciosos, parecia querer reservar-lhe os mais irónicos contratempos, como se lhe destinasse o convívio com simpáticos anões maliciosos. Que me seja permitido citar um exemplo. Um dia, o Marinho, preparando-se para escrever uma carta, deixou cair a pena e pisou-a. Foi buscar uma nova, mas cortou o dedo ao talhá-la. Abriu um armário, à procura de um penso. A gaveta resistiu; forçou-a e entornou a tinta vermelha em cima do papel branco. A tinta corria, dividia-se em mil canais, desenhava arabescos que ameaçavam atingir as calças novas. O nosso herói, de dedos ensanguentados, não ousava tocar em nada. Deu uma cotovelada no armário e a dor causada pela chave em que embateu fê-lo pular. A cadeira oscilou; o biombo, espetado detrás da cadeira, perdeu o equilíbrio e, inclinando-se com majestosa lentidão, cobriu, de batentes abertos, a mesa, o candeeiro e o próprio Marinho.

Tudo isto parecerá pueril ao leitor. Trata-se, no entanto, das infelicidades do Marinho; mas como a vida dele estava repleta dessas infelicidades, os seus dissabores mais ligeiros sucediam-se ininterruptamente, acabando, como gotas de água, por compor uma torrente implacável sob a qual se debatia em vão, no mais patético desespero.

Definhando de vergonha e raiva, não podia conceber que uma queda de cavalo numa calçada pudesse bastar para lhe fazer perder um coração de mulher. Jurou nunca mais voltar ao Aterro, não tornar a ver a Amélia, e a bola de sabão em que vivia, furada por um alfinete, evaporou-se nos ares e encheu-lhe a cabeça de gás sulfúrico. «Mas eu nem sequer me feri!», dizia uma manhã, vendo ao espelho a cara rubicunda coberta de

lanhos da navalha da barba. O pobre diabo não era capaz de perceber que o mal residia precisamente no facto de se não ter ferido. Se, pelo menos, tivesse partido uma costela, tudo estaria salvo, e as mais ternas lágrimas e os bálsamos mais finos ter-lhe-iam aliviado as feridas nessa mesma noite. Teria então podido, qual Ca-tão, o Antigo, rasgar o órgão que sangrava e morrer pela mulher amada. Erguera-se, porém, no instante da queda, e julgou comportar-se convenientemente recebendo com um sorriso o cruel insulto do destino.

Apossou-se dele a mais negra acédia: nunca fora tão inteiramente Byron. Pela primeira vez na vida tinha o pleno direito de odiar o género humano. Renunciou ao mundo e, de mão firme, escreveu na primeira página de uma bela resma de papel o título de um romance epistolar com a seguinte epígrafe.

«Frailty thy name is woman»

Acontece que a dama laranja tinha por marido o mais singular dos homens. Tratava-se de um rotundo barril de cerveja com espuma. O nariz parecia a trombeta do Juízo Final. Tudo o que fazia e dizia assemelhava-se ao estardalhaço de uma carroça. Se alguma vez lhe tivesse passado pela cabeça esconder-se nos aposentos da mulher para surpreender uma intriga, teria sido vítima, como numa canção italiana, de um espirro intempestivo. Mas jamais lhe passou pela cabeça semelhante ideia. A sua vida decorria calmamente, entre dois trilhos profundos, agitada aqui e acolá pelos solavancos das suas próprias gargalhadas fenomenais. Depois de quinze anos de casamento, apaixonava-se regularmente pelos adoradores da mulher. Só vira o nosso

Marinho uma ou duas vezes; no entanto, essa irresistível simpatia fizera efeito e, na Primavera, quando organizou os jantares periódicos na quinta, foi necessário que, com vontade ou sem ela, o seu novo conhecimento aceitasse o convite. Passeando um dia, por essa época, no jardim do bom do homem com o meu amigo Marinho, observei-lhe como, cá na Terra, a felicidade depende de bem pouca coisa. Que teria acontecido, em 27 de Julho, se tivesse chovido a cântaros? Que seria do Universo se Brutus, nos idos de Março, se tivesse engasgado, como Anacreonte, com uma uva inteira? Qual o destino do meu leitor se ganhasse a lotaria?

O Marinho, que não jogava na lotaria, negava positivamente essa possibilidade. Detestava a literatura filosófica e fizera sempre questão de se abandonar com confiança ao mesmo acaso que tão assiduamente o mistificava. Ergueu os olhos ao céu. Que pena, a sua estrela feliz desaparecera! O planeta da dama laranja brilhava, solitário e orgulhoso, num éter sem nuvens. Um vento ligeiro fez tremer as folhas, e um vapor diáfano, deslizando sobre as colinas longínquas, subiu repentinamente no horizonte. Elevou-se em silêncio na direcção da Via Láctea; depois, tornando-se mais e mais espesso, deteve-se, como que inseguro do caminho a seguir. Os rouxinóis cantavam à beira do lago; as flores abriam-se ao orvalho. Um ruído surdo e distante anunciou que o ar se carregara de electricidade. Então, a nuvem desceu à terra e, por magia, estendeu dois tentáculos sombrios de Oriente a Ocidente. Uma falha ínfima, semelhante a uma ferida profunda, deixava adivinhar a imensidão celestial. O planeta da dama laranja cintilava audacioso. Como flechas lançadas por um

arco mongol, os seus raios acerados traçavam do céu à terra uma hipérbole de fogo. Contudo, foi em vão que o planeta lutou contra a tempestade: a nuvem, furando-o de repente, com um estampido terrível, devorou-o e aniquilou-o.

A chuva forçara-nos a entrar no salão, e em breve nos sentámos à mesa. O Marinho, que não podia curar-se do amor fatal, não deixava de fazer a mais estúpida das figuras em todo o lado onde aparecia. A dama laranja, convenhamos, desdenhava-o completamente. Jamais estivera tanto à moda.

Nunca, como nesse dia, ele fora objecto de zombarias mais mordazes e de provocações mais cruéis. A ironia é uma figura de retórica que, quando não usada com prodigalidade, produz grande efeito. O que levava a bela Amélia a rir a bandeiras despregadas é que possuía belos dentes. A cada dichote picante que lhe saía dos lábios, sobrepondo-se à música da baixela e ao bater dos pés dos lacaios, grassava a alegria ruidosa do anfitrião. O Marinho mostrou-se de início muito pouco sensível a tudo o que acontecia à sua volta. Bamboleando-se a dois passos da mesa e pisando o guardanapo, conformava-se escrupulosamente aos seus hábitos devoradores: de cabeça curvada sobre o prato, não deixava o criado, na volta à mesa, aflorar-lhe em vão a cabeleira revolta; e se, por acaso, ouvia uma palavra da conversa, limitava-se a um trejeito, à direita e à esquerda, fixando os vizinhos com um olhar inquieto.

À sobremesa, quando dois autores românticos e um tenente dos dragões começaram a proferir despautérios, o pároco da aldeia baixou os olhos e viu à sua frente uma taça de água quente cuja utilidade ignorava de

todo. Era a primeira vez que saía do presbitério para jantar na quinta. Depois de hesitar uns momentos, tomou a opção corajosa de engolir, por delicadeza, a poção desagradável. A dama laranja, vendo o que sucedera, encantada com a aventura, fixou os olhos no Marinho, à espera de que ele fizesse outro tanto. Mas ele era, por natureza, o ser mais distraído do mundo. Encontravam-no às vezes sem chapéu, e sempre que descia à rua, carregado com um embrulho suficientemente pesado para ter de chamar um fiacre, esquecia infalivelmente na viatura o objecto que o forçara a tomá-la. Não engoliu a poção da taça mas quase. E deteve-se a tempo de entornar suavemente o líquido em cima dos joelhos da vizinha.

A dama laranja não pôde conter-se e, para evitar uma gargalhada estrondosa, mordeu precipitadamente uma amêndoa com casca, que tomou por uma amêndoa coberta de açúcar. Não sei bem como tudo se passou, nem se a amêndoa era uma noz, mas o facto é que a dama, pura e simplesmente, partiu um dos dentes ao meio. O dente caiu no prato, e o criado, emperdigado e atento na retaguarda, retirou num ápice o corpo do delicto. A Amélia não soltara um único gemido. Assentou um cotovelo na mesa e olhou em volta para saber se os outros tinham visto o que acontecera. Todos se tinham apercebido, todos os olhares se concentravam nela, e nem os mais caritativos dos convivas se impediram de comentar, berrando, o sucedido.

Impossível recolocar o dente funesto. Já a dama ouvia murmurar: «A senhora dona fulana de tal tem um dente postiço.» Perdera a beleza, o seu reinado findara.

O Marinho devorava-a com os olhos. Como a lamentava sinceramente, ele, que essa beleza fatal reduzira ao desespero! Como estaria disposto a estatelar-se do cavalo, durante oito dias seguidos, de manhã e à noite, na cidade e no campo, para recolocar nessa boca adorada a pérola que daí caíra! Como sofria por ela! Oh, as lágrimas grossas que lhe rolavam dos olhos! Como ele a seguiu tristemente quando, agarrando no xaile e no chapéu, ela fugiu para o jardim para aí chorar lágrimas de fel!

A Amélia sentia-se desesperada: a sua estrela perdera-se na imensidão cósmica. De tantos prazeres e de tanto orgulho só lhe restavam agora a piedade do mundo e viver quarenta anos com um dente a menos.

A bela Amélia tomou o Marinho como amante. Partiu com ele para Itália. As últimas cartas de Milão anunciam que o dente foi substituído com esmero e perfeição e que ela, a diva, tem horror às nozes.

Nota sobre a tradução:

Garnier, de George Sand, é um texto hiper ou super-romântico (depende do leitor e, sobretudo, da leitora). Trata-se de um «conte», na classificação francesa de géneros literários, o que em português se diria uma fábula, ou uma historieta, ou uma história da Carochinha. Através da duplicidade de referentes, da ironia e do contra-senso, a escrita convida o leitor à crítica sarcástica dos lugares-comuns do Romantismo e de quem nele crê. As peripécias descritas revelam-se desconcertantes, abrindo no real visível fendas através das quais os protagonistas se perdem e, final e inesperadamente, se encontram: e foram muito felizes, ou, *y colorin colorado, que el cuento se ha terminado*. Para que o leitor lusíada possa fruir da polissemia do texto, transpulo não apenas para português mas também para Portugal, numa confluência de reenvios a Eça, a Camilo, a Garrett e à Lisboa novecentista. Traduzi sem trair, isto é, respeitando

George Sand

correspondentes vocabulares e sintáticos do original – mas procurei fazer um pouco mais do que traduzir: propus-me verter o texto como se Mme Sand tivesse vivido em Portugal e em português do século XIX. Como se fosse familiar da Baixa, dos extintos Aterro e Passeio Público e de quem por lá publicamente se passeava.

Katherine Mansfield

As Filhas do Defunto Coronel

Tradução de Graça Macedo

Katherine Mansfield (1888-1923) nasceu na Nova Zelândia, mas estudou e passou a maior parte da vida em Inglaterra. Os seus primeiros contos foram publicados na revista *The New Age*, sendo *In a German Pension* o primeiro livro que reúne uma série de esboços satíricos de personagens que conheceu durante uma estada na Baviera. A partir de então, começa a colaborar regularmente em *Rhythm*, editada por John Middleton Murry, com quem virá a casar. Doente com tuberculose, Katherine Mansfield vive grande parte dos últimos anos de vida na Suíça e em França onde virá a morrer. Publica, em 1916, *Prelude*, obra muito pessoal, influenciada pelo grande desgosto que lhe causou a perda do único irmão, morto durante a guerra. Em 1920, publica *Bliss*, uma colecção de contos que reflecte as suas memórias familiares e, em 1922, *The Garden Party*, considerada a sua obra-prima, e que é também a última obra da autora publicada em vida. O conto que aqui apresentamos, *As Filhas do Defunto Coronel*, pela primeira vez publicado no *London Mercury*, em 1921, e depois incluído nesta última colectânea, mereceu de imediato os aplausos da crítica. Este conto foi já editado três vezes em Portugal: em 1940, pela Portugália Editora, com tradução de João Gaspar Simões; em 1989, pelas Publicações Europa-América, traduzido por Luís Varela; em 2002, pela editora Relógio d'Água, com tradução de Manuel Resende, Graça Vilhena e Francisco Vale.

I

A semana seguinte foi uma das mais agitadas da vida delas. Mesmo quando iam dormir, era só o corpo que se deitava e descansava; o espírito continuava a reflectir sobre coisas, a falar sobre coisas, a congeminar, a decidir, a tentar lembrar-se onde...

Constantia estava deitada como uma estátua, as mãos ao longo do corpo, os pés quase cruzados um por cima do outro, o lençol subido até ao queixo. Olhava fixamente para o tecto.

– Achas que o pai se importaria que déssemos o chapéu alto ao porteiro?

– Ao porteiro? – atalhou Josephine. – E porquê logo ao porteiro? Que ideia mais incrível!

– Porque – disse Constantia lentamente – ele deve ter de ir muitas vezes a funerais. E eu reparei no cemitério que tinha só um chapéu de coco. – Deteve-se.

– Então pensei que havia de ficar muito satisfeito com um chapéu alto. De qualquer modo, devíamos dar-lhe um presente. Ele foi sempre muito amável para o pai.

– Mas – gritou Josephine, agitando-se na almofada e fitando Constantia no escuro –, a cabeça do pai! – E de repente, durante um momento terrível, esteve quase a dar um risinho. É claro que não tinha a mínima vontade de rir. Devia ter sido por hábito. Há anos, quando falavam pela noite dentro, as camas delas simplesmente estremeciam. E, agora, a cabeça do porteiro a desaparecer e a surgir de repente, como uma vela, debaixo do chapéu do pai... O risinho cresceu, cresceu; fechou as mãos; tentou reprimi-lo; franziu o sobrolho no escuro e disse: – Lembra-te – com uma severidade terrível.

– Podemos decidir amanhã – disse.

Constantia não se tinha apercebido de nada; suspirou.

– Achas que também devíamos mandar tingir os roupões?

– De preto? – quase gritou Josephine.

– De que cor havia de ser? – disse Constantia. Estive a pensar que, de certo modo, não parece muito sincero andarmos de luto quando saímos e quando nos vestimos normalmente, e depois, quando estamos em casa.

– Mas ninguém nos vê – disse Josephine. Repuxou de tal maneira a roupa da cama que destapou os dois pés e teve de subir nas almofadas para voltar a tê-los bem cobertos.

– A Kate vê – disse Constantia. – E o carteiro também é bem capaz de ver.

Josephine pensou nas suas pantufas vermelho-escuras, a condizer com o roupão, e nas de Constantia, do verde indefinido que ela preferia e que davam com o roupão dela. Preto! Dois roupões pretos e dois pares de pantufas de lã pretas, esgueirando-se para o quarto de banho como gatos pretos.

– Não acho que seja mesmo preciso – disse.

Silêncio. Depois, Constantia disse:

– Temos de deitar no correio, amanhã, os jornais que publicam a notícia, a tempo de apanharem o transporte para Ceilão... Quantas cartas recebemos até agora?

– Vinte e três.

Josephine tinha respondido a todas e, das vinte e três vezes, quando chegava a «Temos tantas saudades do nosso querido pai», desfazia-se em lágrimas e tinha de usar o lençinho e, por vezes, absorver uma lágrima de um azul muito pálido com um canto de papel mata-borrão. Estranho! Não podia ter fingido – mas vinte e três vezes. No entanto, mesmo agora, quando dizia para si com tristeza, «Temos *tantas* saudades do nosso querido pai», era capaz de chorar se quisesse.

– Tens selos que cheguem? – perguntou Constantia.

– Como é que hei-de saber? – disse Josephine, zangada. – Para que mo perguntas agora?

– Estava só a pensar alto – disse Constantia suavemente.

Outro silêncio. Ouviu-se um ligeiro restolhar, uma corridinha, um salto.

– Um rato – disse Constantia.

– Não pode ser um rato porque não há migalhas – disse Josephine.

– Mas ele não sabe que não há – disse Constantia.

Ficou com o coração apertado de pena. Coitadinho! Desejou ter deixado um bocadinho de bolacha no toucador. Era horrível pensar que ele não ia encontrar nada. Que iria fazer?

– Não consigo imaginar é como eles conseguem sobreviver – disse lentamente.

– Quem? – perguntou Josephine.

E Constantia disse, mais alto do que pretendia:

– Os ratos.

Josephine ficou furiosa.

– Oh que disparate, Con! – disse. – O que é que os ratos têm a ver com isto? Estás a dormir.

– Acho que não estou – disse Constantia. Fechou os olhos para ter a certeza. Estava.

Josephine arqueou as costas, puxou os joelhos para cima, cruzou os braços para ficar com os punhos de baixo das orelhas e apertou a face contra a almofada.

II

Outra coisa que complicou a situação foi terem a enfermeira Andrews a passar a semana lá em casa. A culpa era delas; tinham-na convidado. Fora ideia de Josephine. Na manhã – bem, na última manhã, depois de o médico se ter ido embora, Josephine dissera a Constantia «Não achas que seria amável convidarmos a enfermeira Andrews a ficar cá em casa uma semana?».

– Muito amável – disse Constantia.

– Pensei – prosseguiu Josephine rapidamente – que devia dizer-lhe esta tarde, depois de lhe pagar – «Enfermeira Andrews, para lhe agradecer tudo o que fez

por nós, eu e a minha irmã tínhamos muito gosto em convidá-la a ficar cá em casa uma semana» –, tenho de deixar claro que é convidada para evitar que – Oh, é pouco provável que conte ser paga! – gritou Constantia.

– Nunca se sabe – disse Josephine, sensata.

É claro que a enfermeira Andrews ficara encantada com a ideia. Mas era uma maçada. Significava que tinham de tomar todas as refeições à mesa e a horas certas, ao passo que, se estivessem sozinhas, podiam pedir à Kate se não se importava de lhes levar um tabuleiro onde estivessem. E as horas das refeições, agora que a tensão tinha passado, eram mesmo um sacrifício.

A enfermeira Andrews era simplesmente terrível com a manteiga. Não podiam mesmo deixar de pensar que, pelo menos no que tocava à manteiga, abusava da amabilidade delas. E tinha aquele hábito exasperante de pedir só mais um bocadinho de pão para acabar a que tinha no prato e, depois do último bocado, voltar a servir-se distraidamente – mas claro que não era distraidamente. Josephine corou muito, quando isso aconteceu, e fixou os olhos pequenos como contas na toalha de mesa como se visse um insecto estranho e minúsculo rastejando pelo tecido. Mas o rosto comprido e pálido de Constantia alongou-se e fixou-se e ela olhou para longe, longe – muito para além do deserto, para onde aquela fila de camelos se desenrolava como um fio de lã...

– Quando estive em casa de Lady Tukes – disse a enfermeira Andrews –, ela tinha um utensílozinho tão gracioso para a manteiga. Era um Cupido de prata apoiado na borda de um prato de vidro, a segurar um garfinho pequeno. E quando se queria manteiga, bas-

tava carregar no pé do Cupido para ele se inclinar e oferecer-nos um bocado na ponta do garfo. Era um autêntico regalo.

Josephine mal podia aguentar aquilo. Mas limitou-se a dizer:

– Acho essas coisas muito extravagantes.

– Mas porquê? – perguntou a enfermeira Andrews, sorrindo radiante por detrás dos óculos. – De certeza que ninguém ia tirar mais manteiga do que queria, pois não?

– Toca, Con – gritou Josephine. Receou o que diria se respondesse.

E Kate, a princesa encantada jovem e altiva, entrou para ver o que é que queriam desta vez aquelas gatas velhas. Tirou da mesa os pratos de imitação de qualquer coisa e pousou bruscamente o manjar branco, muito alvo e aterrorizado.

– Kate, traz a compota, por favor – disse Josephine, delicada.

Kate ajoelhou-se e abriu violentamente o aparador, levantou a tampa do frasco de compota, viu que estava vazio, pousou-o em cima da mesa e marchou, altiva, para fora da sala.

– Parece-me – disse a enfermeira Andrews daí a pouco – que não há.

– Oh, que maçada! – disse Josephine. Mordeu o lábio. – O que havemos de fazer?

Constantia pareceu hesitar.

– Não podemos incomodar outra vez a Kate – disse baixinho.

A enfermeira Andrews esperava, sorrindo para as duas. O olhar dela vagueava, espiando tudo por detrás dos óculos. Constantia, desesperada, voltou aos came-

los. Josephine franziu fortemente o sobrolho – concentrada. Se não fosse esta criatura imbecil, é claro que ela e Con teriam comido o manjar branco sem nada. De repente, teve uma ideia.

– Já sei – disse. – Doce de laranja. Há doce de laranja no aparador. Vai buscar, Con.

– Espero – riu a enfermeira Andrews, e o riso dela soou como uma colher tinindo num frasco de remédio –, espero que não seja muito amargo.

III

Mas, afinal, já não faltava muito tempo para ela se ir embora de vez. E não se podia menosprezar o facto de que tinha sido muito dedicada para com o pai. No fim, tinha tratado dele dia e noite. Na realidade, tanto Constantia como Josephine sentiam, no íntimo, que ela tinha chegado a exagerar naquela coisa de não o deixar mesmo até ao fim. Pois quando tinham entrado para se despedir, a enfermeira Andrews estivera o tempo todo sentada ao lado da cama, segurando-lhe o punho e fingindo olhar para o relógio de pulso. Não era possível que aquilo fosse necessário. E, além disso, era uma falta de tacto. No caso de o pai lhes ter querido dizer alguma coisa – alguma coisa de íntimo. Não que ele tivesse querido. Oh, longe disso! Estava deitado, com a cara roxa, de um roxo-escuro e irritado, e nem olhou para elas quando entraram. Depois, enquanto ali estavam de pé, perguntando-se o que haviam de fazer, de repente abriu um olho. Oh, que diferente teria sido, que diferente para a recordação que guardariam dele, e quão

mais fácil lhes seria falarem disso com outras pessoas, se ao menos tivesse aberto os dois! Mas não – só um olho. Olhou para elas um momento e depois... apagou-se.

IV

Isso tornou-lhes muito embaraçosa a visita que o pastor Farolles, da Igreja de St. John, lhes fez nessa mesma tarde.

– Espero que o fim tenha sido bastante sereno? – foram as primeiras palavras que disse, deslizando ao encontro delas pela sala de visitas escura.

– Foi, sim – disse Josephine, indistintamente. Ambas baixaram a cabeça. Ambas tinham a certeza de que aquele olho não era nada sereno.

– Sente-se, por favor – disse Josephine.

– Obrigado, menina Josephine – disse Farolles, grato. Levantou as abas da casaca e começou a baixar-se para o cadeirão do pai mas, no momento em que o tocou, quase deu um pulo e deslizou em vez disso para a cadeira ao lado.

Tossiu. Josephine apertou as mãos; Constantia tinha um ar vago.

– Quero que saiba, menina Josephine – disse Farolles –, assim como a menina Constantia, que estou a tentar ajudá-las. Quero ajudá-las a ambas, se mo permitirem. É nestas ocasiões – disse Farolles muito simples e sinceramente – que Deus espera que nos ajudemos uns aos outros.

– Muito obrigada, pastor Farolles – disseram Josephine e Constantia.

– De nada – disse Farolles brandamente. Puxou as luvas de pelica pelos dedos e inclinou-se para a frente. – E se alguma de vós pretender receber uma Comunhãozinha, uma de vós ou as duas, aqui e agora, só têm que me dizer. Uma Comunhãozinha é muitas vezes muito út..., um grande consolo – acrescentou, com ternura.

Mas a ideia de uma Comunhãozinha apavorava-as. O quê! Na sala de estar da própria casa – sem um – um altar, nem nada! O piano seria alto de mais, pensou Constantia, e o pastor Farolles não podia certamente inclinar-se com o cálice sobre o piano. E Kate havia com certeza de entrar subitamente e interrompê-los, pensou Josephine. E se, por acaso, a campainha tocasse a meio? Podia ser uma pessoa importante – por causa do luto.

– Poderão mandar um recado pela vossa boa Kate, se a quiserem mais tarde – disse Farolles.

– Oh, sim, muito obrigada – disseram ambas.

Farolles levantou-se e pegou no chapéu de palha preto de cima da mesa redonda.

– E quanto ao funeral – disse, com brandura. – Posso encarregar-me eu disso, na qualidade de velho amigo do vosso pai e vosso, menina Josephine e menina Constantia?

Josephine e Constantia levantaram-se também.

– Gostava que fosse bastante simples – disse Josephine firmemente – e não demasiado dispendioso. Ao mesmo tempo, gostava.

– De boa qualidade e resistente – pensou Constantia, sonhadora, como se Josephine estivesse a comprar uma camisa de noite. Mas é claro que Josephine não

disse isso. – Um funeral adequado à posição do nosso pai. – Estava muito nervosa.

– Vou passar pelo nosso bom amigo Knight – disse Farolles, tranquilizador. E pedir-lhe que venha cá a casa. Tenho a certeza de que vão achá-lo mesmo muito pres-tável.

V

Bem, de qualquer modo, aquela parte tinha acabado, se bem que nenhuma delas conseguisse acreditar de todo que o pai nunca mais voltaria. Josephine tivera um momento de terror absoluto no cemitério, enquanto baixavam o caixão, pensando que ela e Constantia o tinham feito sem lhe pedir autorização. O que diria o pai quando descobrisse? Porque era certo que, mais cedo ou mais tarde, ia descobrir. Descobria sempre. «Enter-raram-me. Vocês as duas *enterraram-me!*» Ouvia a bengala bater no chão. Oh, que haviam de dizer? Que desculpa possível arranjar? Parecia tão terrivelmente cruel fazer uma coisa daquelas. Era uma maneira tão perversa de se aproveitar de alguém apenas porque acontecia estar indefeso na altura. As outras pessoas pareciam encarar aquilo tudo como uma coisa natural. Eram estranhos; não se podia esperar que percebessem que o pai era a última pessoa a quem podia acontecer uma coisa daquelas. Não, a inteira responsabilidade por aquilo tudo ia recair sobre ela e Constantia. E a despesa, pensou, ao entrar para o táxi muito acanhado. Quando tivesse que lhe mostrar as contas. Que diria ele, então?

Ouvia-o positivamente aos berros. «E esperam que seja eu a pagar a porcária do vosso passeiozeco?»

– Oh – gemeu alto a pobre Josephine – não devíamos ter feito isto, Con!

E Constantia, pálida como um limão no meio de todo aquele negrume, disse, num murmúrio assustado:

– Feito o quê, Jug?

– Deixá-los en-enterrar o pai assim – disse Josephine, desfazendo-se em lágrimas e enxugando-as no seu lençinho novo de luto que tinha um cheiro esquisito.

– Mas o que havíamos de fazer? – perguntou Constantia, surpreendida. – Não podíamos tê-lo deixado, Jug – não podíamos tê-lo deixado por enterrar. Pelo menos, não num apartamento daquele tamanho.

Josephine assoou o nariz; estava horrivelmente abafado no táxi.

– Não sei – disse, desamparada. – É tudo tão medonho. Sinto que devíamos ter tentado, pelo menos durante algum tempo. Para ficarmos com a certeza absoluta. Uma coisa é certa – e as lágrimas voltaram a correr –, o pai nunca nos perdoará – nunca!

VI

O pai nunca lhes perdoaria. Foi o que sentiram mais do que nunca quando, daí a dois dias de manhã, entraram no quarto para ver as coisas dele. Tinham conversado sobre isso com muita calma. Estava mesmo escrito no fim da lista de tarefas de Josephine. *Ver as coisas do pai e decidir o que fazer*. Mas aquilo era muito diferente do que dizer, a seguir ao pequeno-almoço:

– Bem, estás pronta, Con?

– Sim, Jug – quando estiveres.

– Então, acho que o melhor é acabarmos com isto.

Estava escuro no vestíbulo. Durante anos tinha-se seguido a regra de nunca incomodar o pai de manhã, acontecesse o que acontecesse. E agora iam abrir a porta, sem sequer bater... Os olhos de Constantia ficaram enormes só com a ideia; Josephine tinha os joelhos a tremer.

– Tu – vai tu primeiro – arquejou, empurrando Constantia.

Mas Constantia disse, como sempre tinha dito nessas ocasiões.

– Não, Jug, não é justo. Tu és a mais velha.

Josephine ia para dizer – o que, de outras vezes, não teria admitido nem por nada – aquilo que guardava como derradeira arma «Mas tu és a mais alta», quando repararam que a porta da cozinha estava aberta e Kate ali especada...

– Muito perra – disse Josephine, agarrando na maçaneta da porta e e forçando-se por fazê-la rodar. Como se Kate alguma vez se deixasse iludir!

Não era possível. Aquela rapariga era... Então, a porta fechou-se atrás delas, mas – mas afinal não estavam no quarto do pai. Era como se, de repente, tivessem por engano atravessado a parede para um apartamento completamente diferente. A porta ficava mesmo atrás delas? Estavam assustadas de mais para olhar. Josephine sabia que, se ficava, estava solidamente fechada; Constantia sentia que, como as portas dos sonhos, esta não tinha nenhuma maçaneta. Era o frio que tornava aquilo tão horrível. Ou seria a brancura –

que seria? Estava tudo coberto. Os estores corridos, um pano pendurado sobre o espelho, um lençol cobrindo a cama; um enorme leque de papel branco ocupava a lareira. Constantia estendeu timidamente a mão; quase esperava que caísse um floco de neve. Josephine sentia um estranho formigueiro no nariz, como se o nariz estivesse gelado. Então, um táxi passou aos abanões sobre a calçada em baixo e o silêncio pareceu estremecer, desfazendo-se em bocadinhos.

– É melhor subir um estore – disse Josephine, corajosamente.

– Sim, é capaz de ser boa ideia – murmurou Constantia.

Deram só um toque ao estore, mas este correu até acima e o cordão correu a seguir, enrolando-se na vareta, e a pequena borla bateu de um lado para o outro como se quisesse libertar-se. Aquilo foi de mais para Constantia.

– Não achas – não achas que podíamos adiar isto para outro dia? – segredou.

– Porquê? – impacientou-se Josephine, sentindo-se, como habitualmente, muito melhor agora que tinha a certeza de que Constantia estava apavorada. – Isto tem de ser feito. Mas, por favor, Con, não fales assim tão baixinho.

– Não sabia que estava a falar assim tão baixinho – murmurou Constantia.

– É por que razão continuas com os olhos pregados na cama? – disse Josephine, elevando a voz de maneira quase provocadora. – Não há nada *em cima* da cama.

– Oh, Jug, não digas isso! – disse a pobre Connie. – Pelo menos, assim tão alto.

Josephine também sentiu que tinha ido longe de mais. Virou-se e avançou uns passos para a cómoda, estendeu a mão mas voltou a recuá-la rapidamente.

– Connie! – arquejou, voltando-se e apoiando as costas contra a cómoda.

– Oh, Jug – o que é?

Josephine só conseguiu olhar em frente, com um olhar duro. Tinha uma sensação extraordinária de ter escapado por pouco a algo de simplesmente horrível. Mas como podia explicar a Constantia que o pai estava dentro da cómoda? Estava na gaveta de cima, com os lenços e as gravatas, ou na seguinte, com as camisas e os pijamas, ou na de baixo, com os fatos. Estava ali a observar, escondido – mesmo atrás do puxador – pronto para saltar.

Fez a Constantia uma cara engraçada e antiga, como fazia nos velhos tempos quando estava prestes a chorar.

– Não consigo abrir – quase gemeu.

– Não, não abras, Jug – segredou Constantia gravemente. – É muito melhor não abrir. Não vamos mas é abrir nada. Pelo menos, ainda durante muito tempo.

– Mas – mas parece uma fraqueza tão grande – disse Josephine, desatando a chorar.

– Mas por que não ser-se fraco, só desta vez? – defendeu Constantia, segredando com bastante determinação. – Se é que é fraqueza. – E o seu olhar fixo e pálido desviou-se da escrivaninha fechada à chave – tão segura – para o enorme guarda-fatos reluzente e começou a respirar de um modo estranho e ofegante. – Por que não havemos de ser fracas uma vez na vida, Jug? É bastante compreensível. Vamos ser fracas – ser fracas,

Jug. É muito mais agradável ser-se fraco do que ser-se forte.

E então fez uma daquelas coisas espantosamente ousadas que fizera umas duas vezes na vida delas: avançou resolutamente até ao guarda-fatos, deu a volta à chave e tirou-a da fechadura. Tirou-a da fechadura e ergueu-a diante de Josephine, mostrando a Josephine, por meio um sorriso extraordinário, que sabia o que tinha feito – tinha corrido deliberadamente o risco de o pai estar lá dentro, no meio dos sobretudos.

Se o enorme guarda-fatos se tivesse inclinado para a frente e tombado sobre Constantia, Josephine não teria ficado surpreendida. Pelo contrário, teria achado que era a única coisa normal que podia acontecer. Mas não aconteceu nada. Só o quarto parecia mais silencioso do que nunca, e grandes flocos de ar frio caíam nos ombros e nos joelhos de Josephine. Ela começou a ter arrepios.

– Anda, Jug – disse Constantia, ainda com aquele horrroso sorriso insensível; e Josephine seguiu-a, exactamente como tinha feito daquela última vez, quando Constantia empurrara Benny para o laguinho redondo.

VII

Mas acusaram a tensão quando voltaram para a sala de jantar. Sentaram-se, muito trémulas, e olharam uma para a outra.

– Acho que não consigo ter cabeça para nada – disse Josephine – antes de ter tomado qualquer coisa. Achas

que podíamos pedir à Kate duas chávenas de água quente?

– Sinceramente, não vejo por que não – disse Constantia, cautelosa. Voltara ao seu estado normal. – Não vou tocar. Chego à porta da cozinha e peço-lhe.

– Sim, sim – disse Josephine, afundando-se numa cadeira. – Diz-lhe, Con, só duas chávenas, mais nada – num tabuleiro.

– Nem é preciso pôr o bule, pois não? – disse Constantia, como se Kate fosse bem capaz de protestar por causa do bule.

– Oh, não, claro que não! O bule não é preciso para nada. Ela pode deitar a água directamente da chaleira – gritou Josephine, sentindo que assim se economizaria um certo trabalho.

Os lábios frios de ambas tremeram ao contacto das bordas esverdeadas. Josephine pôs as mãos pequenas e vermelhas à volta da chávena; Constantia sentou-se e soprou para as ondas de vapor, fazendo-as esvoaçar de um lado para o outro.

– Por falar no Benny – disse Josephine.

E, embora não se tivesse falado no Benny, Constantia deu logo a impressão de que sim.

– Claro que ele há-de esperar que lhe mandemos alguma coisa do pai. Mas é tão difícil saber o que mandar para o Ceilão.

– Queres dizer que as coisas acabam por andar aos solavancos na viagem – murmurou Constantia.

– Não, que se perdem – disse Josephine com rispidez. – Sabes bem que não há correio, só há mensageiros.

Detiveram-se as duas a olhar para um homem negro, em calções brancos de linho, correndo devairada-

mente pelos campos pálidos, com um grande embrulho de papel pardo nas mãos. O negro de Josephine era minúsculo; avançava depressa, luzindo como uma formiga. Mas o tipo alto e magro de Constantia tinha qualquer coisa de cego e infatigável que o tornava, decidiu, uma pessoa realmente muito desagradável... No alpendre, todo vestido de branco e com um capacete de cortiça, estava Benny, de pé. A mão direita tremia-lhe para cima e para baixo, como fazia o pai quando estava impaciente. E, atrás dele, completamente indiferente, sentava-se Hilda, a cunhada desconhecida. Balançava-se numa cadeira de baloiço de junco e folheava rapidamente o *Tatler*.

– Acho que o relógio era o presente mais apropriado – disse Josephine.

Constantia ergueu os olhos; parecia admirada.

– Oh, confiavas um relógio de ouro a um indígena?

– Mas claro que o disfarçava – disse Josephine.

– Ninguém havia de saber que era um relógio. Agradava-lhe a ideia de ter de fazer um embrulho com uma forma tão esquisita que ninguém fosse capaz de adivinhar o que continha. Chegou a pensar por um instante em esconder o relógio numa caixa estreita de espartilho, em cartão, que guardava desde há muito, esperando que viesse a servir para qualquer coisa. Era de um cartão tão bonito e sólido. Mas não, não seria adequado à ocasião. Trazia escrito: *Senhora médio 28. Varetas extra-resistentes*. Seria uma surpresa um pouco grande de mais para o Benny abrir aquilo e encontrar lá dentro o relógio do pai.

– E, claro, nem pensar em mandá-lo a trabalhar – quero dizer, a fazer tiquetaque – disse Constantia que

ainda estava a pensar na predilecção dos indígenas por jóias. – Pelo menos – acrescentou – seria muito estranho que ainda trabalhasse, passado tanto tempo.

VIII

Josephine não deu resposta. Voara numa das suas divagações. De repente, tinha pensado em Cyril. Não era mais normal que fosse o único neto a herdar o relógio? Além disso, o querido Cyril era tão reconhecido, e um relógio de ouro tinha tanta importância para um jovem. O mais provável era que o Benny se tivesse praticamente desabitinado de usar relógio; era tão raro os homens vestirem colete naqueles climas quentes. Ao passo que o Cyril, em Londres, havia de usá-lo durante toda a roda do ano. E seria tão agradável, para ela e Constantia, saber que o relógio havia de ali estar quando Cyril viesse tomar chá com elas.

– Vejo que usas o relógio do avô, Cyril. – Dar-lhes-ia tanta satisfação.

Querido menino! Que grande choque aquele seu terno bilhetezinho de condolências! Claro que compreendiam; mas fora o cúmulo da pouca sorte.

– Teria sido tão importante tê-lo connosco – disse Josephine.

– E ele teria gostado tanto – disse Constantia, sem pensar no que dizia.

Mas, logo que regressasse, vinha tomar chá com as titis. O Cyril vir lanchar era um dos raros prazeres que tinham.

– Vamos, Cyril, não tenhas medo dos nossos bolos.

Eu e a tia Connie comprámo-los esta manhã no Buszard. E sabemos o que é um apetite de homem. Por isso, não tenhas vergonha de lanchar bem.

Josephine enterrou destemidamente a faca no bolo escuro e pesado que representava umas luvas de Inverno para ela ou as meias-solas e capas do único par de sapatos aceitável de Constantia. Mas, em matéria de apetite, Cyril estava muito pouco masculino.

– A sério, tia Josephine, não consigo mesmo. É que acabei de almoçar.

– Oh, Cyril, não pode ser verdade! Já passa das quatro – gritou Josephine. Constantia mantinha a faca suspensa por cima da torta de chocolate.

– Pois passa, mas mesmo assim – disse Cyril. – Tive um encontro com um sujeito em Victoria e ele empatou-me até... já só ter tempo para almoçar e vir para cá. E ofereceu-me, uf – Cyril levou a mão à testa – acabou comigo – disse.

Era decepcionante – e logo hoje. Mas claro que ele não podia ter adivinhado.

– Mas comes um merengue, não comes, Cyril? – disse a tia Josephine. – Estes merengues foram comprados especialmente para ti. O teu paizinho gostava tanto de merengues. Tínhamos a certeza de que também gostavas.

– *Gosto*, tia Josephine – gritou Cyril, com ardor. – Importa-se se tirar só metade, para começar?

– Claro que não, meu querido. Mas não te deixamos escapar assim.

– O teu paizinho ainda gosta assim tanto de merengues? – perguntou a tia Con, suavemente. Estremeceu ao de leve ao quebrar a crosta do seu.

– Não sei lá muito bem, tia Con – disse Cyril, des-
preocupado.

Ao que ambas ergueram os olhos.

– Não sabes? – disse Josephine, quase brusca. – Não
sabes uma coisa dessas acerca do teu próprio pai, Cyril?

– Claro que sabe – disse a tia Connie, branda.

Cyril tentou minimizar a questão com um riso.

– Oh, bem – disse –, foi há tanto tempo que – in-
terrompeu-se. Parou. Não aguentava a cara que faziam.

– Mesmo *assim* – disse Josephine.

E a tia Connie só olhou.

Cyril pousou a chávena de chá.

– Esperem aí – gritou. – Espere aí, tia Josephine.
Onde é que eu tenho a cabeça?

Levantou os olhos. Elas começaram a animar-se.
Cyril deu uma palmada no joelho.

– Claro – disse –, eram merengues. Como é que me
esqueci disso? Sim, tia Josephine, tem toda a razão.
O pai é absolutamente doido por merengues.

Não ficaram apenas radiantes. A tia Josephine fi-
cou coradíssima de prazer; a tia Connie deu um suspi-
ro muito, muito fundo.

– E agora, Cyril, tens de vir ver o pai – disse Jose-
phine. – Ele sabe que vinhas hoje.

– Está bem – disse Cyril, com muita firmeza e en-
tusiasmo. Levantou-se da cadeira; de repente, olhou de
relance para o relógio.

– A propósito, tia Connie, o seu relógio não estará
um bocadinho atrasado? Tenho de encontrar-me com
um sujeito em – em Paddington, pouco depois das cin-
co. Acho que não vou poder ficar muito tempo com o
avô.

– Oh, ele não espera que fiques *muito* tempo – disse a tia Josephine.

Constantia ainda tinha os olhos pregados no relógio. Não conseguia decidir se estava adiantado ou atrasado. Era uma coisa ou outra, disso estava quase certa. Pelo menos, tinha sido.

Cyril ainda hesitava.

– Não vem connosco, tia Con?

– Claro – disse Josephine –, vamos todos. Anda, Con.

IX

Bateram à porta e Cyril seguiu as tias para o quarto quente e adocicado do avô.

– Andem lá – disse o avô Pinner. – Não fiquem para aí especados. O que é? O que é que andaram a fazer?

Estava sentado em frente de uma lareira crepitante, segurando a bengala. Tinha uma manta grossa sobre os joelhos. No colo, um bonito lenço de seda amarelo-pálido.

– É o Cyril, pai – disse Josephine timidamente. Agarrou na mão de Cyril e fê-lo avançar.

– Boa tarde, avô – disse Cyril, tentando libertar a mão da tia Josephine. O avô Pinner lançou a Cyril um daqueles seus famosos olhares. Onde estava a tia Con? Estava de pé, do outro lado de Josephine; os braços compridos pendiam-lhe à frente do corpo; entrelaçava os dedos. Nunca desviou os olhos do avô.

– Bem – disse o avô Pinner, começando a bater com a bengala –, que tens tu para me contar?

O que tinha, o que tinha ele para lhe contar? Cyril sentiu que sorria como um perfeito imbecil. E o quarto estava abafadíssimo.

Mas a tia Josephine veio em seu socorro. Gritou, jovial.

– O Cyril diz que o pai dele ainda gosta imenso de merengues, paizinho.

– Hã – disse o avô Pinner, dobrando a mão, como uma crosta de merengue roxa, por cima da orelha.

Josephine repetiu.

– O Cyril diz que o pai dele ainda gosta imenso de merengues.

– Não oiço – disse o velho coronel Pinner. Afastou Josephine com a bengala e depois apontou-a a Cyril.

– Conta-me o que ela está a tentar dizer – disse.

(Meu Deus!) – Tenho mesmo? – disse Cyril, corando e olhando fixamente para a tia Josephine.

– Sim, querido – e sorriu. – Ele vai ficar tão contente.

– Vamos lá, desembucha! – gritou o coronel Pinner com irritação, recomeçando a bater com a bengala.

E Cyril inclinou-se para a frente e bradou:

– O meu pai ainda gosta imenso de merengues.

Ao ouvir isto, o avô Pinner deu um salto como se tivesse apanhado um tiro.

– Não berres! – gritou. – Mas o que é que se passa com este rapaz? *Merengue!* Que quer ele dizer?

– Oh, tia Josephine, temos de continuar? – gemeu Cyril desesperadamente.

– Não tenhas medo, querido – disse a tia Josephine como se estivessem os dois juntos no dentista. – Ele já vai compreender. – E disse baixinho para Cyril:

– Está a ficar um bocadinho surdo, percebes? – En-

tão inclinou-se para a frente e gritou mesmo para o avô Pinner – O Cyril só queria dizer-te, paizinho, que o pai *dele* ainda gosta imenso de merengues.

Dessa vez, o coronel Pinner ouviu – ouviu e ficou a cismar, fitando Cyril de alto a baixo.

– Que coisa *esstraordinária*! – disse o velho avô Pinner. – Que coisa *esstraordinária* vir de tão longe para me dizer isto!

E Cyril reconheceu que realmente *era*.

– Sim, vou mandar o relógio ao Cyril – disse Josephine.

– Era muito amável – disse Constantia. Tenho a vaga ideia de que da última vez que ele esteve cá houve um problemazito qualquer com as horas.

X

Foram interrompidas por Kate, irrompendo pela porta à sua maneira habitual, como se tivesse descoberto um painel secreto na parede.

– Frito ou cozido? – perguntou a voz ousada.

Frito ou cozido? Josephine e Constantia ficaram bastante perplexas durante um instante. Mal conseguiram compreender.

– Frito ou cozido, o quê, Kate? – perguntou Josephine, tentando começar a concentrar-se.

Kate fungou alto.

– Peixe.

– Porque é que não disseste logo? – censurou-a Josephine brandamente. – Como havíamos de perce-

ber, Kate? Como sabes, há imensas coisas neste mundo que podem ser fritas ou cozidas. – E, depois de uma tal exibição de coragem, perguntou jovialmente a Constantia. – O que preferes, Con?

– Acho que talvez fosse bom frito – disse Constantia. – Por outro lado, claro que peixe cozido também é muito bom. Acho que tanto me faz... A não ser que tu... Nesse caso.

– Faça frito – disse Kate, e foi-se embora a bater com os pés, deixando aberta a porta delas e batendo com a da sua cozinha.

Josephine olhou para Constantia; ergueu as sobrancelhas claras até as rugas da testa franzida se perderem nos seus cabelos claros. Levantou-se. Disse com um ar solene e imponente:

– Importas-te de vir comigo até à sala de visitas, Constantia? Tenho um assunto muito importante para falar contigo.

Pois era sempre para a sala de visitas que se retiravam quando queriam falar sobre Kate.

Josephine fechou a porta com ar intencional.

– Senta-te, Constantia – disse, ainda muito pomposa. Era como se estivesse a receber Constantia pela primeira vez. E Con olhou em volta, procurando vagamente uma cadeira, como se se sentisse na realidade quase uma estranha.

– Bem, a questão é saber – disse Josephine, inclinando-se para a frente – se a mantemos ou não.

– É essa a questão – concordou Constantia.

– E desta vez – disse Josephine com firmeza –, temos de chegar a uma decisão clara.

Constantia pareceu durante uns instantes que ia

começar a lembrar todas as outras vezes, mas dominou-se e disse:

– Sim, Jug.

– Percebes, Con – explicou Josephine –, agora está tudo muito mudado – Constantia levantou os olhos rapidamente. – Quer dizer – prosseguiu Josephine –, deixámos de ser tão dependentes da Kate como éramos. – E corou um pouco. – Já não é preciso cozinhar para o pai.

– Tens toda a razão – concordou Constantia. – Cozinhados o pai não quer com certeza, agora, seja o que for que ele – Josephine interrompeu-a ríspidamente.

– Não estás com sono, pois não, Con?

– Com sono, Jug? – Constantia abriu muito os olhos.

– Bem, concentra-te melhor – disse Josephine ríspidamente, e voltou ao assunto. – O que está em causa, se realmente – e quase sussurrou, olhando de relance para a porta – despedirmos a Kate – voltou a levantar a voz – é se conseguimos tratar da nossa comida.

– Porque não? – gritou Constantia. Não podia deixar de sorrir. A ideia era tão emocionante. Apertou as mãos. – Vivíamos de quê, Jug?

– Oh, de ovos, feitos de várias maneiras! – disse Jug, outra vez solene. – E, além diso, há imensos pratos que se vendem feitos.

– Mas sempre ouvi dizer – disse Constantia – que são tão caros.

– Não são caros, se os comprarmos com moderação – disse Josephine. Mas forçou-se a abandonar esta fascinante digressão e arrastou Constantia consigo.

– O que temos que decidir agora é se realmente confiamos na Kate ou não.

Constantia reclinou-se. O risinho frouxo desapareceu.

– Não é estranho, Jug – disse – que, logo sobre este assunto, eu nunca tenha sido capaz de me decidir?

XI

Nunca tinha sido capaz. Toda a dificuldade estava em comprovar fosse o que fosse. Como se comprovavam factos, como era possível comprovar factos? Imagine-se que Kate estava em frente dela e fazia deliberadamente uma careta. Não era muito possível que estivesse com uma dor? E, de qualquer modo, não era impossível perguntar a Kate se estava a fazer uma careta? Se Kate respondesse que não – e era certo que o faria – que situação a dela! Que falta de dignidade! Por outro lado, Constantia suspeitava, tinha quase a certeza de que, quando ela e Josephine saíam de casa, Kate lhe mexia na cómoda, não para roubar, mas para bisbilhotar. Muitas vezes, ao regressar, tinha encontrado a sua cruz de ametista nos locais mais improváveis, debaixo dos laços de renda ou em cima da sua gola rendada de noite. Por mais de uma vez, tinha preparado uma armadilha para Kate. Arrumava as coisas numa determinada ordem e depois chamava Josephine para servir de testemunha.

– Vês, Jug?

– Absolutamente, Con.

– Agora é que se vai ver.

Mas, por azar, quando ia mesmo ver, estava tão longe da prova como sempre! Se havia alguma coisa fora do lugar, era bem capaz de ter acontecido ao fechar a gaveta; um sacão podia tão facilmente causá-lo!

– Vem cá tu, Jug, e decide. Eu é que não consigo. É demasiado difícil.

Mas, depois de uma pausa e de um longo olhar duro, Josephine suspirava.

– Agora que instalaste a dúvida no meu espírito, Con, tenho a certeza de que também não sei.

– Bem, não podemos adiar isto outra vez – disse Josephine. – Se adiarmos desta vez...

XII

Mas, nesse instante, lá em baixo na rua começou a tocar um realejo. Josephine e Constantia levantaram-se ao mesmo tempo, de um salto.

– Corre, Con – disse Josephine. – Corre depressa. Há uma moeda na...

Então lembraram-se. Não tinha importância. Nunca mais teriam de mandar calar o tocador de realejo. Nunca mais lhes diriam, a ela e a Constantia, que mandassem o macaco ir fazer barulho para outro lado. Nunca mais soaria aquele brado ruidoso e estranho, quando o pai achava que elas não se apressavam o suficiente. O tocador de realejo podia tocar o dia inteiro que a bengala não voltaria a bater.

Nunca mais voltará a bater;

Nunca mais voltará a bater;

tocava o realejo.

Que estava Constantia a pensar? Fazia um sorriso tão estranho; parecia diferente. Não se ia agora pôr a chorar.

– Jug, Jug – disse Constantia suavemente, apertando as mãos. – Sabes que dia é hoje? É sábado. Faz hoje uma semana, uma semana inteira.

Uma semana desde que o pai morreu,

Uma semana desde que o pai morreu,

tocava o realejo. E também Josephine se esqueceu de ser prática e sensata; sorriu de uma maneira vaga e estranha. Sobre o tapete indiano, caía um quadrado de luz do Sol, de um vermelho pálido; ia e vinha, e veio – e deixou-se ficar, mais intenso – até ganhar um brilho quase dourado.

– Está sol – disse Josephine, como se fosse realmente importante.

Uma fonte perfeita de notas borbulhantes jorrava do realejo, notas redondas, cintilantes, espalhadas ao acaso.

Constantia ergueu as mãos grandes e frias, como que para as agarrar, e depois as mãos voltaram a cair. Dirigiu-se à lareira, até ao seu Buda preferido. E a imagem de pedra com enfeites dourados, cujo sorriso lhe dava sempre uma sensação tão estranha, quase uma dor, mas uma dor agradável, parecia, hoje, estar mais do que a sorrir. Sabia alguma coisa; tinha um segredo.

– Sei uma coisa que tu não sabes – dizia o seu Buda. Oh, o que era, o que podia ser? E, no entanto, ela tinha sentido sempre que havia... qualquer coisa.

O sol rompeu pelas janelas, insinuou-se dentro de casa, lançou a sua luz sobre os móveis e as fotografias. Josephine observava-a. Quando chegou à fotografia da mãe, a ampliação por cima do piano, deteve-se, como que intrigada por encontrar tão pouco da mãe, para além dos brincos em forma de pequenos pagodes e de

uma boá de penas pretas. Porque desbotavam sempre assim as fotografias de pessoas mortas? Pensava Josephine. Logo que uma pessoa morria, a sua fotografia morria também. Mas é claro que esta da mãe era muito antiga. Tinha trinta e cinco anos. Josephine lembrava-se de estar de pé numa cadeira, a apontar a Constantia a boá de penas, dizendo-lhe que fora uma serpente que matara a mãe em Ceilão... Teria tudo sido diferente se a mãe não tivesse morrido? Não via porquê. A tia Florence vivera com elas até acabarem a escola, tinham mudado de casa três vezes e passado as férias anuais e... e, é claro, tinha havido novas criadas.

Alguns pardalitos, que, pelo som que faziam, pareciam jovens, chilreavam no peitoril da janela. Piu-piu-piu. Mas Josephine sentia que não eram pardais no peitoril da janela. Era de dentro de si mesma que vinha aquele som, aquele gritinho esquisito. Piu-piu-piu. Ah, o que dizia aquele gritinho, tão fraco e perdido?

Se a mãe não tivesse morrido, elas ter-se-iam casado? Mas não tinha aparecido ninguém com quem casar. Tinha havido os amigos anglo-indianos do pai, antes de ele se ter zangado com eles. Mas, depois disso, ela e Constantia nunca mais conheceram um homem solteiro, à excepção de pastores protestantes. Como se fazia para conhecer homens? Ou, mesmo que tivessem conhecido homens, como chegar a conhecê-los o suficiente para se tornarem mais do que estranhos? Liam-se histórias de pessoas que tinham aventuras, que eram seguidas, e por aí adiante. Mas nunca ninguém as tinha seguido, nem a ela nem a Constantia. Oh, sim, um ano, na pensão de Eastbourne, tinha havido um homem misterioso que pusera um bilhete no jarro de água quen-

te, à porta do quarto delas! Mas, quando ela e Connie o encontraram, a escrita estava tão apagada pelo vapor que era impossível de ler; nem sequer conseguiram distinguir a qual delas era dirigido. E ele tinha-se ido embora no dia seguinte. E foi tudo. O resto resumira-se a cuidar do pai e, ao mesmo tempo, a sair-lhe do caminho. E agora? E agora? O sol furtivo tocou Josephine suavemente. Ergueu a cara. Foi atraída para a janela por suaves raios de luz...

Até o realejo ter parado de tocar, Constantia ficou diante do Buda, a devanear, mas não vagamente, como de costume. Desta vez, o seu devanear era como um anseio. Lembrava-se das vezes que tinha vindo ali, em noites de lua cheia, esgueirando-se da cama em camisa de noite e deitando-se no chão com os braços abertos, como se estivesse crucificada. Porquê? Era a Lua grande e pálida que a obrigara. As horríveis figuras que dançavam no ecrã esculpido tinham-na observado com lascívia, mas ela não se importara. Lembrava-se também de que, sempre que iam para a praia, se afastava sozinha e se aproximava o mais possível do mar, cantando qualquer coisa, qualquer coisa que inventara enquanto contemplava aquela imensidão de água inquieta. Tinha havido aquela outra vida, feita de sair a correr, de trazer coisas para casa em sacos, de fazer compras à condição, de discuti-las com a Jug, e de as devolver para comprar mais coisas à condição, e de preparar os tabuleiros do pai e de tentar não aborrecer o pai. Mas tudo aquilo parecia ter acontecido numa espécie de túnel. Não era real. Era só quando saía do túnel, para o luar, para a beira-mar, ou para uma trovoadas, que se sentia verdadeiramente ela própria. Que significava aqui-

lo? O que era que ela tinha querido desde sempre? A que levava aquilo tudo? Agora? Agora?

Afastou-se do Buda com um dos seus gestos vagos. Caminhou até onde estava Josephine, de pé. Queria dizer qualquer coisa a Josephine, qualquer coisa de terrivelmente importante, sobre – sobre o futuro e o que...

– Não achas talvez – começou.

Mas Josephine interrompeu-a.

– Estava a pensar se agora – murmurou. Pararam; esperavam uma pela outra.

– Continua, Con – disse Josephine.

– Não, não, Jug; tu primeiro – disse Constantia.

– Não, diz o que ias dizer; foste tu que começaste – disse Josephine.

– Pre... preferia ouvir primeiro o que tu ias dizer – disse Constantia.

– Não sejas dispatada, Con.

– A sério, Jug.

– Connie!

– Oh, *Jug!*

Uma pausa. Depois, Constantia disse numa voz sumida:

– Não posso dizer o que ia para dizer, Jug, porque esqueci-me do que era... que eu ia dizer.

Josephine ficou calada durante uns instantes. Olhou fixamente para uma grande nuvem no lugar onde estivera o Sol. Depois respondeu, brusca:

– Também me esqueci.

Elizabeth Bishop

Os Filhos do Lavrador

Tradução de Ana Gomes

Elizabeth Bishop (1911-1979). Mais conhecida como a inovadora poetisa de *One Art* ou de *In the Waiting Room*, escreveu também textos de memórias e cerca de uma dezena de contos, entre os quais *The Sea & Its Shore* (publicado no número 8 da revista *Ficções*) e *The Farmer's Children*. A vida de Elizabeth foi desde muito cedo marcada pela perda do pai, aos oito meses, e da mãe que, muito afectada pela morte do marido, foi internada numa clínica psiquiátrica quando Elizabeth tinha cinco anos. Nascida em Worcester, no Massachusetts, viveu primeiro na aldeia de Great Village, na Nova Escócia (Canadá), de onde foi «raptada» aos seis anos, como ela mesma fantasia, pelos avós paternos, que a levaram para Boston. Estudou em dois colégios internos e formou-se no Vassar College, onde iniciou a sua actividade literária e fundou uma revista com Mary McCarthy e Eleanor Clark. Também por esta altura, conheceu Marianne Moore, que teve uma enorme influência na sua vida e na sua escrita. Grande viajante, conheceu bem a Europa e viveu em Nova Iorque, na Florida e no Brasil, onde permaneceu dezasseis anos. Ensinou em Washington, em Harvard e na Universidade de Nova Iorque. No Brasil, traduziu para inglês *O Diário de Helena Morley*, e foi co-autora e tradutora de uma *Antologia de Poesia Brasileira Contemporânea* (1972). *The Farmer's Children* foi publicado na revista *Harper's Bazaar* em 1949. Está incluído em *The Collected Prose* (Farrar, Strauss and Giroux), 1984. Existe tradução brasileira de Paulo Henriques Britto em *Esforços do Afeto e Outras Histórias* (Companhia das Letras).

Uma vez, numa grande quinta a cinco quilómetros da cidade mais próxima, vivia um lavrador muito esforçado com a mulher, as três filhas pequenas, e os filhos dele de um casamento anterior, dois rapazes de onze e doze anos. A primeira mulher era filha de um pastor anglicano, uma mulher feia e simples que pusera aos filhos os nomes de Catão e Emerson; enquanto a madrasta, romântica e excessivamente generosa, pelo menos para com os seus próprios filhos, lhes dera os nomes de Lea Leola, Rosina e Gracie Bell. Havia também o habitual sortido de cavalos, vacas e aves de criação, e um trabalhador chamado Judd.

A quinta tinha pertencido ao avô do pai das crianças, e embora se vendessem alguns talhões de tempos a tempos era ainda muito grande, grande de mais, na verdade. A casa original tinha sido a quinhentos metros da actual, na estrada «velha». Fora atingida por um

raio e ardera completamente dez anos antes, e os avós de Emerson e Catão, que lá viviam, foram morar com o filho e a primeira mulher durante um ou dois anos, o tempo que viveram depois do incêndio. A casa velha era comprida e baixa, e um salgueiro enorme, que escapara milagrosamente ao fogo e ainda crescia, deitava a sua sombra sobre uma ponta do telhado. A casa nova ficava à beira da estrada «nova» de macadame e era alta e parecia uma caixa, pintada de amarelo com um telhado de chapa reluzente.

Ao lado do salgueiro, o celeiro principal da casa velha escapara também ao fogo e ainda era usado para armazenar feno e como barracão onde se guardava a maior parte das alfaias da quinta. Por estas serem tão caras, e custarem sempre mais do que o lavrador pode pagar, e porque o celeiro ficava muito longe da casa e podia facilmente ser assaltado, o trabalhador dormia lá todas as noites, num monte de feno.

A maioria destes factos veio mais tarde nos jornais. Veio também que desde que Judd fora contratado, três meses antes, ele e o pai tinham criado o hábito de ir passar a noite à cidade. Iam tratar de «negócios», que tinham qualquer coisa a ver com a venda de mais um talhão de terra, mas provavelmente, sobretudo para beber; e enquanto estavam fora Emerson e Catão tomavam o lugar de Judd no velho celeiro e vigiavam a segadeira, o virador, o ancinho do feno, o distribuidor de estrume, a grade, etc. — toda aquela estranha e cara maquinaria de mandíbulas e dentes e braços e garras, de acções directas e reflexas e gestos bizarros aparente-

mente tão inteligentes, mas, neste caso, tão completamente impotentes, porque ainda eram puxadas por cavalos.

Era Dezembro e fazia um frio terrível. A lua cheia começava a surgir e o telhado de chapa da casa e retalhos da estrada de macadame reflectiam a luz, enquanto o pátio da quinta ainda estava quase na escuridão. As crianças tinham sido mandadas lá para fora pela mãe, que estava com um ataque de mau humor porque elas se lhe metiam no caminho enquanto fazia o jantar. Agasalhados com casacões de lã, com as mãos geladas, brincavam às jangadas e aos naufrágios. Havia uma pilha de tábuas num canto do pátio, com as quais o pai planeava há algum tempo arranjar um ou outro telheiro, e sentavam-se nelas, imperturbáveis, Lea Leola e Rosina, a salvo, enquanto Catão, com um pau do estendal, comandava, em pé. No navio que estava a naufragar, uma capoeira do outro lado do pátio, ainda estava a bebé, Gracie Bell, estendendo os braços e olhando apreensivamente em volta, quase a chorar. Mas Emerson nadava em seu socorro. Caminhava devagar, encostando o calcanhar à ponta do pé a cada passo, e rodando os braços como as velas de um moinho.

«Coragem, Gracie Bell! Estou quase a chegar!» gritava. Arquejava ruidosamente «As minhas forças estão quase exaustas, mas hei-de salvar-te!»

Catão repetia, aos gritos, «Agora o navio está a afundar-se pouco a pouco! Agora o navio está a afundar-se pouco a pouco!»

Pequenas e prateadas, as vozes ecoavam pelo campo frio. A Lua libertou-se do último prado e olhou equânime a imaginária tragédia oceânica que tinha lugar no interior remoto. Emerson ergueu Gracie Bell nos braços. Ela agarrou-se-lhe com força ao pescoço e rompeu em soluços altos, mas ele retrocedeu firmemente, flutuando com passos pequeninos para cima e para baixo. Gracie Bell guinchava e ele repetia, «Vou salvar-te, Gracie Bell. Vou salvar-te, Gracie Bell», mas mantinha o mesmo passo.

A mãe e madrasta abriram de repente a porta das traseiras.

«Emerson!» gritou. «Põe a menina no chão! Não te disse que da próxima vez que fizesses a menina chorar te batia até já não conseguires berrar? Não disse?»

«Oh, mãe, estávamos só...»

«Mas também, o que é que se passa convosco? Só brigas e discussões, e brigas e discussões, e a guincharem e guincharem e guincharem, de manhã à noite. E vocês os dois, meninos, já são muito grandes», e por aí fora. As palavras feias saíam em catadupa e as crianças estavam imóveis no pátio olhando-a como actores deslumbrados. Mas como dizia o pai deles, cão que ladra não morde, e poucos minutos depois, como que silenciada pela reserva branda da Lua, parou e disse numa voz ligeiramente mais baixa, «Bom, meninos. De que é que estão para aí à espera? Venham para dentro jantar.»

A cozinha estava quente, e o cheiro das batatas fritas e a luz quente e amarela do candeeiro a petróleo sobre a mesa davam uma ilusão de paz. Os dois rapazes sentaram-se de um lado, as duas raparigas mais velhas do outro, e Gracie Bell, ao colo da mãe, na cabeceira. O pai e Judd tinham ido à cidade, um dos motivos por que a mãe estivera excepcionalmente irritada toda a tarde. Comiam em silêncio, à excepção dos mimos da mãe para Gracie Bell, que ajudava a beber chá e leite condensado de uma chávena branca. Comeram as batatas fritas com rojões, fatias e mais fatias de pão branco «da loja» e pratos de «conservas», e beberam chá quente muito doce e leite. O oleado sobre a mesa era de um tom de melação claro, salpicado de pequenas papoilas amarelas; reluzia de maneira aprazível, e as «conservas» irradiavam luz, gotas vermelho-escuras rodeadas de rubi transparente.

«É hoje a noite das migalhas», pensava Catão, e aos poucos conseguiu enfiar quatro fatias de pão por baixo da ponta do oleado e depois para dentro da camisola. Os seus pensamentos pareciam-lhe barulhentos e de mau agoiro e olhava cautelosamente as irmãs para ver se elas se tinham apercebido de alguma coisa, mas os seus rostos pálidos, um tanto insípidos, retribuíam-lhe um olhar inexpressivo. De qualquer forma, aquela era a noite das migalhas e que podia ele fazer?

Nas duas outras noites que ele e Emerson tinham passado no celeiro usara pedaços de papel de jornal rasgado, porque não conseguira encontrar seixos brancos em sítio nenhum. Ele e o irmão tinham regressado a

casa, ainda meio a dormir, à luz azul-acinzentada de antes do amanhecer, e ficara muito contente por encontrar os salpicos de papel sarapintado aqui e ali ao longo do caminho. Tinha-os tirado do bolso pouco a pouco, mal se atrevendo a olhar para trás, e resultara. Mas tinha desejado muito ter «lua cheia infinita» da história, e os seixos que brilhavam «como moedas de prata». Emerson não sabia nada do plano – ou melhor, do sistema – mas resultara mesmo sem a ajuda dele e apesar de todas as discrepâncias.

A mãe pôs Gracie Bell no chão e começou a passar os pratos da mesa para o lava-louças.

«Quer-me parecer que se esqueceram de que hoje têm de ir para o celeiro» disse, ironicamente.

Emerson fez um breve protesto.

«Vamos mas é a vestir e ponham-se a caminho antes que seja tarde. Pode ser que um dia o vosso pai arranje as portas ou faça um celeiro novo. Agora, vá.» Tirou a chaleira do fogão.

Catão não encontrava as luvas de malha. Pensava que estavam na prateleira do canto, com os sacos da escola. Procurou-as metodicamente por todo o lado e por fim deu-se conta do sorriso malicioso de Lea Leola.

«Mã! A Lea Leola tem as minhas luvas. Escondeu-mas!»

«Lea Leola! Tens as luvas dele?» A mãe chegou-se a ela.

«Diz-lhe que mas dê!»

Lea Leola disse: «Nem sequer vi as luvas velhas dele» e começou a chorar.

«Catão, olha o que fizeste! Cala-te, Lea Leola, pelo amor de Deus, e vocês, meninos, despachem-se e saiam daqui. Já tive arrelias que bastem por hoje.»

À porta, Emerson disse: «Está frio, Mã.»

«Bom, o Judd tem lá cobertores. Vá, vão lá andando e fechem a porta. Estão a deixar entrar o frio.»

Lá fora havia tanta claridade como se fosse de dia. A estrada de macadame parecia muito cinzenta e ressoava sob os pés deles, que ficaram imediatamente entorpecidos pelo frio. O frio colou-se logo aos pequenos pêlos das narinas que dóiam como se estivessem cheias de palha gelada. Mas se tentassem aquecer o nariz contra a lapela grosseira dos casacões, a mistura glacial era ainda pior, e desistiram e apontaram apenas um ao outro o hálito, que se ia tornando branco e depois desaparecia. A Lua estava atrás deles. Catão olhou por cima do ombro e viu o telhado de chapa brilhar, azulado, e, por cima, as estrelas azuis, também, azuis ou amarelas, e muito pequenas, mal se conseguia ver a maior parte delas.

Emerson falava calmamente, discorrendo sobre o seu tema favorito: como conseguir uma certa bicicleta que vira há tempos na montra da loja de ferragens da cidade. Falava e falava mas Catão não prestava muita atenção, primeiro porque já sabia bastante bem quase tudo o que Emerson dizia ou podia dizer sobre a bicicleta, e segundo, porque estava ocupado a esfarelar as quatro fatias de pão que fora enfiando nos bolsos das calças, duas em cada. Pareciam transformar-se em torrões, em vez de migalhas, e era difícil arrancar os pedacinhos com as unhas e atirá-los com um piparote para a estrada, de quando em quando, por baixo da aba do casacão.

Emerson não fazia distinção entre os métodos honestos e desonestos de conseguir a bicicleta. Por vezes debatia planos para enganar o dono da loja de ferragens, que de alguma forma seria levado a enviar-lha por engano, e por vezes era a recompensa de um acto de heroísmo. Por vezes falava de um cortador de vidro. Tinha visto o pai usar um desses instrumentos fascinantes. Se tivesse um, cortava um buraco grande na montra envidraçada da loja de ferragens durante a noite. E depois falava em trabalhar no Verão seguinte na lavoura. Iria trabalhar para o lavrador que tinha a quinta ao lado; via-se a levar a cabo feitos prodigiosos na ceifa do feno e na ordenha.

«Mas o velho Blackader só paga quatro dólares por semana aos rapazes grandes» disse Catão, sensato, «e não ia pagar-te assim tanto.»

«Bom...»

Emerson praguejou e cuspiu para o outro lado da estrada, e continuaram o caminho enquanto a Lua subia, perseverante, cada vez mais alto.

Um zumbido percorria os fios telefónicos acima das suas cabeças. Pensaram que podia ser provocado por todas as pessoas a falarem por eles ao mesmo tempo, mas a realidade é que o som não se parecia com vozes. Os vidros por onde passavam os fios tinham um brilho verde-pálido, e os postes eram de prata branqueada pelo luar, e de cada um vinha um rugido estranho, mais profundo do que o zumbido dos fios. Parecia o som de um enxame de abelhas. Encostaram os ouvidos às fendas negras e fundas. Catão tentou espreitar por uma e quase pensou que via a massa de abelhas pretas e iridiscentes lá dentro.

«Mas iam estar todas congeladas – rijas» disse Emerson.

«Não, não iam. Dormem durante o Inverno.»

Emerson queria subir a um poste, Catão disse: «Podes apanhar um choque.»

Ajudou-o, no entanto, e içou-lhe as ancas magras com as duas mãos. Mas Emerson mal conseguia tocar a cavilha mais baixa e não tinha força suficiente para se puxar para cima.

Finalmente chegaram ao ponto em que o caminho saía da estrada, e seguiram por um milheiral cujas ca-

nas se erguiam ainda, imóveis no frio. Catão deixou cair bastantes migalhas para marcar a mudança de direcção. Dos pés de milho pendiam as folhas longas, incolores, em farrapos como velhas serpentinas de papel *crêpe*, como os restos de tendas no terreiro de uma feira de província. Os pés de milho eram mais altos que as cabeças deles, como árvores. Havia linhas duplas de arame, com farpas cintilantes, esticadas ao longo dos dois lados do carreiro.

Emerson e Catão brigavam o dia todo quase todos os dias, mas raramente à noite. Agora discutiam amigavelmente sobre o frio que fazia.

«Até é capaz de nevar» dizia Catão.

«Não» disse Emerson, «está demasiado frio para nevar.»

«Mas quando fica um frio muito grande neva» disse Catão.

«Mas quando fica mesmo frio, um frio horrível como este, não pode nevar.»

«Porque é que não?»

«Porque está frio de mais. De qualquer maneira, não há nada lá em cima.»

Olharam. Sim, à excepção da grande Lua branca, o céu não podia estar mais vazio.

Catão tentava não deixar cair as migalhas na turfa seca entre os trilhos das rodas, onde não se conseguiam ver. Nos sulcos conseguia vê-las durante um pouco, pequenas e acinzentadas. É claro, não havia pássaros. Mas não conseguia chegar a nenhuma conclusão – se o seu plano servia ou não para alguma coisa.

Na casa amarela da quinta a madrastra preparava-se para ir para a cama. Foi buscar mais uma manta para cobrir Lea Leola, Rosina e Gracie Bell, que dormiam numa cama no quarto ao lado. Estendeu-a e aconchegou-a sem as perturbar. Depois, apesar do frio, ficou por momentos a olhar inquieta o padrão de grandes hexágonos que se ramificavam, esbranquiçados, quase sem cor, ao luar. Esta manta fora sempre tão bonita! Tinha sido a mãe dela a fazê-la. Como se chamava aquele padrão? O que é que lhe fazia lembrar? Algures dos contornos de uma brincadeira de infância, de entre as páginas de um livro de escola perdido, a imagem cravou-se-lhe no cérebro: um floco de neve.

«Onde é que fica o raio do celeiro?» disse Emerson, e cuspiu mais uma vez.

Foi um alívio chegar e ver o salgueiro familiar e arrastar um dos lados da porta que se movia lentamente com mãos que não sentiam nada. A princípio parecia escuro lá dentro mas depressa a Lua iluminou tudo muito bem. À esquerda ficavam os estábulos já sem uso das vacas e dos cavalos, havia várias máquinas ao lon-

go da parte central e à direita, e o feno pendia lá de cima com formas indefinidas de ambos os lados. Mas estava demasiado frio para cheirar o feno.

Onde estavam os cobertores de Judd? Não os encontravam em parte nenhuma. Depois de terem visto em todos os estábulos e nas cavilhas de madeira que prendiam os arreios, Emerson deixou-se cair numa pilha de feno em frente à grade, ao lado da porta.

Catão disse «Talvez fosse melhor em cima da meda.» Pousou as mãos nuas num degrau da escada.

Emerson disse «Tenho frio de mais para subir a escada», e soltou um risinho abafado.

E assim Catão sentou-se na pilha de feno no chão, também, e começaram a amontoá-lo sobre as pernas e o corpo. Era uma sensação esquisita; não tinha peso nem matéria nas mãos. Era mais leve que penas e parecia não assentar sobre eles; picava apenas um pouquinho.

Emerson disse que estava cansado e, virando-se de lado, soltou mais uns quantos palavrões, quase cautelosamente. Catão disse uns palavrões, também, e deitou-se de costas junto ao irmão.

A grade estava perto da cabeça dele e os discos de gume afiado, achatados, deitavam um brilho frio. Logo atrás distinguia o ancinho. A fileira de garras longas, curvas, reflectia também o luar, e de onde estava deitado, quase ao nível delas, as garras formavam uma

onda metálica, geométrica que vinha direita a ele pelas tábuas do chão. E na escuridão e na luz em volta estavam todas as outras máquinas: o distribuidor de estreme lançava uma sombra enorme; a segadeira erguia um antebraço forte revestido de dentes em serra, como o de um gafanhoto gigante; e os garfos pequenos e aguçados do virador do feno estavam suspensos numa das zonas iluminadas, uns para cima, outros para baixo, como se naquele preciso instante tivesse terminado um espernear cataléptico.

Acima das suas cabeças, por entre as medas, viam-se todas as fendas e buracos do telhado, e pequenas manchas, como lascas geladas da Lua, caíam sobre eles, sobre a desordem das alfaias e sobre o feno cinzento. De vez em quando uma das ripas do telhado estalava, ou partia-se bruscamente um dos ramos quebradiços do salgueiro.

Catão pensou com satisfação no rasto de migalhas que deixara no caminho de casa até ali. «E não há pássaros», pensou quase com alegria. Ele e Emerson iam regressar a casa tal como das outras vezes, mesmo antes do nascer do Sol, e ele ia ver as migalhas a indicar o mesmo caminho de volta, brancas e firmes na luz matinal.

Depois começou a pensar no pai e em Judd, lá na cidade. Imaginava o pai num restaurante luminoso, com luz eléctrica, de paredes azuis, onde estava muito calor, comendo um prato de feijões encarnados e escuros. Só tinha lá estado uma vez e era isso que lhe ti-

nham dado para comer. Por um instante pensou, com desagrado, na madrasta e nas meias-irmãs, e depois o seu pensamento voltou-se de novo para o pai; gostava muito dele.

Emerson resmungou qualquer coisa sobre «aquele velho do Judd», e enterrou-se mais no feno. Batiam os dentes. Catão tentou pôr as mãos entre as pernas, para aquecê-las, mas o feno atrapalhava-o. Parecia geada. Picava e depois desfazia-se de encontro à pele das suas mãos entorpecidas. Era a mesma sensação que tinha quando comia a geleia de uva que a madrasta fazia todos os outonos e pequenas agulhas, pequenas agulhas duras cristalizadas, como gelo, picavam e dissolviam-se, também no escuro, contra o céu-da-boca.

Pela porta meio aberta os pés de milho do campo, direitos e altos, tinham um ar suspeito. O que se passava por entre aqueles caules de folhas penduradas? Não deviam já ter sido cortados, aliás? Ali estava o milho e ali estavam, de pé ou acoradas, as máquinas. Virou a cabeça para olhá-las. Aquele milho todo devia ser cortado. A segadeira estendia o braço hirto. A grade da manjedoura parecia uma grande armadilha.

Doíam-lhe os pés, quando os mexia. Os pés pareciam cascos de cavalo, como se tivessem ferraduras. Tocou um deles e sim, era verdade, parecia uma grande ferradura.

Os arreios estavam pendurados em cavilhas por cima dele. As pequenas partes de metal cintilavam num

azul-pálido e amarelo como as estrelas minúsculas. Se os arreios lhe caíssem em cima teria de fazer de cavalo e estaria tanto frio lá fora no campo ao puxar a grade pesada. Os arreios eram pesados, também; tinha experimentado as coalheiras algumas vezes e eram muito pesadas. Seriam precisos dois cavalos; teria de acordar Emerson, embora fosse difícil acordar Emerson quando ele se deixava dormir.

Os discos da grade pareciam os lados – aqueles escudos pendurados sobre a borda – de um barco viking. A grade era um barco que ia subir até à Lua com os discos todos a ressoar dos lados; tinha de subir para o assento e conduzi-lo. Aquele assento estranho de ferro perfurado parecia desconfortável e, no entanto, depois de lá estar tinha-se uma sensação tal de poder e bem-estar...

Mas como podia estar a ir para a Lua se a Lua estava mesmo a descer sobre o monte? Não, as luas: havia uma fila inteira delas. Não, aquilo deviam ser os discos da grade. Não, a Lua tinha-se dividido num feixe de luas, deslizando de lado umas nas outras, soltando-se mais e mais e mais.

Virou-se para Emerson e chamou-o, mas Emerson limitou-se a gemer no sono. E então encaixou os joelhos por trás do irmão e abraçou-lhe com força a cintura.

Ao meio-dia do dia seguinte o pai encontrou-os nesta posição.

A história veio em todos os jornais, na primeira página nos jornais locais, perdendo importância à medida que atravessava a região até caber em pequenos parágrafos nas páginas centrais quando chegou a cada uma das costas. O lavrador sofreu uma dor desvairada durante um ano; não se sabe porquê, uma forma de expressar os seus sentimentos foi despedir Judd.

M. John Harrison

Egnaro

Tradução de Luís Rodrigues

M. John Harrison (1945-), Nascido a 26 de Julho, M(ichael) John Harrison é um dos mais prestigiados escritores britânicos da actualidade, surgido das páginas da *New Worlds* de Michael Moorcock, publicação que, durante as décadas de 1960 e 1970, revolucionou a literatura fantástica e de ficção científica anglófona através de autores como J. G. Ballard, Brian Aldiss, Harlan Ellison e o próprio Harrison. Da sua obra, destaca-se o demolidor ciclo de Viriconium (1971-1985), *The Course of the Heart* (1992), e o romance de ficção científica *Light* (2002), romance esse que marcou o renascimento literário da *space opera* no início do século XXI. Através das suas «fantasias punitivas», Harrison tem por hábito negar ao leitor – como a Tântalo – o consolo emocional que muitos procuram nestes géneros de literatura, sem no entanto deixar de reconhecer a suma necessidade humana de sonhar para lá do quotidiano. Em *Egnaro*, de 1980, o autor parte à descoberta de um país imaginário com o pretexto de explorar a dinâmica do desejo na sociedade pós-moderna, bem como a vulgarização do fantástico e a ânsia escapista que inadvertidamente a motiva. Publicado em 1981 no número 27 da *Winter Tales*, *Egnaro* constitui a primeira incursão de Harrison neste universo temático, cuja riqueza continua, até hoje, a minerar.

Egnaro é um segredo que todos conhecem menos tu.

É um país ou cidade onde nunca foste; é uma língua desconhecida. Ao mesmo tempo, é como ser-se encornado, ou vítima de uma intriga. É parte do universo de acontecimentos que nunca se revelará por completo: uma conspiração cujos mais vagos contornos, uma vez visíveis, te atormentarão para sempre.

É em conversas alheias (assim me contou o Lucas) que ouves falar de Egnaro pela primeira vez. Egnaro revela-se em minúcias, nessa parte grande e tão real das nossas vidas em que não estamos a fazer nada de importante. Esperas, à porta da biblioteca, à chuva: o anúncio a um novo tipo de bomba pneumática, fotografada contra um fundo de cicas e coníferas, chama-te a atenção. «Sucursais em todo o lado!» Os velhos sentam-se no parque, e quando passas, fazem referência fortuita a uma qualquer campanha esquecida nos pântanos de um país sufocante. Estás sempre em trân-

sito quando ouves falar de Egnaro, em trânsito ou no limbo. Um livro cai aberto e tu lêes, com um súbito e inefável *frisson* de nostalgia, «Alguma vez lá voltarei?» (Lá fora, de novo a chuva, a cair no jardim de outra pessoa; agitado pelo vento, um ramo escuro e húmido toca a janela.) Uma mulher murmura durante um jantar: «Egnaro, onde as grandes esplanadas ao sol se erguem de um mar escuro como vinho...»

É esta natureza fragmentária, ouvida de passagem, que é tão destrutiva. Quando te voltas, já a mulher está a falar de tomates e flores de estufa; já alguém desligou as notícias que sugerem uma guerra no estrangeiro; já o contabilista no banco de comboio à tua frente dobrou o *Daily Telegraph* ao preparar-se para sair em Stockport. Esqueces-te de imediato. Egnaro – pelo menos a princípio – esconde-se nos interstícios, nos momentos vazios da tua vida.

O próprio Lucas tinha uma característica de acaso semelhante. Era um homem rechonchudo, inteligente e de cabelo encaracolado, entre os trinta e os quarenta e dado a enxaquecas, que subira na vida, desde vender discos e peixinhos vermelhos no mercado de Shude Hill, até abrir uma livraria miserável numa das ruas traseiras à biblioteca de Manchester. Uma vez por mês, tratava-lhe da contabilidade num escritório imundo que ele tinha no andar de cima; oferecia-me depois um jantar no chinês e pagava-me em dinheiro, pelo que lhe ficava grato. Vendi-lhe alguns livros da minha mulher quando ela morreu. Foi muito correcto para comigo nessa altura.

Lucas geria o negócio de forma evasiva. Os recibos eram rabiscados em sacos de papel pardo a desfazer-se,

numa variedade de caligrafias. Tinha três assinaturas. Nunca descobri quantas pessoas empregava. Nunca pagava as contas. Escondia-me quase tanto quanto escondia aos fornecedores, aos sócios e ao fiscal do IVA. Para dizer a verdade, eu deixava-o esconder o que lhe apetecesse: ninguém se importava nas ruas cinzentas lá fora, e eu estava satisfeito por ter trabalho. Detestava aquele escritório, atulhado que estava de copos de plástico meio vazios e pratos de comida ressequida; mas gostava da loja. Depois dos subterfúgios tortuosos do andar de cima, havia ali uma candura amarga.

A montra estava cheia de banda desenhada americana, repleta de cor nos seus sacos de celofane, e a porta encontrava-se sempre aberta. O interior do estabelecimento era a relíquia de uma dúzia de casos de falência: aluguer de veículos, sapatos baratos, bricolage. Lucas tinha arrancado o mobiliário original, deixando feridas abertas nas paredes para lhe servir de recordação, e substituído tudo por prateleiras mal feitas. Um leitor de cassetes e duas colunas de som despejavam música *pop* pelos corredores estreitos, de modo a atrair a clientela de estudantes e adolescentes que lhe dava o sustento. Entravam cheios de uma espécie de idealismo voraz, para comprar ficção científica e coisas de gente doida – livros sobre como dobrar colheres, sobre discos voadores e espiritismo – livros de Koestler e Crowley, Cowper Powys e Colin Wilson – toda a parafernália daquele paradigma do «novo» que tanto atrai a juventude. Adicionalmente, Lucas vendia-lhes discos em segunda-mão, cartazes, novidades e – de uma cave a cheirar a retretes entupidas e a mofo – revistas de cinema, biografias de James Dean e banda desenhada infantil.

Adoravam aquilo. Não havia superfície plana onde não se amontoassem as porcarias que queriam, e não me parece que alguma vez se tivessem apercebido do quanto Lucas os odiava, ou de que esta fosse a sua forma de se vingar deles.

Lucas guardava a pornografia nas traseiras da loja. Nas tardes mortas, sentava-se atrás do balcão a embalar o fornecimento novo em sacos de plástico para que os clientes não o estragassem. Esta actividade parecia acalmá-lo. Os dedos roliços já estavam tão habituados à tarefa que trabalhavam sozinhos, dobrando o embrulho, puxando a fita-cola do rolo e alisando-a, enquanto os pensamentos de Lucas divagavam e a cara sucumbia numa expressão distante; ao que se assemelhava, com os seus caracóis e pele glabra, a um querubim depravado mas confuso. Às vezes, folheava um número da *Rustler* ou da *Mamalhudas em Poses Naturais* antes de o selar, ou fitava, com súbito desprezo empedernido, os homens de negócios que vasculhavam as prateleiras de trás.

Uma ou duas vezes por mês, a polícia aparecia de surpresa e retirava-lhe a mercadoria toda em sacos do lixo de politeno preto. Ninguém esperava que estas rusgas surtisses efeito. Lucas tinha as prateleiras novamente cheias no dia seguinte. Tratavam-no com uma familiaridade chocarreira – e, confrontado com os seus mandatos e ordens de destruição, Lucas mostrava-se rancoroso, mas ainda assim educado. Não fazia qualquer distinção entre pornografia e ficção científica, perguntando-se muitas vezes e em voz alta porque confiscavam uma e não a outra.

– Para mim é tudo o mesmo – assegurava. – Conforto e sonhos. Dá-vos tudo cabo da cabeça.

Depois, reflectindo:

– Dá-lhes é o que eles querem e fica-lhes com o dinheiro.

Ainda que acreditasse nisto, o seu cinismo não era tão simples quanto podia parecer. O estudante de Belas-Artes, com as suas calças largas e cabelo pintado de magenta, em busca do último Carlos Castañeda ou John Cowper Powys; a rapariga de balcão que perguntava, num gemido ansioso, «Tem alguma coisa do Elvis Presley? E livros? E crachás?»; o técnico de contas no seu fato e colete, que arregaçava de repente o punho da camisa para consultar o relógio digital, antes de arrumar o novo número da *Raparigas a Cores* ou da *Omni* na malinha de plástico: cedo notei que o desprezo de Lucas por eles provinha da empatia.

Em momentos de irreflexão, mostrava-me parte da sua colecção particular: volumes floridos, ilustrados nos anos vinte e trinta por Harry Clarke; estampas de Beardsley e reproduções de Burne-Jones. Tinha jornais dos anos cinquenta e sessenta que anunciavam os óbitos de políticos e estrelas da *pop*; tinha gravações originais de Jerry Lee Lewis e Chuck Berry. Se conhecia com exactidão o que os adolescentes queriam comprar, era por ser cúmplice dos seus sonhos; porque também ele frequentara as ruelas de Londres, Manchester e Liverpool, há poucos anos apenas, em busca de uma biografia de Mervyn Peake, de um romance esquecido, de um disco pirata. E se os odiava, era porque o próprio tinha perdido aquela simplicidade, aquela capacidade que eles tinham de ser consolados e o à-vontade com que consumavam os seus desejos.

Lucas vivia encurralado entre a fantasia das prateleiras, que já não o satisfazia, e as resmas de facturas sem significado que flutuavam em poças de café frio na secretária do andar de cima. Aí residia a sua susceptibilidade em relação a Egnaro. Onde reside a minha, disso já não tenho tanta certeza.

– Todos gostamos de um país misterioso – disse Lucas.

Sentávamo-nos no escritório, a examinar cuidadosamente a sua colecção, enquanto aquecíamos as mãos no radiador eléctrico, que arrancava um fedor acre das pilhas de revistas antigas e dos caixotes do lixo a transbordar. A contabilidade de Fevereiro estava fechada. As receitas eram poucas, dizia ele, e as despesas, muitas. Desde o início do mês que um vento da Sibéria vinha desanimando o centro da cidade, varrendo Deansgate da catedral para leste e invadindo as lojas. No andar de baixo, o leitor de cassetes estava avariado. Estudantes vagueavam apaticamente pela loja, sozinhos ou aos pares, ou juntavam-se em redor da montra com os colarinhos levantados, a discutir o valor do material exposto.

– Por exemplo – explicou Lucas, debruçando-se sobre o meu ombro para virar a página. – Esta tribo vive há séculos sob um vulcão, numa ilha algures ao largo do Sudoeste africano. Desconhece-se a latitude exacta. Os anciões da ilha veneram o vulcão como a um deus, e conta-se que têm poderes sobre-humanos. – Ágeis, os dedos sapudos voltaram várias páginas de uma vez. – É das ilustrações que eu gosto. Olha! Dá para ver cada uma das cabeças debaixo de água, até as

palhinhas por onde respiram. Repara neste pontilhado! Não encontras desenhos destes na porcaria lá de baixo.

Suspirou.

– Passava horas de volta disto quando era miúdo. Estás a ver os cuatás, encurralados na aldeia em chamas? São os olhos do curandeiro: não verá mais nada o resto da vida, só labaredas!

Lucas tinha andado preocupado todo o dia, às vezes deprimido e irritável, outras cheio de uma estranha ânsia nostálgica que nele se fazia passar por boa disposição. Era incapaz de se decidir por algo. Mostrava-me agora uma colectânea ilustrada de um escritor americano qualquer, popular nos anos vinte, Edgar Rice Burroughs ou Abraham Merritt, e que lhe havia custado, dizia, mais de cem libras. Tinha sido impressa clandestinamente uma década atrás, e era muito difícil de encontrar. Não lhe vi grande interesse, e fiquei surpreendido por descobrir que Lucas a guardava ao lado das suas preciosas edições de *A História de Vénus e de Tannhäuser* e *Salomé*. As ilustrações pareciam toscas e monótonas, involuntariamente cómicas no seu retrato de gorilas albinos e raparigas apavoradas com os olhos esbugalhados; ao passo que os contos em si eram fragmentários, infundados e irreais.

– Nunca vi muito disto – admiti.

Pessoalmente, contei-lhe, tinha adorado Kipling com aquela idade. (Mesmo agora, se fechar os olhos, consigo imaginar «o gato que caminhava só», de cauda alçada no ar como se fosse um pincel e aquele pobre ratito atravessado na ponta da espada.) Quando não respondeu, fechei o livro com cautela exagerada.

– É muito giro – disse eu – mas não é bem o meu género. Já tens fome?

Mas Lucas olhava fixamente a rua fria e negra lá em baixo.

– É quase como se ele tivesse lá estado, não achas? – disse. – A observar a forma como a cinza cai sem parar sobre os terraços de pomes.

Estava a falar consigo mesmo, mas não era capaz de o fazer sozinho. Tentava seduzir-me, ainda que tivéssemos tão pouco em comum que ele não sabia o que dizer. A obsessão apertava-lhe a garganta, e o volume de Rice Burroughs fora só uma introdução, uma forma de me preparar. Mais tarde, começaria a reconhecer estas disposições e a aprender a reagir a elas. Por agora, limitava-me a observar enquanto ele abanava a cabeça com uma expressão ausente, deixava a janela e, arfando pela boca, fingia vasculhar os montes de tralha debaixo da secretária. O livro que encontrou caiu aberto, pelo muito uso, numa página a meio. Agora vejo que isto era o que ele me tinha querido mostrar desde o princípio. Olhou-o um bocado, mexendo ao de leve os lábios enquanto passava os olhos pelo texto, depois assentiu com a cabeça e pôs-me o livro nas mãos.

– Sempre me interroguei sobre o significado disto – disse, com um peculiar encolher de ombros depreciativo. – Talvez te interesse: o que ele realmente quis dizer.

Era um livro de bolso americano, daqueles com a borda das páginas tingida de vermelho baço e papel que cheira vagamente a excremento. Havia edições mais recentes na loja do andar de baixo e, na verdade, era bastante popular. O autor afirmava estabelecer uma li-

gação entre certos acontecimentos astronómicos e as actividades de sociedades secretas e seitas gnósticas, embora não fosse claro o que esperava provar com isso. O livro chamava-se *Os Castelos dos Reis*, ou algo parecido. Há dez anos que as bancas estavam cheias daquilo; mas o exemplar de Lucas tinha sido comprado em meados da década de cinquenta, quando não era tão comum, e as páginas estavam castanhas como tabaco, de tão velhas. Enquanto eu lia, Lucas andou em alvoroço pelo escritório, a remexer as facturas, a tentar arrumar a secretária, a aquecer as mãos no radiador: mas eu sentia que me observava com atenção.

«Sabemos o que vemos», começava a passagem, «ou assim pensamos...» E prosseguia:

... mas será possível que o verdadeiro padrão da vida não seja de modo algum evidente, mas antes se esconde sob a superfície das coisas, semi-oculto e evidente apenas sob certas luzes raras, e mesmo assim só para o olhar preparado? Um país secreto, um lugar por detrás dos lugares que conhecemos, que parece ter pouca relação com os planos óbvios do universo?

A certas luzes e em certas estações do ano, os habitantes de qualquer cidade podem ver caras enormes suspensas no ar, ou palavras de fogo. Mais, uma casa numa rua normalmente às escuras poderá ser vista com as luzes acesas à noite, uma semana, embora não viva aí ninguém. De lá virão sons de festança, ainda que não se veja ninguém a entrar ou sair. De súbito, fica tudo outra vez em silêncio e às escuras, como se nada tivesse acontecido! Mas as pessoas vulgares recordar-se-ão.

Os cientistas dão-nos muitas explicações por onde escolher. Esperam mesmo que acreditemos que a reali-

dade se faz de partículas minúsculas, num remoinho invisível em torno umas das outras?

Havia mais disto; o relato de um eclipse testemunhado na China no século catorze; e depois o parágrafo curioso que se segue:

Na Índia, os recém-casados vadeiam a lama do estuário enquanto apanham peixe numa peça de vestuário nova. «O que vêem?», gritam os amigos da margem. «Filhos e gado!» são a resposta. Vamos agora duvidar de que a Índia existe? Na Idade das Trevas, nunca tinham ouvido falar da América! Quando o Judeu de Tunes exibiu uma cauda de peixe numa almofada, será que alguém duvidou de que era um peixe?

– Não estou a ver lá muito bem aonde ele quer chegar – disse-lhe.

– Ah – disse Lucas. Pôs-se a pensar um bocado. Já aguardava a minha reacção, pude constatar, mas ainda assim estava desapontado. – Mas viste-lhe a falha no raciocínio? – Tirou-me o livro das mãos com delicadeza e voltou a colocá-lo na pilha. – Não te deixaste enganar?

– Oh não – respondi, o mais categoricamente possível. – Não deixei.

Mas Lucas parecia descontente. Ficou um bocado a olhar para mim, como se o tivesse tentado enganar acerca de uma coisa óbvia – a hora de um comboio, por exemplo, ou o nome de uma actriz de cinema. Vesti o casaco sob o olhar azul lacrimoso dele e saímos do escritório em silêncio. Apercebi-me de súbito de que ele não via falha alguma naquele «raciocínio», tal como era; e perguntei-me por instantes quantos conhecidos de ocasião como eu teriam já sido convidados a entrar no

escritório para meditar profundamente sobre *Os Castelos dos Reis*; e a quantos outros teria emprestado o livro, na esperança de que vissem o mesmo que ele nas meadas de retórica banal e curiosas más interpretações do mundo.

No andar de baixo, olhou a loja com aversão; meteu os ganhos – umas oitenta libras – ao bolso, após breve discussão com o jovem enfasiado atrás do balcão da caixa; e fechou a porta à chave. Enquanto ficámos no degrau da entrada, a apertar os casacos contra a neve que caía do ar negro de Manchester, Lucas virou-se para mim e rejeitou tudo com um:

– Mas dá para rir, aquele trecho? Enfim, dá para rir! – e fiquei com a sensação de que ele também já tinha dito aquilo muitas vezes. – A propósito – prosseguiu, no mesmo tom depreciativo –, já alguma vez ouviste falar de um sítio chamado «Egnaro»?

– É aquele restaurante javanês em Cross Street, não é? – disse. Pensei que talvez Lucas se tivesse fartado de comida chinesa. – Queres experimentar ir lá esta noite em vez de ao Lótus da Sorte? Podemos ir lá sem problema.

Lucas olhou-me como se esta fosse a última resposta no mundo por que esperava; ao que soltou uma gargalhada indisposta e quase conciliatória.

– Ir lá sem problema! – disse, e agarrou-me pelo braço.

Egnaro: era uma palavra que, descobri, vinha sem problema à boca.

– Já alguma vez pensaste – disse Lucas mais tarde, enquanto picava o caril de frango – que a única parte

da tua vida que realmente interessava já acabou? – e, sem me dar oportunidade de responder: – Eu já.

Sentávamo-nos à mesa no Lótus da Sorte, a ouvir os sobretudos molhados gotejar na alcova atrás de nós.

– Não, não te rias – disse ele. – Estou a falar a sério. Assim que a tua infância acaba cá em cima, põem-te na fábrica da pasta dentífrica. Arranjas uma habitação social em Blakely. Ganhas hemorróidas e passas o resto da vida a ver o *Coronation Street*.

Lucas comia no Lótus duas ou três vezes por semana, na maior parte das vezes sozinho, porque lhe poupava o trabalho de ter de cozinhar para si próprio quando chegasse a casa. As empregaditas malaías, penso, aperceberam-se de que ele estava só, e rodeavam-no mal ele se sentava, dizendo piadas sobre o tempo com os seus sotaques glutinosos e inexplicáveis. Tinham feito dele parte da mobília, um fetiche; e o Lótus, com o seu horrível papel de parede castanho tufado, toalhas sujas e arroz grumoso, parecia um prolongamento natural do escritório de Peter Street. Lucas comia com uma espécie de avidez lúgubre, assentando os cotovelos firmemente sobre a mesa antes de começar, observando o prato com desconfiança, e rodeando-o com os antebraços como se pensasse que alguém lho iria tirar antes do fim.

– Não foi isso o que te aconteceu – realcei o facto.
– Tens a loja. Escolheste uma vida diferente.

Lucas fitou longamente um bocado de carne espetado na ponta do garfo.

– Nunca te escapas – disse por fim. Em seguida:
– Olha, não é para te tirar o apetite, mas importas-te de cheirar isto? – agitou-me o garfo por baixo do nariz.
– Tem um sabor um bocado esquisito.

Lucas encontrava-se num estado de curiosa auto-comiseração desde que me mostrara *Os Castelos dos Reis*. Desconfio que estivesse arrependido por ter revelado até este cantinho da sua vida privada. Tornamo-nos vulneráveis com confidências. Mas fosse ou não esse o caso, agora que Lucas tinha encetado o assunto, era incapaz de o deixar quieto. Tive a impressão preocupante de que Lucas caminhava para uma crise qualquer. Tinha bebido muita cerveja com as costeletas assadas, mas pude ver que isso lhe tinha dado algum alívio do que quer que fosse que o afligia. Depois de o ter tranquilizado acerca do frango, que me parecia perfeitamente bem, disse-me:

– Costumava pensar: «E se os mapas estivessem todos errados e o mundo estivesse cheio de países por descobrir!» Países por descobrir! Boa piada!

As queixadas dele mexeram-se lentamente, de um lado para o outro; sacudiu então a cabeça, engoliu, e empurrou o prato para longe.

– Já nessa altura era tarde. O mundo estava cheio de bairros residenciais. – Lucas lançou um olhar distante. – Os anos vinte e trinta: esses é que foram tempos para se ser jovem. Ainda se podia acreditar que se tinha cometido um erro nessa altura.

Enquanto eu pensava sobre o assunto, uma empregada aproximou-se e perguntou:

– Costa de cléme agola?

– Quê? – disse eu.

A empregada deu uma risadinha.

– Costa de cléme? Rôz dôs?

– Ah sim – disse Lucas. – Creme e arroz doce.
– Acenou vigorosamente que sim à empregada. – É o

que tenho comido a semana toda – explicou-me. – Elas habituam-se depressa aos teus hábitos. Às vezes não percebo uma palavra do que dizem. Acho que é por isso que cá venho.

A empregada trouxe-lhe o doce.

– Quando era miúdo (e vais rir disto, aviso-te) – disse ele – acreditava que tinha nascido num continente desconhecido e que tinha sido trazido para cá por mercadores de escravos. Quando fechava os olhos à noite, ouvia vozes como a dela, sobrepondo-se ao som de vagas a rebentar numa praia putrefacta. Era o país mais assustador do mundo. Os deltas dos rios estavam cheios de sedimento radioactivo. Os nativos exploravam minas de uma espécie de ouro verde. Eram belos: quase brancos, muito inteligentes, muito altos e bondosos. Ficava algures no Antártico. – Pousou a colher e olhou em volta. Engasgou-se subitamente. – Meu Deus – susurrou. – Continuo a preferir estar lá do que aqui!

E olhou apressadamente para a porcaria pegajosa que tinha no prato.

Fiquei sem saber muito bem o que dizer.

– Decerto que todos nos sentimos assim às vezes – arrisquei. – Mas não será isso escapismo? Talvez os bairros residenciais sejam os verdadeiros países desconhecidos...

Lançou-me um olhar de desprezo.

– Espertinho. Nunca viveste nessa merda.

Ficou muito tempo em silêncio depois disso. O restaurante tinha estado cheio de empregados e secretárias a jantar antes de irem ao cinema ao virar da esquina, em Deansgate, as mulheres com as suas botas de Inverno, os homens com os seus fatos e coletes. Agora ia-

-se esvaziando a bom ritmo, abandonando-me numa ilha deserta com Lucas. O gerente, que não falava inglês embora a sua aritmética fosse perfeita, saiu de trás do balcão; e, com as raparigas a chilrear à sua volta, deu início a uma espécie de jogo numa das mesas desocupadas. Lucas agitou o arroz doce no prato grosso e branco até o arrefecer, bebericando o licor pegajoso, de sabor a café, que tinha pedido antes. Mordí o lábio e concentrei-me na parede, atrapalhado. De súbito, Lucas levantou o olhar. Escorriam-lhe lágrimas pela cara.

– Tens a certeza de que nunca ouviste falar de Egnaro? – disse. – É que – continuou, antes que eu pudesse dizer alguma coisa – praticamente convenci-me de que um lugar assim existe. – Esfregou os olhos com as costas da mão. – Desculpa. É que fico com a sensação de que toda a gente sabe, estás a ver: e que ninguém me diz – riu-se. – É estúpido, não é? Imagino que todos temos ideias estúpidas assim. – Levantou-se e puxou um rolo de notas de cinco libras sujas do bolso. – Chegam-te vinte libras este mês? Ando um bocado teso. Sabes como é. Eu pago a conta.

Fi-lo sentar-se e beber um café. Obriguei-o a falar-me de Egnaro, e agora desejo, mais do que qualquer outra coisa no mundo, que nunca o tivesse feito.

Os mineiros mortos de Egnaro jazem voltados para o sol, com o negrume da carne a alcatroar-lhes os ossos compridos. Ao alto, uma gaivota afasta as asas; um vento quente sopra junto ao litoral, soltando algumas das escamas de ouro em folha que ainda se colam à pele escurecida. Egnaro! – é um lugar perigoso, que se apodera de ti pela calada, como um sonho. É o nome das tuas perguntas mais básicas acerca do universo, é a

ponta do funil a partir da qual a tua vida refluí. Todos os mitos são perversões da sua história; é o segredo por trás da história aparente do mundo. Está, ao mesmo tempo, dentro e fora de ti, e envia sinais a todos os homens em qualquer instante da sua vida, como um lampejo de electricidade que lhes percorre os nervos. É tão simples quanto uma conversa mal ouvida no autocarro.

– Uma mulher sentada ao pé de mim falou com a vizinha. Veio a minha paragem. O autocarro deu um solavanco e eu tive que sair. Parado no passeio, à chuva, apercebi-me do que a mulher tinha dito: «Egnaro, onde têm tantos outros sentidos por onde escolher!» Soube de imediato que a tinha ouvido mal: ri-me e afastei-me. Mas recordei-me disso mais tarde, e Egnaro surgiu para me assombrar.

Foi assim que Lucas começou a sua explicação, por baixo dos sobretudos gotejantes do Lótus da Sorte, naquela noite no final de Fevereiro. A princípio, tive que o incitar. (Teria ele, por exemplo, ouvido a resposta da outra mulher? Afinal não.) Mas à medida que a sua confiança aumentava, e apesar de se mostrar muitas vezes confuso ou incoerente, pareceu trocar a auto-comiseração por uma espécie de espanto sem norte: os olhos adquiriram um brilho lacrimoso de entusiasmo, e a voz, uma qualidade lírica em bruto. Esteve muito tempo a falar. Casais entraram, jantaram à luz fraca, e voltaram para a rua. As empregadas olharam-nos com bondade e deram risadinhas. Afinal de contas, Lucas fazia parte da mobília. Costa de más clême?

– Egnaro, onde têm tantos outros sentidos por onde escolher!

A partir do momento em que ouviu aquela meia-frase sem sentido, uma espécie de barragem pareceu ter rebentado no cérebro de Lucas.

– Foi como limpar a condensação do vidro de uma janela e olhar para uma paisagem que não se compreende.

Lucas era inundado por pistas e sugestões, frequentemente da mais delicada natureza. Num exemplar do *Sunday Times Business News* apanhado do chão do comboio, leu: «Cortes no orçamento para a exploração podem ainda travar a recuperação industrial.» Sabia com exactidão o que devia concluir daí, mas era incapaz de explicar como. Em dois versos críticos de *Ruas de Laredo* de Louis MacNeice, descobriu o seguinte erro de impressão: «Egnaro dourado, caído, caído / Não morrerá tua chama, nem se aplacará tua sede.» O exemplar do livro pertencia a outra pessoa. E certa vez, abrigando-se de uma trovoada à entrada do Tesco, teve a seguinte experiência bizarra:

Os relâmpagos tremeluziam como uma lâmpada fluorescente avariada. Entre clarões, o céu mostrava-se sombrio e oleoso. O átrio começou a encher-se de aleijados que também procuravam abrigo da chuva.

– Parecia que os desgraçados dos filhos da mãe deficientes de Blakely tinham ido todos parar àquele átrio.

Lucas sentia que se iam amontoando, não por causa do vento e da chuva, mas por causa de agoiros e premonições sentidos naquela manhã em frente ao fogão a gás. Surgiam motivados por «instintos que nos disseram algo pela última vez quando ainda éramos todos sapos». Havia idosas com os dedos arruinados pela artrite e grandes carbúnculos varicosos; um homem alto

que olhava para o coto lustroso do braço esquerdo e cantava hinos; uma rapariga com uma deformação no lábio e talas de ferro. Havia uma mulher minúscula com uma corcunda.

– Senti – disse Lucas – que, se lhes perguntasse por que tinham vindo, a resposta seria: «O meu cão falou-me de Egnaro, o velho maluco, e cá estou eu» ou, «Ouvi dizer que íamos lá todos para ser curados.» Senti-o com muita força.

Mas limitaram-se a olhá-lo; e, quando parou de chover, deixaram-no com os seus sapatos encharcados.

– Nenhum deles chegou sequer a falar.

Era deste modo que Egnaro se escondia e revelava em simultâneo perante Lucas; em obliquidades.

– Era impossível verificar fosse o que fosse – queixou-se ele. – O táxi estava sempre a afastar-se; quando olhava, já tinha desaparecido. Descobria sempre que tinha usado o jornal para acender a lareira. As pessoas pediam-me para devolver livros que ainda não tinha acabado de ler.

Procurara em todos os atlas e enciclopédias que conseguira encontrar, mas sem descobrir nada (se bem que, uma vez, no *Guia Baedeker do Norte de Itália*, deparou-se com um erro tipográfico parecido com «Ignar» ou «Ignari»; estava num mapa de Livorno, junto ao porto novo). Nada passava a público, mas, por esta altura, já conseguia ouvir a conspiração à sua volta. Produzia um som expectante, disse, como uma fila de pessoas a entrar numa catedral ou num auditório vazio. Tinha afectado a economia do país, acreditava ele; tinha azedado e complicado as relações internacionais. Armavam-se frotas dos dois lados do Atlântico, no Ca-

nal, no Báltico, e ao longo de todo o litoral mediterrânico, numa corrida para tirar partido do novo país. Quem chegasse primeiro colheria uma fortuna enorme dos seus recursos minerais, das novas ciências dos seus habitantes misteriosos, dos seus novos e incríveis animais; além de uma vantagem estratégica imensa. No instante em que a sua localização exacta fosse conhecida, fazer-se-iam ao mar. Embora este segredo fosse cuidadosamente guardado, preparativos em tão grande escala eram, por força, do conhecimento de muitos; as pessoas vulgares tinham sido rápidas a captar o rumor.

– Tratam-no como um sítio aonde ir passar *férias!*
– disse Lucas, com um nojo cansado. – Será mais barato do que Maiorca? As praias menos cheias do que a Costa Blanca?

(– Costa? Costa?)

De súbito, voltámos ao princípio. A cara dele tinha sucumbido outra vez na autocomiseração e Lucas enterrara a cabeça nas mãos.

– Não vê? – suplicou. – Se não descobrir qualquer coisa em breve, eles vão chegar lá antes de mim! – Os seus ombros estremeceram. – Esse é que é o verdadeiro horror, não vê? Se o lugar existe mesmo, então quando lá chegar já será tudo igual ao que é aqui!

E fitou, com ar miserável, as paredes castanhas tufadas do Lótus da Sorte, com as lágrimas a escorrem-lhe de novo pelas faces.

Que podia eu fazer? Estava apavorado com a situação. E, no entanto, o que me tinha dito não me chegara realmente a tocar. Sempre admirara muito a sua cínica capacidade de recuperação; não teria conseguido sequer imaginar, até então, o estado em que Lucas

tinha caído. Lembro-me de pensar, «Como é que alguém pode acabar tão desesperadamente perdido?» Mas isso é capaz de ter sido muito mais tarde; além de que nunca sabemos muito bem o que queremos dizer com pensamentos destes. De uma maneira ou de outra, consegui animá-lo e convencê-lo a pagar a conta. Eram agora umas nove ou dez da noite. As empregadas rodearam-no em alvoroço, mas Lucas pareceu não reparar nelas. Tinha-se esquecido da mala, e elas vieram a correr atrás de nós para a entregar. Lucas agradeceu-lhes com um ar ausente. Tudo o que aquela mala alguma vez tivera dentro fora um número antigo da *Rustler* e uns lápis partidos. Quando desembocámos no silêncio de morte das ruas traseiras a Deansgate, Lucas disse que iria a pé até à fila de táxis em St. Peter's Square. Fui com ele até lá, mas não ia poder esperar.

– Ficas bem? – perguntei-lhe.

– Oh sim – disse ele. – Já só me dói um bocadinho a cabeça. Depois tomo dois *Veganines* quando chegar a casa. Põem-me logo a dormir – agarrou-me o braço. – É só uma ideia parva, isto tudo, sabes. Há-de passar-me.

E ali ficou, de aspecto gasto e deslocado no vento de Fevereiro, com a sua solidão perfilada contra a grande porta de entrada do Hotel Midland atrás de si. Não parecia haver muitos táxis na vizinhança.

O centro da cidade demorou a recuperar daquele Inverno. Março foi frio; a neve tardia de Abril achatou as margaridas e encheu as sarjetas de lama; a Páscoa chegou cedo, mas nada fez para ajudar o comércio. As

peessoas mostravam-se relutantes em sair à rua com aquele vento cortante, tão fora da época: quando saíam, não tinham dinheiro. A facturação caía toda nas lojas de artigos de luxo e na maior parte dos supermercados. Deansgate adquiriu um aspecto deserto e miserável. Podia ver-se um ou outro empregado de escritório sair à pressa para a hora de almoço, mas evitavam as galerias pedonais de King Street onde as modas de Primavera se exibiam de forma colorida, porém, algo remota, atrás dos vidros das montras. As lojas de sanduíches estavam vazias. É difícil dizer quanto do fracasso de Lucas era parte deste panorama maior, quanto era culpa sua.

Perto do fim de Março, os comités para o desperdício governamental ameaçaram cortar as bolsas de estudo pela terceira vez em doze meses. (Alguns manifestantes confusos marcharam pela Peter Street com *placards* e um abaixo-assinado, para no fim se dispersarem sem rumo, mal chegados à praça.) Pouco tempo depois, Lucas desentendeu-se com os principais fornecedores de livros de bolso, que estavam, e com razão, fartos de ele não pagar as contas. Depois, já quando os estudantes começavam a regressar e o negócio se começava a restabelecer, uma série de editoriais dedicados «àqueles agentes de pornografia e fornecedores de imundície» apareceram no *Evening News*; e por uns tempos, as estantes nas traseiras da loja foram alvo de rusgas quase todas as tardes. Isto fez com que o pessoal de Lucas andasse nervoso e irritável: já não tinham mais nomes falsos para dar à polícia e, fartando-se das promessas de Lucas para arranjar o leitor de cassetes, deixaram-no um a um.

Ao longo de todo este período, Lucas andou preocupado e indeciso. Enganava os credores com desculpas cada vez mais esfarrapadas; distraído, assinava o nome verdadeiro em acordos que não podia esperar cumprir; e sempre que conseguia encontrar alguém que lhe tomasse conta da loja, sentava-se no andar de cima a tentar controlar as dores de cabeça com mãos-cheias de *Veganine*.

– É melhor que comeces a vir duas vezes por mês – disse-me, sentindo que alguém tinha de tomar nota dos pagamentos de empréstimos, acordos complicados e rastos de promessas em falta.

– Porque é que não te arranjamos um sistema? – sugeri eu, mas Lucas seria incapaz de o seguir, e de qualquer maneira nunca assentava nada. As receitas iam-lhe directamente para o bolso das calças ao fim do dia, e ele pagava as contas em prestações a dinheiro, às vinte e trinta libras de cada vez. Quando me queixei que o pessoal do IVA não estava satisfeito com os valores, perguntou-me então de mau humor:

– Mas que valores é que eles *querem*? Esse é que é o teu trabalho!

– Não me vou pôr a inventar coisas – avisei-o, e ele encolheu os ombros. Era uma discussão que já havíamos tido.

– Toda a gente é corrupta – disse ele. – Feitas as contas.

Não soube dizer se aquela era uma afirmação ou uma profecia. A nossa maior discussão rebentou em meados de Abril, quando descobri, no meio das suas «facturas», um pedaço de papel onde tinha escrito, *Egnaro! O meu coração anseia por um vislumbre das tuas*

falésias nubladas! O resto era difícil de ler, e tinha algo a ver com um desastre numa plataforma petrolífera e um argumento para televisão «secreto».

– Pensava que já tinhas ultrapassado isto – disse-lhe, o mais brandamente possível. – Não sei o que é que o George vai pensar. – George Labrom era o inspector das Contribuições e Impostos. Esperávamos por ele aquela tarde. Conhecia-o mal: era um homem sério, indulgente até, mas não gostava do Lucas, e a sua paciência diminuía. – Mas, se quiseres, posso tentar enfiar isto num sítio qualquer... – Mas Lucas não me deixou transformar aquilo numa piada. Mordeu o lábio, soltou um suspiro profundo, e pôs-se à janela, onde seria mais fácil ignorar-me.

– Vá lá, Lucas – disse, irritado. – Não me deixes aqui com o trabalho todo.

Lucas encolheu os ombros.

– Isto nunca se «ultrapassa» – murmurou. – Pensava que tivesses percebido. Nunca te larga. – Riu-se então com amargura. – Para que serve tudo isto, afinal? Prefiro o Egnaro à porra do George Labrom. Se não me queres ajudar...

– Eu não te posso ajudar se não te ajudares primeiro – observei. – Vai à merda se a tua atitude é essa.

E encarámo-nos por cima da secretária, com o lixo de contas por pagar e facturas falsas espalhado entre nós como um continente de papel que já nenhum dos dois se lembrava de como atravessar. Depois disso, habituei-me aos seus silêncios, da mesma maneira que me habituara ao cheiro do caixote do lixo. De quinze em quinze dias, quando abria a porta do escritório, encontrava-o à janela a olhar fixamente os peões lá em baixo.

– Meu Deus, como eu odeio aqueles cabrões! – diria, a propósito de coisa nenhuma; ou então, esticando o lábio inferior com petulância, queixava-se das dores de cabeça que não o deixavam dormir.

– A noite de ontem foi um nojo. Um verdadeiro nojo.

Apanhei-o a colar recortes de jornal numa série de álbuns que guardava desde os catorze anos – registrando, com uma espécie de prazer sombrio, as falências e mortes das estrelas *pop* dos anos cinquenta que tinham sido os seus heróis da adolescência.

Na sua ausência (porque era uma ausência, como agora sei por experiência própria, mesmo que ele permanecesse ali sentado o dia todo), partiram-lhe a mostra da loja e roubaram-lhe a maior parte da banda desenhada mais valiosa; tinha deixado o seguro caducar, e o vidro nunca mais foi colocado como deve ser. Lá dentro, afixou avisos que diziam, *Não queremos gente a ler estas revistas se não tiverem intenções de comprar!* – mas, por esta altura, a oferta já era tão antiga que até os homens de negócios tinham abandonado as estantes das traseiras. (Foram os últimos a partir: anos mais tarde, sentia-se, continuavam a vaguear esperançosamente pela Peter Street à hora do almoço, como animais em busca de um bebedouro desaparecido.) Uma ou duas vezes, sentei-me eu atrás do balcão, a ensacar livros à luz das lâmpadas fluorescentes trémulas e empoeiradas. Era novidade a princípio, mas o silêncio frio e cavernoso, a alcatifa azul suja e as insinuações dos cobradores depressa me espantaram dali para fora. Numa terça de manhã em Maio, vieram os oficiais, dois homens entroncados com gabões de pele de carneiro, que já conheciam o Lucas há muito tempo.

Folhearam exemplares antigos da *Cockade* enquanto esperaram que ele aparecesse com a renda do último trimestre. Estava, disseram, um mês atrasada. Quando o Lucas chegou, vinha a sorrir, esbaforido, corado, com o casaco do fato de safari a adejar, como se tivesse andado a correr por toda a cidade desde as oito da manhã.

– Oh, olá cavalheiros – disse. – Se me tivessem dado mais tempo... Seja como for, tenho aqui quase metade, e vou agora buscar o resto.

Na verdade, tinha só um terço, e quando voltou não trazia nada, por isso ficaram-lhe com as chaves, trancaram-lhe a loja, e nos dias que se seguiram, venderam as existências que restavam em leilão. A base era, em média, dez *pences* por livro, creio, o que certamente não chegaria para a renda.

Incluída nos pacotes todos de *Count*, *Peaches* e *Eram os Deuses Astronautas?* estava a colecção do Lucas, da sala do andar de cima: todos os seus Beardsleys, Harry Clarkes e primeiras edições de Ishmael Reed.

Lucas queria tentar resgatar algumas das coisas, por isso acompanhei-o ao leilão. Foi um acontecimento lúgubre, levado a cabo num salão eduardiano vazio. Muita da concorrência do Lucas estava lá, acenando-lhe nervosamente com a cabeça enquanto lhe comprava o activo, esperando que ele não se suicidasse nos lavabos e interrogando-se sobre quem seria o próximo a «ir ao ar». Lucas mal comprou fosse o que fosse. A *Lisístrata* tinha sido vendida logo de início, enfiada num monte de revistas de ficção científica antigas. Pareceu aturdido pelo facto de que ninguém ali notara a diferença.

– Nem são capazes de pronunciar a porra do título – não parava de dizer. – Os cabrões!

Fartou-se de beber à hora de almoço e começou a queixar-se de dores de cabeça. Parecia relutante em ficar só, e à tarde insistiu para que fôssemos ao cinema, onde vimos, sem perceber, uma espécie de comédia. O tremeluzir do ecrã piorou-lhe a enxaqueca, e quando saímos, vinha a pestanejar e a abanar a cabeça.

– Que vais fazer a seguir? – perguntei-lhe.

– Não sei – disse ele, irritado. – Vou para casa ver o *Crossroads*, acho. Que mais há para fazer?

Era hora de ponta. Enquanto seguíamos aos empurrões no meio das pessoas, o trânsito começava a coallhar no entroncamento de Peter Street e Deansgate, onde ninguém obedece aos semáforos. Lucas virou na direcção da loja. Tinha avistado uma multidão bastante grande de estudantes e crianças em frente da mostra partida. Pareciam esperar que a porta se abrisse. Os mais novos não paravam de a puxar, agitando a maçaneta e encostando depois os narizes ao vidro; espreitavam as profundezas carregadas do local, onde só conseguiam distinguir uma miragem de prateleiras vazias e cartazes rasgados. Os estudantes, entretanto, encostavam-se à parede com as mãos nos bolsos; e foi um deles que teve a coragem de nos abordar, enquanto ia abrindo o fecho do saco de plástico.

– Quer comprar uns discos? – perguntou em voz lenta. Mostrou o saco aberto. Isto pareceu inflamar o Lucas, que pestanejou e esfregou a testa selvaticamente.

– Está fechada, ó estúpido! – gritou. – Não vês?

Os restantes jovens viraram-se devagar, como gado distraído do bebedouro, e ficaram a olhá-lo fixamente.

– Fechada! Acabou-se! Percebido? Daqui já não tiraram mais nada!

Riu-se. Vacilou.

– Que foi, Lucas? – disse eu. – Vem daí!

Empurrou-me.

– Deixa-me em paz, estou bem – disse. Em voz mais baixa, recomendou à multidão: – Ponham-se a andar e vão ter com outro.

Ficaram a vê-lo cambalear pela Peter Street abaixo, na direcção do Hotel Midland, de olhar taciturno e metido em si. Alguns dos mais novos riram ou assoberbaram indecisamente. Era óbvio que Lucas estava em dificuldades. Estava sempre a parar, segurando a cabeça e olhando em volta como se estranhasse o local. Fui atrás dele. De súbito, Lucas cambaleou para a borda do passeio, caiu de joelhos, e começou a vomitar, quase com cuidado, na sarjeta. Pessoas que estavam nas filas para o autocarro junto aos degraus do Free Trade Hall aproximaram-se com hesitação. Lucas parecia só e atropalhado, a limpar a boca com o lenço, pestanejando e arreganhando os dentes para a luz que lhe provocava tantas dores.

– O que é que posso fazer, Lucas? – disse. – Que se passa?

– Põe-te a andar.

Vinte ou trinta pessoas cercavam-nos agora. À frente estavam as mulheres da paragem de autocarro, agarradas aos sacos de compras e guarda-chuvas, um círculo de caras pardacentas e ansiosas. Atrás delas, os homens dos salões automóveis e gabinetes de desenho debatiam-se em silêncio para ver melhor. Que se passou? Foi um acidente de carro; foram dois homens à pancada. Uma mulher desmaiou. Foi um cão. Lucas contorcia-se para lá e para cá, gemendo de dores, observando os

mirones por pálpebras semicerradas enquanto o discutiam, e apertando a carne à volta dos olhos contra a luz coronal das enxaquecas, que irrompia em chamas em redor das suas cabeças. Então, muito subitamente, as dores de cabeça pareceram deixá-lo. Empurrou-me para longe e pôs-se de pé com um salto ligeiro. Parecia mais descontraído e saudável do que eu alguma vez o vira.

– O que é que *tu* sabes de Egnaro? – exigiu em voz alta e desdenhosa.

Surpresa e perplexa, a multidão afastou-se. Isto pareceu diverti-lo. Riu-se, e cuspiu para a sarjeta.

– O que é que vocês *alguma vez* saberão? – insistiu.

Houve quem abanasse a cabeça. Lucas fez um piscar de olho horroroso às mulheres e sorriu para os homens. Afastaram-se mais ainda, mas Lucas já lhes tinha a atenção.

– Vocês – continuou – com as vossas músicas de supermercado e casas da Wimpey! Com as vossas *apólices de seguro!*

Lançou-se em frente, vasculhou rapidamente as compras de uma mulher enquanto ela olhava sem poder fazer nada, e apresentou uma embalagem de «Daz».

– Tu – acusou-a, triunfante – com o teu Branqueador Azul!

Zombou deles; imitou-lhes as personalidades da TV favoritas; o efeito neles foi espantoso.

– Se querem conhecer a Terra Dourada – desafiou-os – têm de *ir lá!* – As crianças da escola furaram o magote e olharam-no, pasmadas. Lucas observou-as com indulgência. – Terão de sofrer como sofri – disse-lhes – nos seus pântanos! Terão de arder com as suas

febres e erupções amarelas, tremer nas costas do sota-vento, e abrir caminho pelos deltas fétidos até os pés vos apodrecerem nas pernas!

As crianças aplaudiram.

Lucas agitou o dedo em admoção. Apoiou as mãos nas ancas.

– Eu conheço-vos! – exclamou. – Segredam aquela palavra entre vós quando pensam que não estou a ouvir! Mas será que se atrevem a dizê-la em voz alta? Será que se atrevem?

Não fazia a mínima ideia do que podia fazer por ele. Acabei por abandoná-lo ali, com a sua audiência perplexa mas encantada: um gordo Errol Flynn ou Mario Lanza dos últimos dias, a recrutar forças para uma expedição ilusória e desesperada contra os incas, nas selvas em decomposição do mundo «novo» de Hollywood. O seu olhar faiscava, os caracóis colavam-se à testa, tinha enlouquecido. Enquanto me afastava, pensei «Passou a vida a explorar-lhes as fantasias para subsidiar a sua. O seu castigo é este.» Estava eu bem enganado.

– Esse lugar não é para vocês! – ouvi-o gritar, e a multidão gemeu. – Esse lugar é para os sonhadores!

Uma palavra pairava-lhe no ar por cima da cabeça, carregada de promessa e, ainda assim, leve e borbulhante, uma palavra maravilhosa a cintilar de força e mistério: só lhe bastava abrir a boca e a palavra dir-se-ia a si própria. Um polícia aproximava-se da multidão, vindo de St. Peter's Square.

Isto foi há quatro meses. Não voltei a ver o Lucas até ontem, embora por uns tempos tivesse feito visitas regulares à Peter Street, na esperança de que ele se sen-

tisse atraído ao local do seu fracasso. Não sei o que esperava dele: que recuperasse do colapso, acho, e começasse de novo – tinha-me, afinal de contas, pago em dinheiro. Imaginava-o nas ruas imundas atrás da Woolworths ou do Ardwick Centre, a tentar angariar finanças nas bancas do mercado e nas lojas de animais onde iniciara a carreira, duas manchas de suor negro a crescerem-lhe rapidamente debaixo dos braços do fato de safari, enquanto o seu estranho andar de pés virados para fora o levava de desilusão em desilusão. Mas o lugar continuava deserto (reabriria muito mais tarde como um prolongamento da já lucrativa secção de bicicletas da Halfords); Lucas parecera ter desaparecido na sua própria ficção; e tudo o que eu podia fazer era observar o meu reflexo no vidro rachado da montra.

Foi por esta altura que comecei a ter as minhas próprias sugestões de Egnaro.

Não houve nada de original na minha sedução; foi tristemente semelhante à de Lucas, salvo que começou com um sonho.

Encontrava-me numa sala alta e estreita com paredes brancas. Estava muito calor; mas eis que da única janela da sala veio o ruído da ondulação, e aqueles perfumes que a água extrai da praia seca. Havia um fiapo de música, uma frase repetida vez após vez num qualquer instrumento de corda. Fui à janela, mas a vista estava tapada por uma árvore. Tudo o que podia ver por entre os ramos longos e escuros era o borrão do Sol. Onde quer que um raio de luz penetrasse a curiosa folhagem, enchia a sala de um brilho poeirento, da cor de pétalas de gerânio; daí supus que não tardasse a escurecer. Ali, naquela sala, serenado pelas suas proporções,

soube encontrar-me num país tão exótico que não o podia imaginar. Ao ouvir aquelas escassas notas repetirem-se incessantemente, senti-me aliviado e expectante, como que por um vislumbre de felicidade futura. Ouvi alguém começar a dizer,

– Reconforta-nos agora & na hora da nossa morte.

Quando acordei, foi com uma insuportável pontada de nostalgia. Ao subir para o comboio em Stockport naquela manhã, ouvi uma mulher dizer claramente:

– A costa, dizem, é obrigatória nesta altura do ano.

E soube que estava perdido. Desde então que guardo um caderninho de notas. Os anúncios na televisão estão repletos de pistas. Um mostra um tigre a correr em câmara lenta por uma paisagem desoladora de dunas; outro, para serviços bancários, um cavalo a chapinhar pelos baixios. Registo-os a todos.

Tal como Lucas, esquadrinhei os atlas e as enciclopédias, sem encontrar nada. Ao contrário dele, visitei os grandes portos de mar: Londres, Glasgow, Liverpool. Junto a Southampton Water, sentei-me a chorar; o vento enchia-se com o som de vozes estrangeiras, com o perfume de fruta estrangeira; estava tonto com tanta expectativa. Mas não se junta alguma grande frota. Não se vê nada dos grandes preparativos que atormentavam o Lucas e que agora me atormentam a mim. Nos edifícios do governo perto de St. James's Park, olham-te inexpressivamente se lhes mencionares Egnaro; nos escritórios da Sociedade Geográfica, não te sabem dizer nada. E, no entanto, algures, estão a destruir os registos de velhas expedições; a restaurar mapas antigos; a interrogar velhos marinheiros que – fustigados por

gelo e ventania ao longo de três dias em 1942 sob o Cruzeiro do Sul, perseguidos por um esguião cruzador alemão – viram, ou pensaram só ter visto, um borrão de terra no horizonte agitado, uma prega de escarpas de gelo branco de onde poderia provir aquela corrente de água morna, doce e misteriosa...

Sou capaz de me ver com bastante nitidez nessas viagens inúteis, nesses recados em nome da minha própria imaginação: mas sou incapaz de parar: e percebo agora porque tinha o Lucas tanta dificuldade em descrever a sua condição. É como habitar dois mundos ao mesmo tempo.

Ao dar os primeiros passos hesitantes para longe da costa, partindo pelo interior de pedra calcária despedaçada, começo a sentir uma necessidade de reafirmação – de uma troca de mapas e notas – de diálogo com aqueles que fizeram a viagem antes de mim. Ontem, por impulso, voltei ao Lótus da Sorte, essa estação de muda ou depósito de carvão a caminho de Egnaro. Acho que sempre soube que o podia encontrar aí quando precisasse dele. E lá estava, sentado à mesa na alcova, a enfiar bocadinhos de porco agridoce na boca enquanto lia o jornal dobrado ao lado do prato.

– Oh, olá – disse ele. – Estava mesmo a pensar em ti. – E tendo feito o meu pedido, Lucas começou a falar de si.

Tinha estado na América, disse, desde que pusera os seus assuntos em ordem. Se estava um bocadinho mais gordo, essa era a razão. Sócios novos – não quis ser específico por enquanto – tinham-lhe pago a maior parte das dívidas antigas, e estava preparado para começar um negócio novo. A América abria-lhe os olhos.

– Comida de plástico – disse. – Aí é que está o dinheiro a valer. Hambúrgueres. C'um caraças, havias de ver a maneira como eles fazem aquilo lá! – Era como uma linha de produção. Pegava-se no dinheiro dos clientes, passavam-nos pelo sistema o mais rapidamente possível, e expulsavam-nos pelo outro lado. – Mal têm tempo de mamar aquela porcaria antes de se porem na rua e do próximo lote de clientes entrar! – Era maravilhoso. – Comida de plástico, aí é que está.

Fiquei a vê-lo comer o seu arroz-doce e o creme, lambendo os beiços com apreço, acenando e piscando o olho às empregadas. Reparei que tinha substituído a velha mala de couro por outra novinha em folha, de plástico. Usava a palavra «segredo» constantemente.

– O segredo está nos condimentos – diria: – Dá-lhes tempero de cebola e eles comem qualquer coisa. – E: – Entrar e sair a correr, o segredo é esse.

Pedi outro licor; parecia bastante disposto a ficar na conversa. Perguntou-me se gostava de entrar cedo com ele no negócio da comida de plástico, e eu respondi que sim. Não levou o rumo da conversa para os velhos tempos, e suspeitei que me teria resistido se eu o tentasse fazer. Fiquei a ouvi-lo falar dos seus sonhos novos, a ver os ponteiros do relógio.

– Bom – disse por fim. – Acho que é hora de me fazer ao largo.

Não tinha ainda arranjado coragem para lhe perguntar. Sabia agora como ele se teria sentido, sempre que tirava *Os Castelos dos Reis* cá para fora e o apresentava a um qualquer caixeiro-viajante estupefacto. Vi as empregadas rodeá-lo – a chilrear «Costa costa costa» que nem passaritos enfadonhos – quando ele se levava.

tou para sair, e a língua colou-se-me ao céu-da-boca. Lucas pagou a conta com cartão de crédito. Caminhámos por Deansgate e descemos a Peter Street na direcção da fila de táxis em frente ao Hotel Midland. Ao passarmos pela loja, com a montra arranjada e novo letreiro da Halfords, lá consegui dizer:

– A propósito. Aquela história toda do «Egnaro»...

Lucas pareceu perplexo um bocado. Depois riu-se.

– Oh, não precisas de te preocupar – disse, pondo-me a mão no ombro. – Isso para mim acabou. Nem sei para que fiz tanto alarido. Quando se conhece, não é nada, certo?

Fiquei então a saber que, se estendesse o braço, tocaria uma membrana transparente que tinha crescido entre nós para proteger o segredo. Acenei que sim, em desespero.

– Isso é ótimo – disse. – Ótimo.

Combinei voltar a encontrar-me com ele em breve. Afastei-me, e mais tarde apanhei o comboio. Não o voltarei a ver. Os mapas antigos são inúteis. Confesso-te agora, tal como Lucas me confessou Fevereiro passado, sob os casacos no Lótus da Sorte – por medo, por perplexidade, por solidão.

Onde quer que esteja, penso nisso; o que quer que faça, fica viciado por isso; mas, se me perguntares o que é Egnaro, não te saberei dar resposta. Em momentos de desespero, fico a pensar que a espécie humana só existe para lhe dar expressão. Desconfio que ninguém o pode compreender claramente. Todos os acontecimentos são a sua marca: nenhum é. Não existe: no entanto, é bem real. O segredo não faz sentido antes de o conheceres: e, a julgar pelo que aconteceu ao Lucas, não

tem valor quando o descobres. Se Egnaro é o substrato de mistério na base de toda a vida diária, então o recíproco também é verdade, e é este preciso ponto morto de vulgaridade que jaz no fundo de todos os mistérios.

Ursula Le Guin

A Menina Grande do Papá

Tradução de Ana Gomes

Ursula K. Le Guin (1929-) nasceu em Berkeley, Califórnia, e vive desde 1958 em Portland, Oregon, com o marido, o historiador francês Charles A. Le Guin. Tem uma vasta obra publicada em vários gêneros: novela, conto, ficção científica, fantasia, livros para crianças e para jovens, poesia, teatro e ensaio. Começou a publicar no início dos anos 60, mas foi em 1969, com *The Left Hand of Darkness*, que ficou conhecida. A obra tornou-se um marco da literatura de ficção científica e está editada em português pela Presença (com o título *A Mão Esquerda das Trevas*). Recebeu por cinco vezes o prestigioso Hugo Award e por cinco vezes também o Nebula Award (ambos premeiam obras de fantasia e ficção científica), o National Book Award for Children's Books e o Science Fiction and Fantasy Writers of America Grand Master Award de 2003, entre muitos outros. As suas obras de fantasia mais célebres são as que compõem o ciclo de *Terramar* (publicadas entre 1968 e 2001). *The Dispossessed* (1974), *Very Far Away From Anywhere Else* (1976), *The Compass Rose* (1982) e *Always Coming Home* (1985) são outros dos seus livros mais conhecidos. Tem várias obras traduzidas para português, geralmente em colecções de ficção científica. Ursula Le Guin conseguiu impor-se perante o público e a crítica como escritora quer de ficção realista quer de ficção científica e fantasia. São temas recorrentes da sua obra o anarquismo, o taoísmo e as questões do feminismo e da identidade sexual. Para além de escrever, dedica-se actualmente a orientar alguns cursos de escrita no Oregon. *Daddy's Big Girl* foi publicado pela primeira vez na revista *Omni*, em 1987. Encontra-se na colectânea *Unlocking The Air And Other Stories* (HarperCollins Publishers, 1997).

Foi uma coisa terrível para o papá. Percebe-se como lhe custou pelo facto de nunca ter dito uma palavra sobre onde estará a Jewel Ann agora. E foi ele que lhe deu o nome de Jewel Ann em vez de simplesmente Ann, como tinham pensado, porque aquele bebé era o seu tesouro. Era louco por ela, quando era pequena.

Eu tinha seis anos quando a Jewel Ann nasceu e lembro-me de ela chegar do hospital com a minha mãe, e de como o papá a adorava. Eu também. Era tão pequenina e tinha aquele cheiro bom dos bebés, e eu ajudava a minha mãe a tomar conta dela – trazia fraldas e ia buscar o óleo de banho e pós e coisas assim. Depois da minha mãe, fui eu a primeira pessoa a quem a Jewel Ann sorriu, e ficava orgulhosa por isso. Era também a minha bebé. Costumava ficar ao pé do carrinho e tomava conta dela enquanto a minha mãe estava na loja. Quando já não cabia no carrinho, eu tinha de segurá-la pela mão enquanto a minha mãe fazia compras, e

íamos sempre ver as máquinas que estavam na frente da loja, que tinham pastilhas que custavam um centimo e bolas de plástico com prêmios lá dentro e que custavam dez ou vinte e cinco centimos, cobras enroladas e jóias e brinquedos mágicos. Eu dizia quais eram os prêmios que gostava que saíssem se tivéssemos vinte e cinco centimos para pôr lá, e a Jewel Ann escolhia os mesmos que eu. Uma vez um velho quis dar-nos uma moeda, e acho que não queria fazer mal nenhum, mas tinham-nos ensinado e recusámos e não ficámos com ela. Mais tarde, quando contámos à nossa mãe ela deu uma moeda a cada uma. Mas quando pusemos o dinheiro na máquina nenhuma das bolas de plástico que estavam à vista saiu, nem sequer se mexeram, porque havia outros prêmios lá por baixo que não se conseguiam ver, e esses é que saíram. O meu era uma bandeira americana de papel numa espécie de palito em cima assim de uma base. O da Jewel Ann era um anel de plástico cor-de-rosa que nem sequer tinha um diamante de vidro. Mas ela ainda era tão pequena que gostou, e também guardou as metades das bolas de plástico e usava-as para fazer de serviço de chá e coisas dessas. Quando tirámos esses brindes a Jewel Ann era suficientemente alta para ser ela a pôr a moeda na máquina. Sabia falar tão bem como a maioria dos adultos e fazia todos os *puzzles* de madeira que a avó me tinha dado, e quando brincávamos às casinhas ela já não era a bebé, era uma senhora chamada Mrs. Goopie, e eu era a Mrs. Boopie da casa ao lado. Brincámos à Mrs. Goopie e Mrs. Boopie toda a Primavera quando eu vinha da escola e todo o Verão, no quintal das traseiras, debaixo dos pinheiros, e as nossas bonecas faziam de

filhas. O Duane nunca brincava connosco, só brincava aquele tipo de jogos em que se ganha ou se perde, com outros rapazes. Nenhuma das raparigas que eu conhecia na escola vivia perto de nós, por causa do transporte de autocarro, e eu não conhecia bem as raparigas do nosso bairro. De qualquer forma, eu preferia brincar com a Jewel Ann porque ela era esperta e, mesmo sendo mais nova, quando tinha cinco anos já era maior do que eu por isso era como se não fosse muito mais nova. E seja como for eu gostava dela, e ela gostava de mim.

No primeiro dia em que ela foi à escola levei-a no autocarro e mostrei-lhe onde eram as coisas todas e fui com ela até à sala da primeira classe. A professora disse: «Céus, Jewel Ann, tu és alta!» Não disse isto de uma maneira simpática, mas como se a Jewel Ann tivesse culpa. Depois disse-me no mesmo tom: «Ela tem mesmo só cinco anos?»

Eu disse: «Sim, Mrs. Hanlan.»

Ela disse: «Ela é demasiado grande para uma rapariga de cinco anos. Vai ser muito difícil para os meninos.»

A Jewel Ann disse: «Para o ano já faço seis!» Estava a querer ajudar. Mas Mrs. Hanlan fez como se achasse que ela estava a armar-se e disse-lhe que fosse sentar-se. Quando a Jewel Ann se sentou na cadeirinha, em círculo, ainda assim era da altura dos outros alunos da primeira classe quando estavam de pé. Senti-me meio esquisita com aquilo, depois do que Mrs. Hanlan tinha dito. Mas a Jewel Ann sorriu e disse-me adeus, porque estava tão excitada por ir para a escola e queria que aquilo começasse.

Ela saiu-se sempre muito bem nos trabalhos, e tinha uma assiduidade impecável, e quando andava na

terceira classe Miss Shulz nomeou-a delegada de turma e deu-lhe livros mais avançados e levou a pintura das baleias que ela tinha feito ao concurso de cartazes do *Salvem os Animais*. Ganhou uma Menção Honrosa. Nesse ano a Jewel Ann foi feliz. Mas no ano a seguir não a deixaram ir à escola por causa da altura, e ela nunca mais lá voltou.

Eu sabia que ela era alta mas quase só me apercebi bem disso naquele primeiro dia na primeira classe. Quer dizer, eu sabia, mas até àquele momento não tinha de compará-la a ninguém. E continuava a ser a minha maninha mais nova. Não sei quando é que o papá deixou de lhe chamar «menina grande do papá», imagino que foi quando ela andava na terceira classe. Tinha crescido muito, e o papá quis que a minha mãe a levasse ao médico. A mãe contou-me isso mais tarde. Deram-lhe umas hormonas. Passada uma semana a minha mãe deitou-as fora porque a Jewel Ann se sentia tonta e davam-lhe dores de cabeça e faziam-na vomitar, e além disso tinha medo de que se ela continuasse a tomá-las lhe viesse o período ou começasse a ficar com barba. Não passava de uma menina de oito anos, e a minha mãe achava que aquilo não estava certo. Acho que não contou ao papá, e ele achou sempre que a Jewel Ann tinha tomado aquelas hormonas todas e tinham custado um dinheirão e não tinham feito bem nenhum. De qualquer forma, ele não voltou a falar em levá-la ao médico. A minha mãe dizia que sabia que não ia servir de nada. Não tinha nada a ver com hormonas.

A Jewel Ann não chorou por não voltar para a escola, mas deixou de falar em Miss Shulz. Não sei o que é que pensou. Era calada. Como disse, tinha sido feliz

nas aulas de Miss Shulz, mas havia sempre pessoas na escola que implicavam com ela. Em casa ninguém era mau para ela excepto o Duane. Chamava-lhe nomes como Girafa e Gigantone e Pau de Bandeira, e dizia coisas como «Quando é que a vendem ao circo?» e piores. Uma vez ouvi-o falar com o amigo dele Eddie e dizer que gostava de poder matar a Jewel Ann. Dizia: «Cortava-a toda em bocadinhos pequenos, fritava-a com um daqueles lança-chamas, queimava-a, assim, até não sobrar nada.» O Duane envergonhava-se por ela ser tão alta que pudesse olhá-lo de cima quando tinha oito anos e ele dezasseis. Ele tinha uma altura normal para a idade, tal como eu. Acho que foi em parte por a Jewel Ann ser tão alta que o Duane ficou tão rebelde na adolescência. Mas não foi só isso. Não me lembro de ele alguma vez ter sido bom. De qualquer forma, ele ficou cada vez mais rebelde e mais mau, e o pai estava sempre a gritar com ele, até que ele foi embora para Atlanta e depois disso não sabemos para onde. Uns dois anos mais tarde, quando saiu o artigo no jornal, alguém deve ter-lho mostrado, porque no mês seguinte ele mandou uma carta à mãe e ao pai a dizer que tinha um amigo interessado em fazer filmes com pessoas invulgares e que isso podia dar-nos muito dinheiro. O carimbo era de Fort Worth, mas não trazia o endereço dele e a carta era difícil de ler, escrevia por exemplo «invuglares», e a letra era esquisita. A mãe chorou umas quantas vezes depois de ter chegado a carta, mas acho que não tinha realmente saudades do Duane. Era quando às vezes pensava nele em bebé que chorava.

Eu trazia livros e coisas da escola para a Jewel Ann no ano a seguir, mas depois disso disseram-me para não

o fazer. Acho que o papá lhes tinha dito que ela andava numa escola especial. Ele tinha levantado a vedação do pátio das traseiras e a Jewel Ann podia brincar lá fora. Mas por volta dos doze anos ela deu um grande salto, e foi aí que vieram as pessoas do jornal. Estávamos a lavar a louça e ouvimos o papá a falar com alguém à porta da frente. Ficámos a ouvir porque ele não tinha amigos que viessem lá a casa e perguntávamo-nos quem seria. Depois entrou na cozinha e gritou à Jewel Ann que fosse para o quarto. Nessa semana tínhamos visto *O Diário de Anne Frank* na TV e ela ficou a pensar que eram os nazis, por isso fomos as duas a correr para o quarto e trancámos a porta. O quarto da Jewel Ann era onde tinha sido a sala de estar, ao fundo da casa. O papá tinha-lhe tirado o tecto e o chão do quarto por cima, onde tinha sido o quarto do Duane, portanto tinha uma altura de dois andares, e também tinha feito as portas mais altas para a Jewel Ann caber. Ela estava com tanto medo dos nazis que tentou esconder-se debaixo da cama. A cama era feita de três armações, às quais tínhamos tirado a cabeceira e os pés, e ela não conseguia meter-se lá debaixo por causa das pernas. De maneira que empurrámos uma das camas de encontro à porta, e eu estava a dizer-lhe que ali não havia nazis nenhuns quando ouvimos o papá bater com a porta da frente e gritar à minha mãe: «Nunca mais me deixes esta gente voltar aqui!», como se ela tivesse deixado.

Alguém tirara uma fotografia à Jewel Ann no pátio das traseiras e vendera-a ao jornal, e foi publicada com um artigo chamado RAPARIGA MAIS ALTA QUE PINHEIROS? Depois disso, o papá cancelou a assinatura do jornal, portanto a minha mãe nunca sabia dos saldos a não

ser que fosse a casa dos Heltzers, que era ao lado, ver o jornal deles, e o papá não soube do outro artigo que publicaram depois de a repórter ter falado comigo, viuha eu do liceu. Era nova e muito simpática, com roupas muito à moda e falava de uma maneira agradável. Era fácil falar com ela. Algumas coisas que eu disse saíram no *Register*, e as pessoas na escola mostraram-me o artigo, mas quando li aquilo não parecia o que eu tinha querido dizer. De qualquer forma, comprei um exemplar do jornal e trouxe-o para casa para a Jewel Ann poder ler o que se dizia dela, mesmo que já só pudesse sair para a rua depois de anoitecer. Chamava-se RAPARIGA DIZ QUE A IRMÃ NÃO É MENTIRA. Parece que ninguém contou ao papá, e não dissemos nada à mãe porque ela era muito susceptível ao facto de as pessoas repararem na Jewel Ann e tinha medo de que o papá a censurasse por isso. Mas a Jewel Ann gostou, especialmente da parte em que dizia que tirando isso era uma pré-adolescente normal com um sorriso tímido. Não sei como é que a repórter sabia aquilo. Depois de ter saído o artigo no jornal costumavam aparecer pessoas que ficavam paradas a olhar para a vedação do pátio das traseiras, sobretudo ao domingo quando davam uma volta por ali depois da missa. Uns rapazes, provavelmente da escola de Cleveland High, bateram à porta e quando a minha mãe abriu um deles disse «É aqui que mora a Jewel Ann?», mas os outros diziam que não era aquela casa e depois desataram a fazer disparates e a rir-se daquela maneira *gug-gub*, como se ríem os rapazes daquele tipo, como o Duane. A minha mãe estava toda confusa e com uma expressão fechada quando voltou à cozinha. Disse-me: «Não contes à Jewel Ann!» Eu fiz que

não com a cabeça. O papá estava a ver beisebol na televisão e não deu por nada.

Acho que ao princípio a minha mãe achou mesmo que aqueles rapazes eram amigos da Jewel Ann, antes de ter tido tempo para ver que não podiam ser, porque pouco depois disso, enquanto fazíamos a cama, ela disse: «Estou muito preocupada com a Jewel Ann!»

Eu disse «Porquê?», e ela disse: «Bom, é um facto que os rapazes gostam de que as raparigas sejam mais baixas do que eles. Não sei o que hei-de fazer em relação às amizades da Jewel Ann.»

Eu e a Jewel Ann também tínhamos falado de rapazes, perguntando-nos se os haveria mesmo altos. Parecia-nos que se houvesse rapazes mesmo muito altos havia de ouvir-se falar deles. Como se espera que os rapazes sejam altos, talvez os pais deles sentissem orgulho nisso, e eles pudessem sair e fazer coisas. Fosse como fosse, achávamos que se houvesse suficientes rapazes realmente altos que valessem a pena, nós saberíamos deles.

Portanto, não sabíamos o que dizer à mãe, e ela não sabia o que fazer. A vida social dela também não era grande coisa. Não saía muito mais de casa do que a Jewel Ann. Mrs. Heltser continuava a ser amiga dela e às vezes conseguia levá-la quando ia fazer compras ao centro comercial, mas a maior parte do tempo a minha mãe dizia que estava tão ocupada com a casa que não tinha tempo, e se eu podia passar pela loja quando voltasse da escola, ou se podia ir num instante ao Quik-Mart depois de o papá já ter voltado para casa com o carro. E encomendava a roupa por catálogo. Excepto para a Jewel Ann. Para a roupa dela, eu comprava o material e a mãe talhava-a e cosia-a. Até calças de gan-

ga, porque ela queria tanto ter umas. A mãe descobriu que a forma mais fácil de fazer as coisas para a Jewel Ann era comprar lençóis dos maiores, muitos têm cores e padrões florais bonitos, e cosê-los uns aos outros e depois cortar o vestido ou a saia e a parte de cima. Para as calças de ganga tive de comprar uma peça inteira de tecido. A vendedora fez um ar mal-encarado e não queria vender-me a peça inteira, como se fosse alguma coisa errada, em vez de lucro fácil para a loja, mas eu continuei ali e finalmente ela desenrolou todo o tecido a partir daquela parte no meio, como se não quisesse tocar-lhe, e sempre a falar por cima do ombro para outra empregada. Felizmente a Dottie Shine, do liceu, estava na caixa e guardou-me o embrulho debaixo do balcão, porque o tecido era tão pesado que tive de ir a casa pedir a Mrs. Heltser que me levasse de carro de volta à cidade para trazê-lo. As calças foram mesmo muito difíceis de fazer, mas a Jewel Ann adorava-as e andava sempre com elas vestidas.

Podia pensar-se que a Jewel Ann comia muito, e lembro-me de que durante algum tempo o papá criticou a mãe por comprar cinco ou dez quilos de hambúrguer de cada vez e meia dúzia de alfaces e por aí fora, mas na verdade parecia que quanto mais crescia menos a Jewel Ann comia. Portanto, as compras na mercearia e os preços não eram grande problema, sobretudo depois de eu ter terminado o liceu em Coolidge High e ter arranjado trabalho na equipa de secretárias da Sacchi Products enquanto tinha formação em computadores na escola de secretariado à noite para poder ganhar mais, o que aconteceu quando consegui o lugar de assistente da secretária executiva de Mr. Penitto. E era

dinheiro mais garantido do que aquele que o pai conseguia na Shaughnessy Siding. Mas por essa altura a Jewel Ann não comia quase nada, menos do que eu, menos até do que a mãe. Tinha quinze anos e cerca de treze metros de altura e continuava a crescer.

Se ao menos pudéssemos ter mudado de casa e ido viver para outro sítio. Se tivéssemos mais dinheiro, ou se o papá tivesse conseguido perceber que ela tinha mesmo aquele tamanho todo e precisava mesmo de espaço, então talvez pudéssemos ter ido viver algures para a beira-mar, numa zona isolada da costa ou nalguma ilha onde a Jewel Ann pudesse andar pela praia e nadar no mar, e onde houvesse espaço para ela. Costumávamos falar disso. Ela dizia aí se eu pudesse ir nadar para o mar ou andar pela praia, ou pelos pântanos e charnecas como a Cathy Earnshaw do *Monte dos Vendavais* ou a Dimity Trescott da *Noiva de Paixão*. Mas onde nós morávamos não havia praias nem pântanos.

A Jewel Ann tinha uma aparelhagem, gostava dos discos da Emmy Lou Harris, e via televisão e lia muito. Tinha jeito para virar as páginas dos livros, mesmo quando um livro na palma da mão dela ficava como um selo ficaria na minha. Todas as semanas eu ia à biblioteca por causa dela. As bibliotecárias perguntavam sempre pela minha irmã. Acho que julgavam que ela estava paralisada ou algo assim, e pensavam em livros que eu podia levar-lhe. Uma vez quando ela tinha uns dez anos deram-me a *Alice no País das Maravilhas*, que era muito diferente do filme. A Jewel Ann andava sempre a pedir-me que voltasse a trazê-lo, por isso uma vez li-o e falámos dele. Pensei que era da garrafa que dizia «Bebe-me» que ela gostava, com aquela coisa que fa-

zia a Alice ficar pequena muito depressa. Mas a Jewel Ann disse que aquilo de que gostava mais eram as partes com as ovelhas e os juncos e a floresta onde eles perdiam a memória. Fui à livraria do centro comercial e ofereci-lhe o livro no Natal desse ano. Uma vez as bibliotecárias enviaram-lhe o *Gulliver*, sobre os homenzinhos pequeninos e os gigantes, mas ela não gostou. Disse que não era realista. À noite quando eu estava em casa geralmente víamos juntas a televisão de dezoito polegadas que o papá lhe tinha dado. Ela dizia que gostava de televisão porque todas as pessoas na televisão têm tamanhos diferentes, mas são todas pequenas. Todos os tamanhos de pequeno.

Discos e televisão e leitura eram praticamente tudo o que ela tinha para fazer, porque depois dos treze anos estava como a Alice no fim da primeira parte do livro, demasiado grande para sair pela porta. Se ao menos pudéssemos viver numa quinta como a da avó, quando era viva, e tivéssemos um celeiro. Ela podia ter vivido num celeiro, acho. Falávamos nisso e fazíamos planos, de como eu ia fazer poupanças e comprar uma qualquer quinta velha no campo, e ela ia poder andar pelo nosso terreno durante a noite e ter uma cadeira e coisas do tamanho próprio para ela no celeiro. Falávamos muito disso. Sentávamo-nos no chão porque no quarto já não havia nada a não ser o tapete, e eu encostava-me à perna dela, grande, quente e suave, e ficávamos só a falar. Mas com o passar do tempo a minha irmã começou a falar pouco, mesmo comigo.

Quando deixou de caber nas calças de ganga, foi-se um bocado abaixo. Deixou de ver televisão. Era como se tivesse deixado de fingir que era como as pes-

soas na televisão ou em qualquer outro sítio. Foi aí que começou a falar pouco, embora ainda gostasse que eu aparecesse e falasse ou estivesse apenas sentada com ela. Deixou de ler livros e não comia praticamente nada. Foi uma coisa assim muito gradual ao longo de um ano, e mais ainda, quando ela fez catorze anos, e depois quinze, e acho que eu e a mãe não falávamos muito nisso porque como é que nós podíamos sequer pensar, realmente, quando ela tivesse doze e treze e quinze metros de altura? Era impensável falar disso ao papá. Ele nunca dizia nada sobre ela e nunca falava com ela nem ia ao quarto dela, e tentava agir como se ela nem sequer estivesse lá em casa, fora uma vez quando lhe trouxe umas guloseimas no dia de São Valentim, e deu-lhe a televisão grande quando ela fez doze anos. Mas havia alturas em que bastava dizer o nome da Jewel Ann para ele ficar furioso. Uma vez que eu e a mãe tentámos falar na hipótese de irmos viver para uma casa maior ou algo do género, ele começou a gritar, e chamou nomes à mãe e partiu coisas, e acabou por sair dali a bater com os pés. Só voltou à noite, já muito tarde. A mãe andou doente durante uns dias, depois disso. Acho que algumas das coisas que ele lhe chamou eram palavras que ela já tinha ouvido mas nunca tinha pensado que alguém lhe pudesse chamar nomes daqueles, ou pelo menos nunca o marido. Estava tão infeliz que depois disso nunca mais quis ouvir falar de mudar de casa, e deixou de sair. Deixava as persianas fechadas e forrou algumas janelas com papel. Até com ela era difícil falar sobre a Jewel Ann.

Mas acabou por ser ela, e não eu, quem disse aquilo que eu nem sequer tinha sido bem capaz de pensar,

ou nem sabia que pensava. Estávamos uma noite na cozinha a lavar a louça e ela disse: «Dawn, consigo ver através dela.»

Não disse nada, mas deixei-me ficar à escuta.

Ela disse: «Vi o papel de parede no sítio onde estavam o ombro e o cabelo dela. À transparência.»

Eu disse: «Também me pareceu isso, às vezes.»

Estávamos a falar muito baixinho. À excepção do jogo de beisebol que o papá estava a ver na televisão, na sala da frente, não havia mais nenhum ruído em casa. Nunca se ouvia nada no quarto das traseiras, o quarto alto, onde a Jewel Ann estava, sentada com os joelhos dobrados ou deitada de lado com os joelhos dobrados porque era demasiado alta e já nem conseguia esticar-se. Estava sempre calada. Nunca tinha sido de falar alto. A mãe dizia-nos sempre que as senhoras não gritam e aprendemos a falar delicadamente. Agora a Jewel Ann raramente dizia alguma coisa, e apenas com uma voz muito suave, grave para uma rapariga, mas mais suave que penugem. E quando se mexia não fazia barulho nenhum, embora se se tivesse esticado e feito força e se quisesse empurrar a parede do fundo da casa, tê-la-ia deitado abaixo como se fosse a parede de uma caixa de papel. Mas ela deixava-se estar quieta. Quando fui sentar-me ao pé dela nessa noite consegui ver o tapete emaranhado através das coxas e das mãos dela. Agora eu era capaz de ver aquilo que via, agora que a mãe o tinha dito.

A Jewel Ann também via. Mas nunca fomos capazes de falar disso.

Apenas uns meses mais tarde, no final do Verão, ela disse – foi a única coisa que disse em muitos dias, em-

bora me tocasse sempre, muito embora eu já não conseguisse sentir o toque dela, que era apenas como uma brisa suave que vinha ao encontro da minha pele – disse: «Parei de crescer.» Percebi que estava a sorrir.

De repente comecei a chorar e a dizer «Não! Não!».

Senti que me olhava e senti que era quente, embora já mal conseguisse vê-la, era apenas como os fantasmas da televisão ou ondas de calor no alcatrão, uma espécie de espessura no ar, mas quente.

«Queres que continue?», disse ela naquela voz suave como penas.

Eu disse «Sim!», e não conseguia parar de chorar. Sentia o calor que me passava no cabelo e no braço, muito levemente. Ela tinha medo de me magoar, de me tocar, sendo tão maior. Mas era impossível magoar-me.

Depois de tanto chorar fiquei esgotada e deixei-me dormir no quarto dela, nessa noite. Quando acordei de manhã cedo ela estava lá, mas mesmo aquela imagem de fantasma de televisão tinha desaparecido. E quando a chamei não houve resposta.

Esperámos muito tempo, mais de uma semana, e então a minha mãe disse: «Foi-se embora.»

Desmanchou a roupa feita de lençóis, e eu levei os da saia, que estavam inteiros, para dar aos pobres.

Mas eu continuava a ir ao quarto da Jewel Ann, e dizia: «Ela ainda está lá, mãe.»

A minha mãe abanava a cabeça. Tinha a certeza. «Foi-se embora», dizia. «Ainda está *aqui*, mas já não está *lá dentro*.»

E acho que tinha razão. Passado algum tempo levei a minha cama para o quarto do fundo, o quarto alto, porque quando estava a adormecer ou de manhã quan-

do começava a acordar parecia-me sentir aquele calor, e então sabia que a Jewel Ann ainda continuava a estar lá como antes, alta e magra e suave, com aqueles olhos lindos, e contente por eu estar ali. Mas depois, às vezes, a mãe ouve-a lá em cima no quarto, a dizer só uma ou duas palavras, docemente, por cima dela. E por mais que o papá mexa na televisão e na ligação do cabo, as duas televisões têm sempre uns fantasmas, e os jogadores de beisebol e de basquetebol ficam como se estivessemos a olhá-los com os olhos trocados. Mas é lá fora, à noite, que eu sei que ela ainda está cá, embora tenha ido embora, tal como a minha mãe diz. No pátio das traseiras, quando o vento sopra um pouco nas noites quentes e as folhas mexem e mexem, ou quando está a chover, então sei que ela não parou de crescer. Ouço-a respirar.

A. S. Byatt

Cristo em Casa de Marta e de Maria

Tradução de Sara Fevereiro

Antonia Susan Byatt (1936-) nasceu em Yorkshire, Inglaterra, a 24 de Agosto. Estudou em Cambridge e em Oxford, e leccionou em Londres até 1983, quando decidiu dedicar-se à escrita a tempo inteiro. Colabora regularmente, como crítica, com o *Times Literary Supplement*, o *The Independent*, o *Sunday Times* e a BBC. Para além de ensaios e livros de crítica, tem vários romances e colectâneas de contos publicados. *Cristo em Casa de Marta e de Maria* foi publicado pela primeira vez na revista *You Magazine* (31 de Maio de 1998) do jornal *Mail on Sunday*, aparecendo também na colecção de contos *Elementals* (London: Chatto & Windus, 1998), inédita em português. A pintura que inspirou esta história e que tem o título «Escena de cocina con Cristo en casa de Marta y Maria» é da autoria de Diego Velázquez, representado no conto pelo jovem artista que, hóspede em casa de uma importante família espanhola, acaba por passar grande parte do tempo na cozinha, a desenhar a cozinheira e uma criada, com quem estabelece uma relação.

As cozinheiras têm fama de irascíveis. A nova rapariga, Dolores, era pior do que a maioria, pensou Concepción. Isto é, pior e melhor. Tinha um nariz extraordinariamente apurado para os sabores e especiarias, e a mão leve para os pastéis e polmes, apesar da constituição robusta e dos braços sólidos. Podia tornar-se uma verdadeira artista, se o quisesse; podia ir longe. Mas Dolores não sabia o seu lugar. Amuava, resmungava, queixava-se. Parecia imaginar que fora obra de um infeliz acidente o ter nascido filha de criados e não uma senhora delicada como a Doña Conchita, que ia à missa vestida de sedas de cauda e mantilha de renda. Concepción disse a Dolores, não sem uma ponta de maldade, que, de qualquer forma, ela não ficaria lá muito bem nessas roupas. És uma égua feita para o trabalho pesado, e não uma potra árabe, disse Concepción. Não és nenhuma beldade. És toda músculo e devias agradecer a Deus pela saúde que tens, na vida que ele escolheu dar-te. A inveja é um pecado mortal.

Não é inveja, disse Dolores. Eu quero viver. Quero tempo para pensar. Não ser um pau mandado. Examinou a cara numa panela de cobre reluzente, que exagerava as bochechas grandes, a boca numa crispação irritada. É verdade que não era bonita, mas nenhuma mulher gosta que lho digam. Deus tinha-a feito pesada, e ela odiava-o por isso.

O jovem artista era amigo de Concepción. Pedia coisas emprestadas, um jarro, uma concha, uma tigela, para os desenhar uma e outra vez. Solicitava a própria Concepción, que se sentava muito quieta a um canto, debaixo dos presuntos e das réstias de cebolas e alhos suspensos por ganchos, enquanto ele desenhava a sua cara. Fazia com que Concépcion parecesse, se não idealmente bela, pelo menos digna e graciosa. Ela tinha bons ossos, uma boca delicada, um maravilhoso traçado de rugas na testa e gravado dos dois lados do nariz, pelo qual Dolores nunca se interessara até ver as formas que o artista fazia a partir dele. Os seus esboços de Concepción aumentavam a noção que tinha de não ser, ela própria, bonita. Nunca dirigia a palavra ao homem, mas trabalhava furiosamente na sua presença, pisando os alhos no almofariz, cortando os filetes do peixe com concentração e habilidade, sovando a massa, executando uma tatuagem de sons com o cutelo, como uma saraivada, reduzindo as cebolas a fragmentos finos de luz translúcida. Sentia-se como um espaço opressivo de escuridão ignorada, um fardo de sombra lastimável nos cantos da sala que o artista registava febrilmente.

Oferecera a Concepción uma pintura a óleo que fizera, de peixes brilhantes e ovos brancos e sólidos num

prato de barro lascado. Dolores não sabia por que esta pintura a comovia. Era um disparate que tinta de óleo sobre madeira fizesse ovos e peixes parecerem mais reais, quando o eram menos. Mas fazia. Ela nunca se lhe dirigia, mas suspeitava de que, se começasse a fazê-lo, ele poderia vir a dar-lhe também um pedaço de luz na escuridão para ela guardar como um tesouro.

Domingo era o dia pior. Aos domingos, depois da missa, a família recebia visitas. Recebiam família e amigos, o prior e, ocasionalmente, o bispo e o seu secretário. Sentavam-se a conversar, e a Doña Conchita voltava os olhos negros e a cara comprida e pálida para ouvir os padres, que diziam graças piedosas e faziam juízos severos sobre o estado do país, e da Cristandade. Não havia criados suficientes para servir, com a prontidão necessária, os doces e os bolos, os ponches e as geleias, as codornizes e as tartes. Por isso, era por vezes necessária a ajuda de Dolores, não só para levar e trazer pratos como para servir, o que ela fazia de má vontade. Não baixava os olhos com modéstia, como devia, mas olhava fixamente em volta com ar zangado, observando as convoluções do pescoço de Doña Conchita com o seu bonito colar, o bater do seu bonito pé, dirigido não ao padre a cujas palavras ela prestava atenção com ar sério, mas ao jovem Don José no outro lado da sala.

Dolores pousou um prato quente de pimentos em azeite com tanta força na mesa que o barro se despedaçou, entornando azeite e especiarias na toalha de damasco. Doña Ana, a governanta de Doña Conchita, ralhou-lhe sem parar durante um minuto inteiro, amcaçando-a com despedimento, abatimento no ordenado, não só por ter sido desajeitada como pela insolência.

Dolores pôs-se a andar novamente para a cozinha, não com passos furtivos, mas movendo as pernas grossas como carvalhos ambulantes, e começou aos gritos. Não era preciso despedi-la, ela ia-se embora. Isto não era vida para um ser humano. Ela não era pior do que *eles*, e era mais útil. Ia-se embora.

O pintor estava no seu canto a comer as enguias e *alioli* feitos por ela. Pela primeira vez, dirigiu-se-lhe, comentando que lhe ficara a dever muito, nas últimas semanas, pelo seu nariz apurado para as ervas, pelo seu tacto com o açúcar e as especiarias, pelo seu domínio do doce e do amargo, dos sabores fortes e dos suaves. És uma verdadeira artista, disse o pintor, gesticulando com o garfo.

Dolores virou-se contra ele. Não tinha o direito de fazer pouco dela, disse-lhe. Por ser um verdadeiro artista, era capaz de mostrar em ovos e peixes luz e beleza que uma pessoa nunca antes vira, e que, a partir daí, veria sempre. Ela fazia pastéis e pratos que saíam belos da cozinha e regressavam amassados e desfeitos – eles não reparam no que comem, estão demasiado ocupados a falar, e não comem a maior parte, para não engordar, excepto os padres, que não têm outros prazeres. Mandam fazer as coisas só para as exhibir, para as exhibir, e dura apenas um minuto, até lhes espetarem a faca, ou as remexerem elegantemente no prato com o garfo.

O pintor inclinou a cabeça e observou a sua cara encarnada como observava as canecas de cobre, ou os objectos de vidro, semicerrando os olhos até ficar só uma fresta. Perguntou-lhe se conhecia a história, contada por São Lucas, de Cristo em casa de Marta e de Maria. Não, disse ela, não conheço. Sabia o catecismo e o que acon-

tecia aos pecadores no dia do Juízo Final, que estava na parede da igreja. E os mártires chacinados, que também estavam nas paredes da igreja.

Eram irmãs, contou o pintor, e viviam em Betânia. Jesus visitava-as, de tempos a tempos, e descansava em casa delas. Maria sentava-se a seus pés, a ouvi-lo falar, e Marta, atarefada com muitos afazeres, como diz São Lucas, queixou-se. Disse ao Senhor: «Não te importas que a minha irmã me deixe sozinha a servir? Pede-lhe, pois, que me venha ajudar.» E Jesus disse-lhe «Marta, Marta, cuidas e preocupas-te com muitas coisas; mas uma só é necessária, e Maria escolheu essa parte boa, que não lhe será tirada.»

Dolores ponderou o assunto, de sobrolho franzido. Disse: «É um homem que fala, isso é certo. Haverá sempre serviço, e alguém condenado a servir, e não terá qualquer escolha ou oportunidade quanto à parte *melhor*. Nosso Senhor podia criar pães e peixes do nada para a sua assistência, mas os simples mortais não podem. Assim, nós – a Concepción e eu – servimo-los enquanto eles têm a *parte melhor* que escolheram.»

E Concepción disse que Dolores tinha de ter mais cuidado, ou corria o risco de blasfemar. Devia aprender a aceitar a posição que Deus lhe dera. E apelou para o pintor, não devia Dolores aprender a estar satisfeita, a ser paciente? Lágrimas quentes brotaram dos olhos de Dolores. O pintor disse:

«De modo nenhum. Não se trata de aceitar a nossa posição no mundo tal como este é ordenado pelos homens, mas de aprender a não ter cuidados nem preocupações. Aqui a Dolores tem o seu próprio caminho até essa parte melhor, tal como eu tenho, e, como o

meu, começa na atenção aos pães e aos peixes. O que interessa não é que raparigas tolas remexam o seu trabalho no prato com o garfo, mas que o trabalho é bom, que ela entenda o que os sábios entendem, a natureza do alho e das cebolas, da manteiga e do azeite, dos ovos e dos peixes, dos pimentos, beringelas, abóboras e milho. A cozinheira, tal como o pintor, contempla a essência da criação. Não, como eu, na luz e nas superfícies, mas com todos os outros sentidos, com o paladar, olfacto e tacto, que Deus também pôs em nós para que lhes déssemos usos. Podes chegar à *parte melhor* pelo entendimento das emulsões, Dolores, pelo estudo da frescura e das orlas de decomposição nas hortaliças e na carne, pela adição de vinho e sangue e açúcar aos molhos, tão bem como eu, e provavelmente melhor do que as senhoras finas a torcerem os seus bonitos pescoccos para que a luz possa incidir sobre as suas bonitas pérolas. És muito nova, Dolores, e muito forte, e muito colérica. Tens de aprender *agora* que a lição importante – enquanto tiveres saúde – é que a divisão não é entre os que servem e os que são servidos, entre os ociosos e os trabalhadores, mas entre aqueles que estão *interessados* no mundo e na sua multiplicidade de formas e forças e aqueles que simplesmente subsistem, preocupando-se ou bocejando. Quando pinto ovos e peixes e cebolas estou a pintar a divindade – não apenas porque os ovos se tornaram um símbolo da Ressurreição, como as raízes adormecidas com rebentos verdes, não apenas porque as letras do nome de Cristo compõem a palavra grega para peixe, mas porque o mundo está cheio de luz e vida, e o verdadeiro crime é não se interessar por ele. Tens uma maneira de lá entrar. Agar-

ra-a. Pode acabar por ser uma saída, também, como todos os talentos. A Igreja ensina que Maria é a vida contemplativa, que é mais elevada do que o caminho de Marta, que é a vida activa. Mas qualquer pintor deve questionar-se, qual delas é o quê? E uma cozinheira também contempla mistérios.»

«Não sei», disse Dolores, franzindo o sobrolho. O pintor inclinou a cabeça para o outro lado. A cabeça dela encheu-se momentaneamente de imagens de esqueletos de peixe, do redemoinho dourado de ovos e azeite na tigela, do padrão dos músculos da espádua de uma cabra. Ela disse: «Não é nada, o que eu sei. Acaba-se num instante. É cozinhado ou comido, ou estragou-se e dá-se aos cães, ou atira-se fora.»

«Como a vida», disse o pintor. «Comemos e somos comidos. E temos sorte se chegarmos aos setenta anos, o que é menos do que um clarão aos olhos de um anjo. O entendimento persiste, por algum tempo. No teu ofício e no meu.»

Ele disse: «O teu olhar carrancudo é, em si mesmo, uma força poderosa. Tenho uma ideia para uma pintura de Cristo em casa de Marta e de Maria. Deixas-me desenhar-te? Reparei que não estavas nessa disposição.»

«Não sou bonita.»

«Não. Mas tens poder. A tua cólera tem poder, e tu própria tens poder, para além disso.»

Meteu-se-lhe na cabeça, por isso, ao longo das semanas e dos meses em que o pintor, de tempos a tempos, as visitava, e a desenhava e a Concepción, ou comia o seu *alioli* e jantava os seus pimentos encarnados e as suas passas de uva, elogiando os sabores, que ele a faria

Enrique Vila-Matas

*Viagem a Uma Rua de Paris
e à Origem dos Telefones Portáteis*

Tradução de Luísa Costa Gomes

Enrique Vila-Matas (1948-). Nasceu em Barcelona e é autor de uma extensa obra narrativa que tem sido traduzida para onze línguas e que o situam nos últimos anos entre os mais importantes e originais escritores espanhóis. Entre as suas criações literárias, podem citar-se *A Assassina Ilustre* (1977), *Impostura* (1984), *História Abreviada da Literatura Portátil* (1985), *Uma Casa para Sempre* (1988), *Suicídios Exemplares* (1991), *Filhos sem Filhos* (1993), *Longe de Veracruz* (1995), *Estranha Forma de Vida* (1997), *A Viagem Vertical* (1999), *Bartleby e Companhia* (2000), *O Mal de Montano* (2002, Prémio Herralde de Romance) e *Paris Nunca se Acaba* (2004). Entre os seus artigos e ensaios literários destacam-se «O Viajante mais lento» (1992), «O fato dos domingos» (1995) e «Para acabar com os números redondos» (1997). Venceu o prestigioso prémio literário Rómulo Gallegos pelo seu romance *A Viagem Vertical*. *Viagem a Uma Rua de Paris e à Origem dos Telefones Portáteis* é um texto inédito, originariamente escrito para o livro *Paris Nunca se Acaba*.

«Nesse tempo – escreve Hemingway em *Paris Era Uma Festa* – não havia dinheiro para comprar livros. Eu ia buscá-los à *Shakespeare and Company*, que era a biblioteca e livraria de Sylvia Beach, no 12 da Rue de l’Odéon. Numa rua que o vento frio varria, era um lugar aquecido e alegre, com um grande aquecedor no Inverno, mesas e estantes de livros [...] e nas paredes fotografias de escritores tanto mortos como vivos. As fotografias pareciam todas instantâneos e até os escritores mortos pareciam estar realmente em vida.»

Este Verão fiz uma curta viagem dentro de Paris, fui ao 12 da Rue de l’Odéon fazer uma fotografia daquelas em que quando estiver morto hei-de parecer vivo. A verdade é que, até este Verão, sempre acreditara que a livraria nunca tinha fechado e que, portanto, a *Shakespeare and Company* que eu conhecia, que fica a dois passos de Notre Dame e é gerida por um mítico livreiro tuberculoso, era a mesma que a de Sylvia Beach.

Enorme equívoco, embora seja verdade que sempre suspeitei algo do género, pois em todas as ocasiões em que passei pela falsa *Shakespeare and Company* me pareceu que algo não batia certo e esse algo era a estranha ausência de uma varanda que eu vira em fotografias dos anos vinte: essa varanda do primeiro andar do prédio a que muitas vezes se agarrava o músico George Antheil quando perdia as chaves do seu apartamento e entrava pela janela.

Da existência de tal varanda também sabia por um livro de Noel Riley Fitch sobre Sylvia Beach e a *geração perdida*: «De cada vez que se esquecia da chave, George, perante o regozijo dos vizinhos, trepava até à varanda apoiando-se no letreiro da *Shakespeare and Company*. Quando vinha alguém à loja perguntar por ele, Sylvia chegava à porta principal e chamava-o. Nesse quarto, pelo qual pagava a Sylvia trezentos francos por mês, compôs o seu Quinteto, duas sonatas para violino, o celebérrimo *Ballet Mécanique* e outras peças menores.»

Este Verão finalmente vi, não como até aí, de forma tão errónea, *Shakespeare and Company* ou melhor, vi «essa rua fria que o vento varria» e vi o 12 da Rue de l'Odéon onde realmente existira a mítica livraria e vi enfim realmente a varanda a que Antheil trepava e à qual fingi subir para a minha mulher me tirar uma fotografia que guardo como uma preciosidade, já que passei metade da minha vida a querer imitar – embora só a fingir – a gesta escaladora do meu admirado Antheil que, em meados dos anos oitenta, converti num dos heróis de um livro que escrevi sobre conspirações de artistas especializados em viajar com maletas em que cabia perfeitamente toda a sua leve obra artística por-

tátil: «George Antheil vivia em duas assoalhadas que havia por cima da livraria e costumava entrar em casa pela janela escalando a fachada do estabelecimento. Conta Sylvia Beach, no seu medíocre livro de memórias, que todas as sextas-feiras se reuniam os conspiradores na livraria e, de vez em quando, incorporava-se um ou outro novo membro da sociedade de conjurados. E ao que parece foi também o inventor do método de encontrar artistas portáteis pelas ruas de Paris...»

No meu livro, Antheil passeava-se pelas ruas de Paris distribuindo, em perfeito silêncio e com gestos de conspirador, o alfabeto manual dos surdos. Com o alfabeto vinham umas instruções à primeira vista incompreensíveis mas que, se bem estudadas, acabavam por ganhar sentido e conduzir a pessoa que as decifrava à livraria de Sylvia Beach, onde era abordada por Blaise Cendrars, transeunte aparentemente distraído, que lhe fazia esta pergunta simples: «O senhor é surdo?» Daí a passar à conspiração dos portáteis era apenas um só e certo passo.

Este Verão postei-me, com a minha mulher, diante do 12 da Rue de l'Odéon e tirei uma fotografia do meu simulacro de escalada e recordei assim o Antheil que tinha ali vivido e também o Antheil que foi minha personagem, o Antheil a que adjudicara o papel de inventor do método de encontrar artistas portáteis. Tinha já dado por terminada a minha homenagem privada quando vi que um transeunte, um homem que provavelmente já passava dos setenta anos, nos tinha estado a observar e se aproximava agora de nós com ar conspirador. Por um momento, deixei-me levar por certos delírios de grandeza e imaginei que aquele transeunte

conhecia a minha obra e ia fazer-me uma pergunta simples: «O senhor é surdo?»

– Admiradores de Joyce? – perguntou-nos. O homem parecia-se bastante com o meu avô, embora o recorte dos seus olhos fosse oblíquo, e para cima. Talvez tivesse acabado de ler a placa que junto à varanda de Antheil informava que ali foi editado em 1922 o *Ulisses* de Joyce e que estivesse a usar isto para ganhar a nossa confiança para algum assunto turvo ou trivial, não se sabia, o mais provável era que estivesse sozinho na vida e quisesse meter conversa. Decidi complicar um pouco mais a possibilidade de estabelecer uma relação connosco.

– Não estamos aqui pelo Joyce, mas pela antiga livraria deste lugar – disse eu, esperando que nos deixasse em paz.

– Fazemos muitos disparates – disse o homem de repente, num tom entre o plúmbeo e o reflexivo. – É a única forma de deixar de os fazer é fazermo-nos velhos rapidamente. É o que eu acho – acrescentou. A frase soou-me como uma que dizia Orson Welles no fim de um filme. Mas isso era o menos. Pareceu-me que devia cortar rapidamente com aquilo, fazer sinal à minha mulher para que nos fôssemos embora.

– Divirto-me muito a envelhecer, estou ocupado o tempo todo – disse o homem. Parecia que tinha aprendido de cor uma monografia sobre a velhice. Achei irritante a atitude dele.

– Poucas pessoas sabem ser velhas – disse-lhe. E depois olhei para a minha mulher, para que colaborasse na fuga.

– Esperem – disse o homem – estive a observar-vos, vi a fotografia que tiraram, já sei ao que vieram,

não são admiradores de Joyce, mas do inventor dos telemóveis, do inventor dos telefones portáteis, não é assim?

Por mais assombroso que fosse, estaria a referir-se ao inventor do método de encontrar na rua artistas portáteis? Não parecia que tivesse falado exactamente disso, referira-se antes a telefones portáteis. Cria entender bem o seu francês, mas talvez não fosse isso.

– Portáteis? – disse, tratando de tirar dúvidas antes de me ir embora dali a correr.

– Vejo que não sabem do que falo – disse, com repentina, talvez involuntária, voz de conspirador.

– Não muito – sussurrei –, não muito.

– De George Antheil – disse, mudando de voz, agora com um tom contundente, impróprio de um conjurado. A minha mulher parecia olhá-lo com ternura e escutar com assombro e interesse o que o homem dizia.

– Que sabem de Hedy Lamarr? – perguntou-nos à queima-roupa.

– Foi a actriz mais bonita da sua época, sempre me disseram que a minha mãe se parecia com ela – respondeu a minha mulher, que parecia divertida com aquele estranho encontro.

– A sua vida foi muito interessante – disse o homem –, triunfou em Hollywood e depois inventou com Antheil os telefones portáteis.

Quase não conseguia já dar crédito ao que ouvia. A ser certo aquilo, a realidade adiantava-se sempre à ficção. E a verdade era que tudo aquilo parecia certo, não havia nenhum sinal de demência no homem que, além disso, à medida que falava, ia revelando uma personalidade agradável.

– Uma tarde, durante a Segunda Guerra Mundial – pôs-se o homem a contar e por pouco não nos hipnotizava – enquanto estava sentada ao piano com George Antheil, Hedy Lamarr teve a ideia de aplicar uma das técnicas musicais de George ao controlo remoto dos mísseis de guerra...

Ao voltar a Barcelona perguntei, investiguei e consegui saber que é absolutamente certo tudo o que o homem nos contou, ali, de pé, nessa rua que na época de Hemingway «o vento frio varria». Com efeito, a actriz e Antheil inventaram o «comutador de frequências», que possibilitou o aparecimento dos telefones portáteis. Inventaram-no nos dias em que um sinal de rádio emitido a uma determinada frequência pelas tropas americanas para controlar um torpedo podia ser facilmente interceptado e bloqueado pelo exército alemão. Antheil e Lamarr perguntaram-se por que não emitir então a frequências distintas, uma em cada intervalo de tempo, e segundo uma sequência que pudesse variar em cada ocasião.

A ideia, simples, requeria, no entanto, uma solução prática. Para isso, Hedy e George, que passaram longas vigílias sentados num tapete do patamar de entrada da mansão de Hedy simulando vários engenhos com fósforos e uma cigarreira de prata, desenharam um dispositivo inspirado nos rolos perfurados das pianolas e nas cacofonias de algumas experiências musicais de Antheil, sobretudo no seu *Ballet Mécanique*, escrito na Rue de l'Odéon, em que dezasseis pianolas tocavam simultaneamente na mesma sala, sincronizadas por um mecanismo desse tipo. O invento é complicado de des-

crever, mas o certo é que conseguiram inventar uns rolos perfurados que sincronizavam e comutavam as suas frequências e tornavam ininteligíveis as mensagens aos intrusos alemães que tentavam interceptá-las. Hedy e Antheil contribuíram decisivamente para a vitória dos Aliados na Segunda Guerra Mundial. Depois, o invento foi esquecido durante uns tempos, parecia difícil aceitar a ideia de que uma pianola dentro de um torpedo tivesse ajudado a resolver o conflito bélico. Até que novos avanços da técnica acabaram por redescobrir o comutador de frequências que abriria caminho à telefonia móvel. Portanto, Antheil, em colaboração com Lamarr, foi o precursor dos telefones portáteis. Os nossos móveis nada seriam sem o 12 da Rue de l'Odéon, onde Antheil se dedicou à poética das pianolas da arte portátil.

– Para que depois digam que a arte não serve para nada – concluiu o transeunte. Propusemos-lhe que fosse almoçar connosco, ainda faltava atar muitas pontas soltas na história.

– Não posso acompanhar-vos, nem demorar-me mais, lamento, fica para outro dia – disse, num tom educadíssimo – vou agora precisamente comprar um telefone portátil que me faz imensa falta e receio que me fechem a loja; outro dia, senhores, outro dia.

Disse-o e seguiu o seu caminho, descendo por uma Rue de l'Odéon que, naquele dia de Verão um ar quente, que o homem parecia transportar, varria de cima a baixo. Cedo nos desapareceu da vista, dobrou uma esquina e nesse momento tocaram as badaladas de uma igreja próxima. Pareceu-me que davam a hora a todos os telefones portáteis do mundo: sonoro ferro escuro.

Ao mudar de rua, senti que a minha viagem tinha terminado, que a rua em que agora estava era outra viagem.

Nota do autor:

Viagem a Uma Rua de Paris e à Origem dos Telefones Portáteis é um texto que estava destinado a ser incluído no meu livro *Paris Nunca Acaba*, mas que à última da hora resolvi excluir do conjunto, devido a ter essencialmente considerado que tinha uma extensão desproporcionada, comparada com a dos fragmentos que tinha a seu lado (pareceu-me que podia cortar o ritmo do livro). Creio que o relato tem o encanto dos excluídos, o encanto dessas peças que, às vezes caprichosamente, o autor condena ao exílio para que vivam no desespero do silêncio.

Joga-se, por outro lado, neste relato com a palavra «portátil», palavra estreitamente ligada ao livro que mais sorte me trouxe no começo da minha escrita: *História Abreviada da Literatura Portátil*. Durante algum tempo fui considerado um escritor portátil pelos meus leitores. E não podia estar mais longe de suspeitar que um dia haveria de escolher para capa do meu livro *Da Cidade Nervosa* uma fotografia da atriz Hedy Lamarr, só por ser bonita e porque sabia que, quando era nova, a minha mãe era comparada com a atriz. Quis o acaso que, pouco antes de publicar o livro sobre Barcelona vista como cidade nervosa, tenha sabido que Hedy Lamarr não foi apenas atriz, mas que inventou, com o músico George Antheil (que tivera papel destacado na minha *História Abreviada da Literatura Portátil*) os telefones portáteis. Pensei haver ali qualquer coisa que me atingia e escrevi sobre isso, que me pertencia e de que não sabia – nem agora sei – o porquê. Como continuo sem o saber, também continuo sem telemóvel, o que no meu país é considerado esquisito.

FICÇÕES n.º 1 (1.º semestre de 2000)

Edgar Allan Poe | Machado de Assis | Anton Tchekov | Italo Svevo | Paul Auster | Agustina Bessa-Luís | Jaime Rocha | Fernanda Cachão | Pedro Mexia

FICÇÕES n.º 2 (2.º semestre de 2000)

Denis Diderot | Horace Walpole | Franz Kafka | Vladímir Nabókov | Maria Velho da Costa | Teresa Veiga | Isabel Boavida | Cláudia Clemente

FICÇÕES n.º 3 (1.º semestre de 2001)

Guy de Maupassant | Herman Melville | S. Y. Agnon | Dino Buzzati | Mário de Carvalho | José Eduardo Agualusa | Mendes A. | José Luís Peixoto

FICÇÕES de férias (Julho de 2001)

Anton Tchekov | M. Teixeira Gomes | Ernest Hemingway | Vladímir Nabókov | Flannery O'Connor | John Cheever | Julio Cortázar | Clarice Lispector | John Updike | David Lodge

FICÇÕES n.º 4 (2.º semestre de 2001)

Ambrose Bierce | Henry James | Gertrude Stein | Marcel Aymé | Margaret Arwood | Armando Silva Carvalho | Hélia Correia | Tiago Salazar

FICÇÕES n.º 5 (1.º semestre de 2002)

Heinrich von Kleist | Tommaso Landolfi | Jorge de Sena | Susan Sontag | Hans Dekkers | José Mourão | Brigitte Martinez

FICÇÕES de comer (Julho de 2002)

Marcel Schwob | O. Henry | M. Teixeira Gomes | Robert Walser | Heinrich Böll | William Maxwell | José Cardoso Pires | Dino Buzzati | Woody Allen | Graham Greene | István Örkény | Patricia Highsmith | Andre Dubus | Kazuo Ishiguro

FICÇÕES n.º 6 (2.º semestre de 2002)

Voltaire | Conde de Ficalho | Edith Wharton | Franz Kafka | Vladímir Nabókov | Natalia Ginzburg | Kóstas Takhtzís | Giuseppe Pontiggia | Mary Lydon

FICÇÕES de humor (Abril de 2003)

Boccaccio | Marquês de Sade | Fiódor Dostoievski | O. Henry | Jerome K. Jerome | Saki | P. G. Wodehouse | Enrique Jardiel Poncela | Ring Lardner | Dezsö Kosztolányi | James Thurber | Boris Vian | Mário Benedetti | Woody Allen | Raymond Queneau | Alexandre O'Neill

FICÇÕES n.º 7 (1.º semestre de 2003)

Guy de Maupassant | Katherine Mansfield | Robert Musil | Goerges Perec | Maria Ondina Braga | André Ricardo Aguiar

FICÇÕES de bichos (Julho de 2003)

Machado de Assis | Aquilino Ribeiro | Virginia Woolf | Graciliano Ramos | Carlos de Oliveira | Bernard Malamud | Jorge de Sena | Ingeborg Bachmann | Agustina Bessa-Luís | Panos Karnezis | Maria Velho da Costa

FICÇÕES n.º 8 (2.º semestre de 2003)

Ramalho Ortigão | Elizabeth Bishop | Ray Bradbury | Villiers de L'Isle-Adam | Doris Lessing | Augusto Abelaria | José Rodrigues Miguéis

FICÇÕES n.º 9 (1.º semestre de 2004)

Prosper Mérimée | Leopold von Sacher-Masoch | Júlio Dantas | Cesare Pavese | Hannes Pétursson | Fernando Sorrentino | Robert Coover | Óscar de Sá | Artur Manuel Pires

FICÇÕES de guerra (Julho de 2004)

Alexandre Herculano | Villiers de L'Isle-Adam | Rudyard Kipling | William Carlos Williams | Andrei Platónov | Graham Greene | José Martins Garcia | Giuseppe Pontiggia

FICÇÕES n.º 10 (2.º semestre de 2004)

Guy de Maupassant | H. G. Wells | Zhang Tianyi | Jane Bowles | E. M. Forster | John Updike | Ingo Schulze

FICÇÕES n.º 11 (1.º semestre de 2005)

André Gide | Witold Gombrowicz | Italo Calvino | Albert Camus | Ethan Coen | Gianni Celati

FICÇÕES de filmes (Julho de 2005)

Gérard de Nerval | Fedor Dostoievski | Ernest Hemingway | F. Scott Fitzgerald | Jorge Luis Borges | Ingmar Bergman | Paul Auster

FICÇÕES n.º 12 (2.º semestre de 2005)

Heinrich von Kleist | Gérard de Nerval | Heinz von Lichberg | Paul Valéry | Branquinho da Fonseca | John Cheever | A. S. Byatt

Pode colaborar com a *Ficções*, enviando os seus contos para: *Editorial Caminho – Revista Ficções*

O envio de contos supõe a autorização para a sua publicação, se seleccionados pela direcção da revista, na edição em papel ou na sua versão *online* no site *www.ficcoes.net*

A primeira página dos originais enviados deverá incluir um nome e e-mail para contacto.

Os pedidos de assinatura ou de números atrasados da revista devem ser enviados, acompanhados do respectivo cheque de pagamento, para:

Editorial Caminho

Revista *Ficções*

Av. Almirante Gago Coutinho, 121

1700-029 Lisboa

Poderá também fazer o seu pedido e o respectivo pagamento por e-mail para:

ficcoes@editorial-caminho.pt

Assinaturas

PORTUGAL

2 Números (1 Ano) — 20 euros

4 Números (2 Anos) — 35 euros

EUROPA

2 Números (1 Ano) — 25 euros

RESTO DO MUNDO

2 Números (1 Ano) — 30 euros

Números atrasados (cada):

do n.º 1 ao n.º 6 — 6 euros

do n.º 7 ao n.º 8 — 8 euros

do n.º 9 ao n.º 10 — 10 euros

Números especiais (temáticos) — 3,99 euros (cada)

Grande parte das traduções incluídas na *Ficções 13* são fruto de uma Oficina de Tradução Literária que teve lugar na Biblioteca da Universidade Católica entre Outubro e Dezembro de 2005. Graça Macedo, Ana Gomes, Sara Fevereiro e Luís Rodrigues escolheram e trabalharam os contos que agora publicamos e que nos permitem incluir pela primeira vez na *Ficções* os nomes de Ursula Le Guin, com um dos seus contos mais antologados e já quase «clássicos», *Daddy's Big Girl (A Menina Grande do Papá)*, em tradução de Ana Gomes) e de M. John Harrison, grande autor da ficção científica e do fantástico pós-moderno, com *Egnaro*, em tradução de Luís Rodrigues. De Katherine Mansfield, *As Filhas do Defunto Coronel*, uma nova tradução de Graça Macedo de um dos contos de referência da autora; e de Elizabeth Bishop, *Os Filhos do Lavrador*, em tradução de Ana Gomes. De Antonia Byatt, Sara Fevereiro traduziu *Cristo em Casa de Marta e de Maria*, um texto bastante representativo de um dos aspectos mais importantes da escrita de Byatt, a sua relação privilegiada com a pintura. Tardava a inclusão de George Sand, a fascinante figura tão notória como desconhecida no nosso tempo enquanto autora. O seu conto irónico e paródico, *Garnier* – o original está *online* num dos *sites* que lhe são dedicados – inédito em português, aparece aqui numa versão assumidamente criativa de Amadeu Lopes Sabino, para nos revelar uma escritora imaginativa, fina, cheia de verve, propondo em *Garnier* uma paródia das convenções do Romantismo que ela própria popularizou. Por fim, Enrique Vila-Matas descreve, no inédito *Viagem a Uma Rua de Paris e à Origem dos Telefones Portáteis* (tradução de Luísa Costa Gomes), um curioso encontro que se poderia classificar de verdadeiramente serendipitoso...

ISBN 972-211-796-3



9 789722 117968

PVP: € 12,00